

COISAS DIFÍCEIS DE RESSUSCITAR



JULIANA GARBAYO

Biblioteca
Paraná 

Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Superintendente-geral da Cultura

Luiz Felipe Leprevost

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha

Jurados

Domingos Pellegrini e Giovana Madalosso

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Garbayo, Juliana

Coisas difíceis de ressuscitar [livro eletrônico]/ Juliana
Garbayo. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.
161 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria contos"

ISBN 978-65-89223-18-4 (e-book)

PDF

1. Contos brasileiros. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.3

COISAS DIFÍCEIS DE RESSUSCITAR

JULIANA GARBAYO

SUMÁRIO

- 5 NUM DESSES DOMINGOS
- 7 UM TEMPO PARA CADA COISA
- 20 SÓ POR HOJE
- 24 ACONTEÇA O QUE ACONTECER, NÃO MERGULHE NO MAR DE AZOV
- 34 GAMELEIRA-BRANCA
- 38 BRINGING IT ALL BACK HOME
- 48 DÚVIDA
- 50 O ANTIQUÁRIO DA MADAME BERNARD
- 59 NO HOSPITAL
- 62 CUMPLICIDADE
- 73 A MOLDURA
- 79 AÇUCENA
- 85 ANDAR CINCO CORREDOR UM
- 88 AQUI O MAR OS ESCOMBROS VOCÊ
- 95 COISAS DIFÍCEIS DE RESSUSCITAR
- 101 ANFÍBIOS
- 106 PORCOS DE ABATE
- 122 THELMA & LOUISE
- 130 NÃO SABIA QUE VOCÊ GOSTAVA DE CIRCO
- 142 RAINHA DO RODEIO
- 149 ZOMBIE WORMS

NUM DESSES DOMINGOS

Naquele guisado havia dor, havia mágoa e desespero naquela carne, nas batatas cuidadosamente descascadas e cortadas; mas era a raiva, acima de tudo, o que ela servia na bandeja pousada entre nós. Houve um tempo em que a comida era ponte, agora aterrissava ali como pedra que marca fronteira: Come, ela disse, sem fazer menção de me servir. Não tenho fome, respondi simplesmente, sem levantar os olhos da mesa. Não tenho outra coisa pra te oferecer, as palavras saíram da sua boca mais como pensamento do que como fala. Há tempos não quero nada que você possa oferecer, eu disse, e senti o alívio que era me libertar do fardo dessa verdade.

Em outra época, ela teria me servido com devoção e paciência, só então se sentaria e serviria a si mesma; já havia meses que não se dava esse trabalho, às vezes sequer me esperava, discretas desvenerações que ia pouco a pouco me empurrando. Elisa se inclinou em direção à comida, mas só descansou os cotovelos dobrados sobre a mesa, trazendo o resto do corpo bem devagar atrás, como se seus gestos tivessem sido decompostos em câmara lenta. Uniu as mãos em concha e repousou ali a

cabeça; ótimo, lá vêm as lágrimas, pensei, com profundo cansaço; mas não, as mãos deslizaram pelos cabelos até a nuca e ela levantou o rosto: tinha os olhos secos. Ficamos ali sentados, sentindo a força quase opressora de um silêncio antigo, o único barulho sendo o tique-taque do relógio pregado na parede.

É ele o culpado, tive vontade de gritar, esse demônio implacável cujo movimento fingimos acompanhar com ponteiros ordinários, ele que ri da nossa cara enquanto nos come lentamente, engole a sua beleza e a minha dignidade, você não vê?, a única refeição aqui somos nós; somos nós o seu alimento. Elisa afastou os lábios como se fosse falar, e por um momento acreditei que meus gritos mudos tinham transposto a distância entre nós, mas ela logo os fechou novamente e voltou à imobilidade, só interrompida de vez em quando para espantar duas moscas que rondavam a comida. Continuamos sentados por um bom tempo, sem dizer palavra, o tique-taque do relógio preenchendo cada vez mais a pequena sala onde outrora fomos felizes, até que sem qualquer aviso ela se levantou e sumiu no corredor, não sem antes apagar a luz como se eu não estivesse ali, como se eu não existisse, o último ato de desrespeito em uma lista já longa demais. Fiquei ali sozinho enquanto meus olhos gradualmente se acostumavam à penumbra do luar e as moscas passeavam despreocupadas pelo nosso jantar de domingo.

um tempo para cada coisa

S into muito, não conseguimos salvar seu pé. Só lembro dessa frase saindo da boca do doutor Taylor, mas claro que ele começou a falar comigo bem antes disso, assim que acordei da anestesia. Perguntou se eu lembrava de ter batido com a moto. Disse que era segunda-feira, oito de abril e que estávamos no segundo andar do Hospital Santa Eustáquia de Messina, que os bombeiros tinham serrado as feragens pra soltar meu pé e que eu tinha chegado inconsciente na ambulância. Nesse ponto decidi que estava tendo um pesadelo e fechei os olhos pra ver se doutor Taylor e aquela náusea sumiam. Quando os abri de novo, o quarto era o mesmo, mas doutor Taylor tinha desaparecido e era tia Esther na poltrona de couro amarelado me olhando. Pulou da poltrona como quem presencia um milagre: Graças a Deus, meu filho! Chegou perto da cama, pousou a mão quente no meu braço: Como você está?

Fazia meses que eu não via tia Esther, talvez anos. Ficamos próximos quando minha mãe morreu, mas depois ela se casou de novo, foi morar em Resende e passamos a nos ver só em datas festivas, como

Natal ou aniversário da vó Clotilde. Então vó Clotilde também morreu e a família se dispersou. Tia Esther se separou e voltou ao Rio, mas sem a matriarca pra nos unir, continuamos assim, cada um no seu canto. De vez em quando ela ligava, perguntava como iam as coisas e conversávamos amenidades; ela me falava da Glorinha e desligávamos dizendo que precisávamos marcar um encontro. Ela alisou meu rosto com a mão livre: Eu vim assim que soube, meu filho. Você vai ficar bem, vamos vencer isso juntos. Eu quis sorrir, mas nesse mesmo momento percebi que minhas mãos estavam amarradas à cama, cobertas por grossas faixas de gaze, como duas luvas de boxe. Tia Esther seguiu meu olhar: Você tava muito agitado, começou a gritar quando doutor Taylor contou... bem, você sabe... — ela hesitou, mas depois pousou as duas mãos na minha e continuou, como quem decide que é hora de enfrentar a tempestade — quando ele contou do seu pé. Tiveram que te sedar, então amarraram suas mãos, pro caso de você acordar desorientado. Mas vou chamar a enfermeira, ela já vai te soltar. Tia Esther apertou o interruptor pendurado na cama.

Era verdade. Tinham amputado meu pé.

Um nó estrangulou minha garganta, mas segurei as lágrimas, porque tive medo de não me soltarem se começasse a chorar. Alguém deu duas batidas na porta, mas a abriu sem esperar autorização. Uma enfermeira

gorda e sorridente entrou apressada e, logo atrás dela, Glorinha. De vestido florido e rabo de cavalo.

Primo, que bom que você acordou! Tô tão feliz que você tá bem!

Veio até à cama e beijou minha testa, depois sentou no sofá e ficou me olhando com olhos grandes e negros, até a enfermeira ocupar o espaço entre nós e perguntar, à maneira das enfermeiras: Então, como estamos hoje?

Antes que eu pudesse responder, emendou: Vamos soltar essas mãozinhas... Vou mandar trazer sua dieta, tá com fome?

Não sei, respondi.

Ela sorriu. Vou mandar vir assim mesmo, tenta comer um pouquinho, vai te fazer bem. Depois me olhou satisfeita, como quem aprecia um trabalho bem-feito e recém-terminado, e foi embora dizendo: qualquer coisa chama, vou te deixar com essas moças bonitas, e piscou pra tia Esther. Então ela saiu e não consegui segurar mais, embora não quisesse chorar na frente da Glorinha. Chorei feito um condenado. Chorei como nunca tinha chorado antes. Nem no enterro da minha mãe chorei tanto assim. Lágrimas quentes e grossas pingavam do meu rosto e encharcavam a camisola branca do hospital, tia Esther e Glorinha segurando minhas mãos, uma de cada lado da cama.

Eu ainda devia estar cheio de remédio no corpo, porque mais uma vez adormeci sem saber como, e,

quando abri os olhos de novo, só tia Esther estava ao meu lado. Disse que doutor Taylor tinha passado há menos de meia hora, que estava tudo bem comigo e que seu fizesse muita fisioterapia logo, logo podia botar uma prótese.

Prótese.

Eu ainda não tinha visto minha ausência de pé. Ela estava enfaixada e não doía. Uma fisioterapeuta veio mais tarde nesse dia, se apresentou e disse que ia *trabalhar* comigo pra tornar minha reabilitação a mais tranquila possível. Depois falou que ia começar já a mobilizar meu *coto*. Foi a primeira vez que alguém se referiu ao meu pé assim. Foi um choque, mas o jeito como ela disse *mobilizar o coto* foi tão normal que senti um alívio de alguma coisa que não sabia o que era, como aquelas pessoas que dizem “desculpa alguma coisa” quando saem da sua casa. Foi assim que me senti, grato “por alguma coisa”, quando ela levantou meu coto enfaixado de um jeito muito suave e perguntou: dói?

Não, mas coça, eu disse, parece que um mosquito me picou na sola do pé.

Isso é bom, ela respondeu, sinal que tá cicatrizando.

Enquanto mobilizava meu coto, ela ficou conversando comigo, perguntou o que eu fazia, se morava sozinho, o que eu gostava de ver na TV. Depois disse que o hospital tinha um grupo de autoajuda pra amputados que podia me auxiliar muito no futuro. Não respondi,

mas ela não pareceu se importar, continuou mexendo no meu tornozelo por um tempo e então disse: tá bom por hoje, amanhã eu volto.

Tia Ester não dizia coto com a mesma naturalidade que a fisioterapeuta, mas eu sabia que ela estava dando o melhor de si. Já ouviu falar de luto não reconhecido?, ela perguntou.

Eu não estava a fim de conversar, então só fiz que não com a cabeça.

É quando a gente tá sofrendo muito por uma perda, mas as pessoas não reconhecem. Quando sua mãe morreu, por exemplo. Você ficou muito triste e todo mundo entendia, todo mundo respeitava. Mas tem lutos que a sociedade entende menos, reconhece menos. Como a perda de um pé. Não vou deixar isso acontecer com você, Heitor. Você tem todo direito ao seu luto. A gente vai enterrar seu pé.

Então ela me explicou que tinha requisitado meu pé à equipe de cirurgias, mas precisava da minha assinatura, e ficou repetindo que não ia deixar meu pé ser incinerado como um pedaço de carne qualquer, nem enterrado em vala comum, que ela tinha ligado pra funerária e acertado tudo para dar um enterro digno ao meu pé, que ele ia descansar no jazigo com a minha mãe e a minha avó.

Não sei explicar o quanto aquilo me apavorou. Meu pé enterrado junto com os mortos, uma parte de

mim morta, já, tão logo, como se eu já tivesse começado a morrer, como se eu estivesse morrendo em prestações, um pedaço de mim apodrecendo. Larvas devorando meu pé. Mas não tive forças para me opor a nada, e era reconfortante ter minha tia ali, fazendo as vezes de minha mãe, decidindo coisas por mim, ligando pra funerária, conversando com os médicos, resolvendo o enterro do pé.

Ela tirou uma caneta da bolsa e me deu uma prancheta com um papel pra assinar. Apoiei a prancheta na grade da cama, aqui, ó, nesse xis, ela disse, e apontou uma linha em branco.

Assinei e devolvi a prancheta pra ela.

Glorinha quer falar contigo, ela disse, você tá se sentindo bem? Ela pode entrar?

Claro, tia, respondi.

Ela tirou o celular da bolsa, digitou alguma coisa e cinco minutos depois Glorinha apareceu com uma Coca-Cola na mão, cheirando a chiclete de uva, cabelos presos num rabo de cavalo alto.

Glorinha era dois anos mais velha que eu. Dos quatro até uns doze ou treze anos, eu era louco por ela. Era mais alta e muito mais esperta. Uma vez, fomos de férias pra casa de praia da vó Clotilde e, quando estavam todos vendo TV na sala, ela cochichou no meu ouvido: Heitor, quer ver minha perereca? *Bora* lá no banheiro, eu te mostro ela e você me mostra o seu. Entramos no

banheiro e ela apagou a luz: pronto, agora a gente abaixa as calças, conta até cinco e acende a luz, tá? Eu já estava abrindo o zíper, a testa molhada de tensão, querendo perguntar se era pra ficar segurando a bermuda e a cueca com as mãos ou deixar tudo cair no chão. Então, ela contou: um, dois, três, quatro, cinco, e acendeu a luz. Estava vestida. Deu uma boa olhada no meu pinto e fugiu pra sala, gritando desesperada, como se tivesse visto uma barata gigante. Subi as calças correndo enquanto a família toda acudia, o que foi, Glorinha, pelo amor de Deus? Nessas mesmas férias, fomos catar tatuí na praia pra vó fritar e a gente comer misturado com arroz. Os pequenininhos eram os melhores, pareciam batata-palha crocante. Levamos um balde pra beira do mar e passamos horas sentados na areia, naquele ponto onde a onda alcança depois de quebrar e escorrer. A gente enfiava as mãos na areia e jogava os tatuís pra cima, eles corriam na direção do mar tentando se enterrar de volta, cavando com as patas de trás, e nessa hora a gente agarrava os menores e jogava no balde. Os grandões, parecidos com enormes besouros brancos cascudos, deixávamos ir embora. Uns tinham barriga rosada, vó Clotilde explicou que estavam cheios de ovas. Lembro bem da imagem da Glorinha nesse dia, as pernas magrelas fincadas na areia, os olhos apertados pra barrar o sol, os dedos enrugados de tanto mexer na água, o cabelo brilhando de areia. Ela estendeu a mão fe-

chada na minha direção: duvido você comer um desses vivo, disse, e abriu os dedos, mostrando um tatuí enorme e gordo de barriga rosa quase do tamanho da sua palma. O tatuí escavou a mão aberta da Glorinha com as pernas de trás, tentando se enterrar como se estivesse na areia, e ela fechou os dedos de novo. Eu, ansioso pra impressionar, peguei o tatuí da sua mão e enfiei inteiro na boca, ele fez cócegas na minha língua e eu mordi sem pensar duas vezes, senti a casca quebrar, as patas estilhaçarem, o corpo se desfazer em pedaços com a mastigação. Eca-aa!, ela gritou. Fez cara de nojo e saiu correndo como se eu fosse pestilento. Disse que nunca mais ia beber no mesmo copo que eu. Agora ela estava ali, no meu quarto de hospital, com vestido florido e rosto pálido e percebi, desconcertado, que uma parte de mim ainda era capaz de qualquer loucura para impressioná-la.

Eu e a mamãe arrumamos a casa pra te receber, primo. Você vai pra lá e fica o tempo que precisar.

Obrigado, Glorinha, mas prefiro ir pra casa mesmo, respondi. Eu não podia ficar dependente de ninguém. Tinha que lidar com isso sozinho, aprender a viver no meu novo corpo.

Mas você vai precisar de ajuda com a reabilitação, ela insistiu, com olhos de pedinte.

Eu me viro, falei.

Então Glorinha abaixou a grade da cama e sentou no colchão ao meu lado. Quero te contar uma coisa,

disse. Há dois anos descobri um caroço no ovário. Era benigno, não era câncer nem nada disso. Mas tive que tirar. Quando tiraram, era uma bola grande com cabelo e vários dentes dentro. Acredita?

Sério, Glorinha? Não consegui encontrar coisa melhor pra dizer.

Sério. Não é tão raro assim. Mas é feio. Ela se levantou do colchão e caminhou até o sofá: mas era parte de mim, né? Era eu também, um pedaço vivo meu. E tiveram que tirar. Meu ovário direito também. Tiraram. Agora só tenho o esquerdo. Ela franziu um dos lados da boca, como alguém que lamenta, mas está conformado: o que eu quero dizer é que sei como você se sente, primo. É uma violência arrancarem parte da gente assim.

Ela pegou a bolsa do sofá. O médico me deu meu tumor num potinho. — Glorinha abriu a bolsa e ficou segurando-a aberta, com as duas mãos, na frente do quadril. — Eu trouxe pra te mostrar. Quer ver?

Eu não disse nada. Não queria ver uma parte feia da Glorinha, um defeito, uma imperfeição, uma mácula na sua beleza. Por outro lado, me comovia ela me ofertar uma fraqueza assim, uma vulnerabilidade. Fiz que sim com a cabeça. Ela meteu a mão na bolsa e tirou um pote plástico com líquido dentro. Boiando no líquido, uma coisa disforme parecida com uma placa de couro velha, cor rosa-escuro, com três dentes alinhados igual unhas do pé e tufos emaranhados de cabelo castanho. Achei

inacreditável que uma coisa tão monstruosa tivesse saído da Glorinha, mas se ela achava que ter aquilo removido do corpo podia de alguma maneira longínqua ser comparado a ter o pé amputado, então ela não entendia absolutamente nada do que eu estava passando. Eu estava terrivelmente sozinho. Você é linda de qualquer jeito, Glorinha, eu disse, e devolvi o potinho.

No dia seguinte, a fisioterapeuta estava acabando de mobilizar meu coto quando tia Esther e Glorinha chegaram. Disseram que a funerária tinha levado meu pé, ele ia ficar na câmara fria até eu receber alta. Tia Esther disse que o sepultamento do meu pé seria uma boa ocasião pra visitarmos juntos o jazigo da família e levar flores pra minha mãe e vó Clotilde. Eu não disse nada. Meu coto estava coçando, mas eu não gostava de botar a mão ali. Além do mais, era perigoso tocá-lo, tinha risco de infecção.

Finalmente tive alta. Tia Esther conseguiu conciliar a data com o enterro do pé, então ela e Glorinha foram ao hospital me buscar. Estavam de preto. Glorinha se ofereceu pra carregar a sacola com minha escovadentes, meu pente e o pé direito do meu tênis, que eu não sabia se devia jogar fora ou não. Quis perguntar à fisioterapeuta se seria possível calçar a prótese com meus sapatos comuns, mas tive vergonha de ser tão ignorante e acabei não perguntando nada. Ela disse que eu estava progredindo bem e que, se continuasse assim, logo

teria uma vida normal de novo. Me entregou um cartão com agendamentos e orientações e escreveu à caneta no verso: “grupo de autoajuda — amputados” e um número de telefone. Eu disse que ia ligar e nos despedimos. Ela aplaudiu quando levantei da cadeira de rodas e fui até o carro só de muletas.

Minha mãe já estava morta havia muitos anos e eu nunca tinha ido visitá-la no cemitério, mas estava tão perturbado pelo enterro do pé que não consegui me concentrar nisso. Meu pé estava num caixão branco muito pequeno, parecido com um caixão de bebê. A tampa estava fechada. Minha tia achou que devíamos fazer uma oração, então demos as mãos e ela agradeceu por eu estar vivo. Ninguém quis dizer mais nada, por isso fizemos sinal ao coveiro pra levar o caixãozinho e fomos atrás em direção ao jazigo. Trouxeram uma cadeira de rodas porque o caminho era longo demais e fazia sol, além disso meus braços e axilas doíam com a pressão das muletas. Glorinha se ofereceu pra empurrar minha cadeira, mas mal percorremos cinquenta metros e tia Esther começou a chorar. O choro foi aumentando em uma bola de neve desenfreada. Então ela começou a soluçar de forma histérica enquanto dizia desculpa, filho, não sei o que me deu. Foi um alívio. Eu não queria assistir meu pé entrando no jazigo, então aproveitei a crise de choro da tia e mandei o coveiro prosseguir sozinho. Quis abraçar tia Esther, mas não conseguia le-

vantar da cadeira sem as muletas, por isso segurei suas duas mãos e disse: vai ficar tudo bem, tia, vou ficar bem, a senhora vai ver, vai dar tudo certo, e, enquanto dizia isso pra ela, eu dizia pra mim mesmo, e me acalmava, por isso repeti muitas vezes. Depois minha tia foi embora de táxi e Glorinha dirigiu até meu apartamento. Estacionou na calçada em frente. O porteiro correu em nossa direção, abriu a porta do carro pra mim e disse que estava feliz em me ver, depois ficou segurando a porta do elevador pra gente entrar.

O apartamento estava limpo e arrumado, graças a Glorinha e tia Esther. A geladeira estava cheia; muitas frutas, iogurte, leite, queijo e potes de vidro com comida caseira e pudim de pão preparados pela tia. Reparei que os tapetes da sala e do banheiro tinham sumido. Glorinha deve ter me visto olhando para onde os tapetes costumavam estar, porque falou: tiramos tudo que pudesse te atrapalhar a andar na casa, você não se importa, né? Sacudi a cabeça: claro que não. Poxa, Glorinha, não sei o que eu faria sem vocês.

Imagina, ela disse, família é pra isso. Depois ficou parada sem fazer menção de sentar nem de ir embora, e percebi que tinha algo a dizer, mas não perguntei o que era; ao invés disso sentei no sofá e continuei a olhá-la com o que esperava ser apenas um olhar de gratidão. Ela pendurou a sacola com meu único pé de tênis na cadeira da sala, alisou os cabelos e disse: tenho uma coisa

pra te dar. Tirou a mochila dos ombros e apoiou sobre a mesa, depois abriu o zíper e tive medo que ela me entregasse o potinho com seu tumor de pelos e dentes. Eu não saberia o que fazer com aquele pedaço repulsivo de carne. Ela enfiou a mão na mochila e tirou um livro preto de capa dura e folhas amareladas: é a Bíblia da vó Clotilde, quero que você fique com ela. Fez uma pausa e me olhou meio sem graça: queria que você lesse essa parte aqui, ó. Abriu a Bíblia onde havia um origami de cisne vermelho: Eclesiastes, número três. Marquei a página pra você. Promete que lê?

Prometo, Glorinha. Obrigado, eu disse.

Ela beijou minha testa, dissemos adeus e ela foi embora. Não levantei pra trancar a porta.

SÓ por Hoje

Sentei com Jonas na cozinha e contei tudo o que aconteceu. Jonas é meu anjo da guarda, é exatamente a pessoa pra quem devo contar esse tipo de cena. Mas mesmo com ele ouvindo sem reclamar, não deixo de me sentir mal em alugar seu ouvido num domingo ensolarado desses. Certeza que ele tem lugar melhor pra estar agora. Ou talvez não, talvez ser a tábua de salvação de viciados como eu seja a forma de ele se sentir superior, talvez ele adore esse tipo de coisa. Seja como for, conto tudo, desde o momento em que segurei a taça de champanhe porque fiquei sem graça de atrapalhar o brinde até a hora em que comecei a virar um copo de vodca atrás do outro.

“Foi aí que ele passou”, digo. “Quer dizer, ela. De David Bowie.”

“Mas era homem ou mulher?”, ele pergunta.

“Mulher, porra. Uma loira de cabelo curto. Vestida de David Bowie. Eu tava sentado no deque quando ela passou discutindo no telefone. Bonita mesmo. Passou discutindo no telefone e bateu o pé no chão. Bem na minha frente. Uma cena ridícula, imagina só,

bater o pé. Bem coisa de desenho animado. Vi que se alguém precisava de um drinque, era ela.”

A cafeteira do Jonas faz aquele barulho de bolhas gordas que as cafeteiras fazem quando o café fica pronto. Ele se levanta e enche nossas xícaras até a boca, depois põe duas colheres cheias de açúcar na minha. Ele sabe como gosto do meu café. A cozinha do Jonas é daquelas cozinhas americanas bem práticas, com fogão de placa sem forno e geladeira com filtro embutido na porta. Nada familiar, cozinha de gente solteira mesmo, não como a do meu apartamento, com aquela mesa gigante talhada pra eu me sentir miserável comendo lasanha de micro-ondas sozinho no escuro.

“Enfim, Jonas, a loira de David Bowie era gata. Sério mesmo. Aproveitei que eu tava de Bob Marley e puxei assunto, ofereci um gole de vodca japonesa pra ela experimentar. Ela pegou o copo da minha mão e virou numa tacada só. Aí perguntei se ela queria outra dose e foi comigo até o bar. Pediu um Negroni, acredita? Difícil mulher pedir Negroni. Mas foi o que ela pediu. Eu fiquei na vodca. Nem lembro do que a gente falou enquanto tomava esse drinque, eu já tava bem doido a essa altura. Só sei que fomos pro carro dela e de repente eu tava lá, beijando o David Bowie na boca. Já pensou, que doideira? Bob Marley e David Bowie se agarrando no estacionamento?”

“É.” Jonas só diz isso: “É”. Ele ergue e gira a xícara no ar, o líquido preto dá voltas e quase derrama nas

bordas. Ele sempre faz isso, mexe o café no ar pra não ter que sujar a colherzinha. E embroma até o café ficar frio. “E depois?”, pergunta.

Tiro um cigarro do maço e olho em volta procurando onde acender. A porra do fogão é de placa elétrica. “Tem fogo?”

Jonas tira do bolso um *Zippo* dourado com uma cruz celta em relevo e acende meu cigarro. Dou uma tragada forte. O silêncio na cozinha é tão grande que dá pra ouvir a brasa consumir a ponta do cigarro. Estendo o maço, mas ele faz que não com a cabeça. Só fuma tabaco mentolado e enrolado à mão. Abre uma latinha com biscoitos tostados e mergulha um no café. O biscoito volta pingando, murcho e quase desfeito.

“Depois ela vira pra mim e manda eu enfiar os dedos nela. E diz que não vai rolar nada além disso.”

Não conto pro Jonas, mas essa parte foi um alívio. Desde que Ângela foi embora, não consigo tocar em mulher nenhuma sem ter vontade de chorar. Me sinto ridículo em admitir, mas é verdade.

Eu e Jonas olhamos pra tevê. Está ligada num desses canais de lugares exóticos e paradisíacos. Um grupo de pessoas com olhos puxados enterra um javali pra assar sob solo vulcânico. Ele tirou o volume, as pessoas mexem as bocas, mas estão mudas. Pego o controle, mudo o canal. *Marriage Story*, de Noah Baumbach. Filmaço.

Jonas pousa a xícara com café frio na mesa. Meu cigarro está com a cinza grande demais, logo ela vai cair e sujar a toalha. “Fico feliz que você tenha sido honesto sobre esse lapso, Pablo”, ele diz. “Agora temos que cuidar pro lapso não virar recaída. Você sabe.”

Não quero falar sobre isso. Caminho até a pia e dou um trago profundo, depois abro a torneira bem de leve, só o suficiente pra cair um ou outro pingo, e apago o cigarro numa dessas gotas. Tento lembrar de alguma música do David Bowie. Só tenho que superar o dia de hoje.

aconteça o que acontecer, não mergulhe no mar de azov

Foi um ano bem doido na minha vida. Minha mãe já vivia fechada no quarto havia um tempo. Foi uma coisa bem gradual, não aconteceu da noite pro dia. Primeiro, ela largou o negócio de transporte escolar, depois foi parando de ir à academia e à manicure e começou a passar muito tempo no quarto. Ficava sentada na cama, encostada na cabeceira acolchoada vendo TV e fumando um cigarro atrás do outro. Ela também perdeu peso e nem sempre tomava banho. Parou de cozinhar. Começamos a ter leite com sanduíche ou macarrão instantâneo de almoço, até que nosso pai descobriu e passou a dar dinheiro pra gente almoçar no refeitório da escola. Foi até divertido, sentar naquelas mesas em que nunca tínhamos por que sentar e ficar batendo papo. Mas depois chegávamos em casa e lá estava ela, fechada no quarto, fumando com a TV ligada, batendo as cinzas no prato sujo porque o cinzeiro já estava cheio demais. Então eu e o Rafa íamos conferir se ela tinha comido, contar sobre nosso dia e esvaziar seu cinzeiro.

Nessa mesma época, meu pai começou a dormir na sala. Passou umas semanas no sofá, depois cansou de tirar e botar os lençóis todo dia e acabou se mudando pro quarto de empregada, onde tinha um estrado com colchão de solteiro. Nossos pais dormiam separados, mas eram amigos. Se gostavam e se divertiam juntos, embora ele trabalhasse muito. Tinha uma serralheria e de segunda a sexta a gente mal o via. Nos fins de semana não ia pra loja, mas começou a comprar carros velhos pra restaurar e revender. Passava sábados inteiros na garagem ou na frente do prédio, lixando e pintando latarias, trocando calotas, etc. Mas nos domingos perguntava o que a mamãe queria pro almoço e comprava comida pra gente, depois eles passavam a tarde toda jogando buraco. Ele era calmo e fácil de lidar, um daqueles caras que só querem ser deixados em paz. Minha avó era das poucas pessoas capazes de tirá-lo do sério. Antes de ele mudar de vez pro quarto de empregada, tiveram uma briga feia por causa da minha mãe. Teve algo a ver com forçá-la a ir ao médico. Minha avó gritou que ele era um fascista filho da puta que queria internar a filha dela à força pra tomar choque na cabeça. Meu pai gritou de volta, falou que ela era uma velha maluca, jogou um prato de louça que ficava no centro da mesa contra a parede e saiu batendo a porta. Eu e Rafa ficamos fechados no quarto e ligamos o som bem alto. Ele tirou um pouco de maconha da mochila e começou a enrolar um baseado. Tá maluco,

Rafael, cê vai fumar isso aqui dentro? Mamãe vai sentir o cheiro, seu idiota. Ele deu de ombros e continuou a enrolar o cigarro. Depois guardou no estojo sem acender.

Com nosso pai fora o dia todo e nossa mãe enclausurada no quarto, eu e Rafael fomos nos apropriando da casa. A gente lavava a roupa, levava para passar na lavanderia, decidia o que comprar no mercado e até resolvia pequenos problemas, como a infestação de baratas. Eram daquelas bem pequenas, minúsculas mesmo. Começaram a sair das frestas entre os azulejos da cozinha e atacavam qualquer coisa que estivesse na bancada. Todo fim de semana papai falava que segunda sem falta ia chamar a dedetizadora, mas depois esquecia. Meu irmão estava namorando uma repetente do décimo ano com franja mal cortada que mascava chiclete de boca aberta e tinha um humor terrível pela manhã. Eles estavam praticamente morando juntos no quarto dele. Uma noite, ela esqueceu na mesa da cozinha a bandeja com os brownies que fazia pra vender na escola e os doces acordaram cobertos de baratinhas. Ela começou a chorar histérica e foi embora dizendo que aquela casa era um nojo. Rafael voltou pro quarto e bateu a porta, mas deve ter ligado pra dedetizadora, porque no dia seguinte bem cedo eles tocaram a campainha. Uns meses depois, quando começou a pingar água do teto do banheiro, ele nem falou com papai; subiu, tocou a campainha do vizinho e resolveu tudo sozinho.

O Leme já estava aquele burburinho de fim de ano quando um morador de rua se instalou na esquina da Gustavo Sampaio com a Princesa Isabel. Eu ia rumo ao mercado quando o vi pela primeira vez. Estava sentado de pernas cruzadas numa esteira de palha, e apoiado no seu joelho direito havia um pedaço de cartolina onde se lia “jogo búzios”. Tinha um cabelo afro volumoso com cachos pequenos que vinham enrolados desde a raiz e subiam em direção ao céu. Seu cabelo era preto, mas ele tinha uma barba longa e crespa já quase toda branca, o que lhe dava um ar descontraído e sábio ao mesmo tempo. Parei na sua frente. Quanto é o jogo? Ele apontou um copo plástico do *Bob's* com umas moedas e notas amassadas e me disse pra pagar o quanto eu pudesse, desde que fosse com o coração. Disse isso e sorriu. Tinha dentes incríveis pra alguém que mora na rua. Perguntou meu nome completo e quis saber se o que me preocupava era quem eu fui, quem eu era agora ou qual meu caminho previsto aqui na Terra. Eu não soube o que escolher, então respondi qualquer coisa. Ele desdobrou as quatro pontas de um lenço branco que estava no canto da esteira. Dentro do lenço havia um colar de contas cor de terra enrolado em duas voltas, formando um círculo fechado; no meio do círculo estava um punhado de búzios. Um táxi parou na nossa frente e uma mulher desceu com um bebê no colo. Ela nos olhou curiosa. Outras pessoas passavam sem se importar. Naquela época

eu andava preocupada porque no décimo segundo ano era preciso escolher entre humanas, exatas e biológicas. Eu não tinha ideia do que queria fazer e faltavam pouco mais de dois meses pro ano letivo começar. Perguntei se exatas era uma boa ideia pra mim. Ele jogou os búzios e disse: seus caminhos estão abertos nessa área. Com certeza. A resposta é sim. Botei cinco reais no copinho. Depois ele perguntou o que eu tava estudando e o que exatamente eu queria ser e expliquei que essa era justamente minha dúvida. Ele coçou a barba. Hummmm... Você tem que gastar um tempo olhando pra dentro. A resposta tá aí, no seu peito, tá faltando olhar com olhos de ver.

Comecei a passar todo dia por aquela esquina. Ele costumava chegar pela hora do almoço e ficava até escurecer. Um dia, passei fumando e ele pediu um cigarro. Estendi minha caixinha metálica. Ele tirou um cigarro e botou na boca. Suas unhas estavam compridas e um tanto sujas. Acendi o cigarro pra ele. No dia seguinte fui comprar um maço pra mim e comprei pra ele também, fui entregar e ficamos um tempão conversando. Ele perguntou se eu já tinha encontrado minha vocação. Falou que eu parecia triste. Contei do menino que eu gostava e que mal olhava pra mim. Dois dias depois, comprei outros dois maços e passei lá pra entregar o dele, mas ele ainda tinha quinze cigarros do maço anterior. Você fuma demais, menina, esse troço faz mal. E esses cigarros de filtro vermelho são muito fortes.

Eu fumava Lucky Strike e Benson & Hedges mentolado. Guardava os cigarros numa caixinha de chicletes Ouch que meu pai tinha pincelado com primer transparente pra não enferrujar. Eu fazia isso pra não ver as fotos horríveis que vinham botando nas caixas dos cigarros. Comecei a comprar um ou dois Derby filtro branco a varejo pra ele toda vez que ia à padaria. Eu estava viciada nos seus conselhos. Não tomava mais nenhuma decisão sem consultá-lo. Nem sempre ele jogava os búzios; às vezes só escutava e dava opinião. Em muitas ocasiões falava por metáforas e quando isso acontecia era difícil extrair significado das suas palavras. Começou a tirar jogos sem cobrar nada. Vez por outra eu lhe dava uns trocados, um chocolate ou um lanche de Joelho com suco. Uma tarde, levei um Bacardi limão. Quantos anos você tem, menina?, ele perguntou. Vou fazer dezessete. Você não tem idade pra tá comprando isso não, esse mundo tá de cabeça pra baixo mesmo, falou. Disse que não queria mais me ver comprando bebida. Mas depois guardou a garrafa.

Apesar da cena com o rum, eu sabia que ele bebia. Às vezes, já chegava na esquina fedendo a álcool. Também falava coisas disparatadas, como no dia que fiz uma pergunta simples do tipo sim/não e ele ficou olhando os búzios por um longo tempo, depois recolheu alguns na mão fechada e disse: aconteça o que acontecer, não mergulhe no mar de Azov. Pensei que era uma espécie

de revelação profética, mas pesquisei e esse mar fica na Rússia. Não acredito que algum dia eu vá querer ir à Rússia. Mesmo assim, continuei consultando-o antes de tomar qualquer decisão, das mais bobas às maiores. Me achava um pouco ridícula, mas não conseguia evitar, era como aquelas vezes que a gente volta pra conferir se trancou a porta ou desligou o gás mesmo tendo certeza que está tudo certo.

Como meu irmão só tinha um ano a mais que eu, saíamos bastante juntos. Naquela noite, fomos a uma festa em Santa Teresa. Às três da manhã resolvemos voltar porque o Rafa queria pegar onda cedo no dia seguinte. Tínhamos bebido demais. Por causa dos assaltos, os taxistas não aceitavam subir a Santa Teresa de madrugada. A gente precisava descer toda a ladeira da Santo Amaro a pé pra pegar um táxi na rua do Catete. Na descida, passamos por uma fileira de carros estacionados. Você podia pegar um desses carros pra gente descer essa ladeira, eu falei de brincadeira. Meu irmão riu. Continuamos andando. A rua estava escura e deserta. Rafael parou na frente de um carro cinza. Esse modelo antigo dá pra abrir — disse — tem coragem? Também parei de andar. Estava um pouco tonta. E se tiver alarme? Ele apoiou as mãos na porta do motorista e jogou o peso do corpo. Balançou o carro de um lado pro outro. Depois deu a volta e chutou a maçaneta da outra porta. Não tem, ele disse. Então se abaixou e ti-

rou o cadarço do tênis. Deu uns nós estranhos, passou algumas vezes pela fresta da porta como quem passa fio-dental nos dentes e *tcharan!*, destravou a porta do carro. Entrou e abriu a outra porta pra mim. Queria dizer que fiquei nervosa ou surpresa, mas não. Não pensei nem senti nada. Sentei no banco do carona, fechei a porta e tirei os saltos. Meus pés estavam massacrados. Ele sacou seu canivete *Victorinox swisschamp 33-functions* do bolso de trás da calça e começou a mexer por baixo do volante. Ilumina aqui, Duda. Liguei a lanterna do celular. Ele mexia bastante nos carros antigos do papai, mas não pensei que conseguisse se desenrascar tão rápido com aqueles fios. Acho que não levou cinco minutos pra pôr o motor funcionando. Voamos ladeira abaixo e ele passou reto pelo ponto de táxi. Ei, você não parou no táxi! Pô, Duda, tá de sacanagem, né? Agora *vamo* até em casa. Meu irmão não tinha carteira, mas dirigia bem. Ficou com medo de ter blitz no Aterro, por isso fizemos todo o caminho pelas ruas de dentro do Catete, Flamengo e Botafogo até o túnel que liga o Rio Sul ao Leme. Estacionamos numa rua perto da nossa e fomos rindo pra casa. Falei que agora a gente era Bonnie e Clyde e que nosso roubo ia sair no jornal do dia seguinte.

Tínhamos combinado sair às nove pra pegar a praia vazia, mas muito antes disso fomos acordados pelas vozes dos nossos pais gritando na sala. Bati na por-

ta do Rafa. Ele estava acordado com a cabeça enfiada no edredom. Sentamos juntos perto da porta e ficamos escutando. De repente começaram umas batidas surdas e altas na parede, como se alguém estivesse dando marteladas na casa. Depois teve um barulho forte de vidro quebrando e saímos do quarto correndo. Mãe estava de camisola agachada num canto da sala, batendo no rodapé com um martelo de amaciar carne. Tinha vidro espalhado no tapete e fios de TV a cabo expostos. Eu sei que você escondeu as câmeras aqui, vou achar essa merda, gritava. Meu pai nos viu e fez sinal pra gente voltar pro quarto. Ele estava com o telefone na mão. Acho que nunca vi seu rosto tão transtornado. Voltamos pro quarto e Rafa falou: Duda, pega o biquíni. Achei loucura botar biquíni com aquela situação na nossa sala, mas estava tão em choque que obedeci. As pancadas pararam. Os dois devem ter passado à cozinha e ela devia estar tirando todas as panelas e pratos do armário, ou pelo menos era isso que os sons sugeriam. Gritava que meu pai tinha posto escutas no seu quarto e enfiado fios no seu cérebro. Ele agora estava mais calmo, só a voz dela ecoava pela casa. Olhamos pela janela e uma ambulância estava entrando na rua. Parou na porta do prédio. Vem, Duda, vamos pra praia, Rafa falou. Saímos pela porta da frente pra evitar a cozinha. Não pode usar o elevador da frente em trajes de praia. Não sei por que, mas era só nessa coisa idiota que

eu conseguia pensar enquanto a gente descia. Chegamos na portaria e os homens da ambulância estavam falando com o porteiro. Ele nos viu e ficou nos olhando sem dizer nada com a boca, mas dizendo um monte de coisas com os olhos. Pegamos as pranchas na garagem e fomos correndo pra praia.

Gameleira-branca

Ela arrumou a mesa para a ceia de Natal. Ela gosta disso, colecionar candelabros, acender lembranças, encher as taças com uvas feridas que homens desconhecidos pisaram. Há comida, comida demais, pães que amassamos nas coxas, frutas que secamos com paciência, a torta de ruibarbo com tiras entrelaçadas de massa e bordas douradas como ela gosta. Perto da torta com cerejas negras, um *turducken* que recheamos com ganso e não com pato, o filhote de porco que ela mesma abateu. Coloco as cinzas do meu pai perto dos talheres. Minha mãe grita de novo você trouxe isso aqui outra vez você me odeia faz de propósito não quero esse homem aqui. As unhas da minha mãe estão roídas até a carne, ela cobre o rosto com as mãos e chora, aquilo são cem cortes de papel na minha cara.

Ela odeia meu pai. Ou é a mim que odeia? Não sou eu a culpada, não fui eu quem roubou seu brilho seu frescor seus planos, eu só estirei seus órgãos, feri de estrias sua barriga, fiz seus peitos arderem flácidos. Não fui eu quem murchou sua vida, suas possibilidades, não sou eu quem enruga o seu rosto. Ela copia a cor do meu esmalte meu corte novo de franja meu jeito de falar

minhas gírias as línguas que eu quero aprender. Como dizer que minhas roupas não ficam bem nela? Que cabem, mas não ficam bem? Que quero dançar sozinha, ter meus próprios amigos, que não tenho culpa por ela estar só? Como faço pra ela ver que não tenho culpa se me pareço com ele, se o amo, se ele foi embora, se escolheu deixá-la? Como faço pra ela aceitar que ele continua a me amar mesmo longe dela, que existe um espaço só nosso (meu e dele) onde ela não é bem-vinda?

Tenho quinze anos, a idade da minha mãe quando nasci. Estou com meu pai no Atacama. Imagino um ser em geração na minha barriga agora, um apêndice, um parasita. As mochilas estão no chão do quarto, ele me acorda cedo demais. São quatro horas e faz dois graus lá fora. Estamos prontos para ver o Lascar. Sai fumaça da cratera, meu pai diz que é assim com todos nós.

Minha mãe não quer as cinzas do meu pai na mesa de Natal. Ela tem ciúmes da morte, não sabe que eu a domestiquei. A morte me espreita e me vigia, eu a escorraço e ela volta toda vez. A morte late pra mim e eu a alimento com as migalhas que caem da mesa e com o leite que vaza dos meus peitos secos. A morte lambe minha mão.

Tenho treze anos. Tenho fome, desmaio e delírio de fome, estou quente. Minha mãe diz que fico bonita assim, minhas costelas já aparecem. Posso comer, só não quero. Ainda não sei que não preciso ser magra, que

é melhor se eu não for tão magra, não quero que ela me odeie, não quero que ela roa as unhas até sangrar, que chore olhando as rugas no espelho, que passeie nua pelo corredor quando levo amigos em casa.

Na mesa o bolo com velas queimando, ela me presenteia com verdades e memórias. Aperta um gravador de bolso e ouço a voz do meu pai. Ele tem dezoito anos e tenta convencê-la a me abortar. Ela gravou aquilo. Gravou e esperou o dia de hoje para me entregar. Jogo o aparelho na privada. É meu aniversário de quinze anos. Meu pai olhou a Laguna Lejia e contou que é terrível morrer afogado, a água enche os pulmões e chega a doer de tão fria: morrer afogado é uma morte fria. Não sei por que ele disse aquilo, Lejia é uma lagoa rasa e o vento é impiedoso, ninguém quis entrar na água.

À noite meus cabelos caem. Caem em tufo, mechas inteiras se livram e desabam. Acordo e meu pai morreu. Por sete noites seguidas não sonho, por outras sete uma gameleira-branca reclama as cinzas do meu pai. Sei onde ela fica. Abro a urna e o saco com as cinzas, mas resisto à tentação de comê-las. Espalho algumas no travesseiro, depois me deito e adormeço sobre elas. Vou até à gameleira e a rego com o sangue que escorre do meu útero. Um dia crianças se balançarão nos seus galhos e em um dia mais além um homem se enforcará neles. As cinzas do meu pai eu escondo no fundo do armário.

Não tenho só recordações más. As boas eu imprimo e colo nas paredes, uso para forrar a cama. As boas eu guardo como uma coleira, depois saio para pegar sol. A morte me acena na rua, ela passa comendo doces e me acena, a morte me pede esmolas, ela me hipnotiza e eu quase tropeço. Corro atrás dela e grito Quem foi cremado ressuscita como?

Levantam o lençol e reconheço minha mãe, seu corpo tem cicatrizes e tatuagens. Ela foi dar ontem à costa. Boiava e aterrou na areia. Peixes beliscaram seus pés, mas deixaram os olhos intactos. Ela tem o rosto azul e sereno: meu pai estava errado, morrer afogado tem um jeito doce.

As cinzas da minha mãe vêm numa urna menor. Puxo o saco de dentro e rasgo o plástico com os dentes. Abro a urna do meu pai. Comparo as cinzas, são da mesma cor, têm a mesma textura, o mesmo cheiro. Despejo tudo num lugar só e misturo. Me perdoem.

Bringing it All Back Home

Eu ia levar água pra garota que olhava os discos quando minha ex-mulher tocou a campainha, por isso atendi a porta com um copo de água na mão.

Uau, obrigada, drinque de boas-vindas, Ângela falou rindo e tirou o copo da minha mão antes que eu tivesse tempo de protestar. Estava bronzeadíssima e com uma *legging* de ginástica que eu não conhecia — eu sem energia nem pra trabalhar e ela indo à praia e comprando roupa nova. Nossa, essa água tá quente, tá horrível, Ângela fez uma careta e foi entrando na casa como se ainda morasse ali. Passou reto por mim, entrou na cozinha, jogou a água na pia e abriu a geladeira.

Uau — ela tamborilou os dedos na porta do frigorífico com uma cadência ritmada que ia do indicador ao mindinho, três vezes seguidas. As unhas fizeram um barulho quase insuportável — você tá precisando fazer compras.

Fiquei com vergonha pelo estado da geladeira: eu só tinha água, vodca, cerveja e uma caixa grande de figos, depois senti raiva, ela queria o quê, que eu estivesse comemorando? Indo à praia, malhando? Tô com gente em casa, falei, tentando mudar de assunto, e fiquei feliz com o jeito que a frase saiu, parecendo que eu tinha

alguém importante em casa, uma namorada, um caso, uma visita, não uma pessoa qualquer olhando os discos que anunciei na OLX.

Humm, gente, é? Ângela pegou uma Bohemia *long neck* e torceu a tampa protegendo os dedos com a blusa, e quando fez isso deu pra ver sua barriga queimada de sol e um pedaço da tatuagem. Senti uma pontada no estômago. Ela deu um gole demorado e pousou a garrafa na mesa: quem é?

Não sei, é uma garota qualquer. Tá vendo os vinhos que anunciei na OLX. Ângela abriu a geladeira de novo e ficou olhando lá pra dentro como se esperasse que alguma coisa diferente se materializasse. Tô com fome, esses figos tão na validade?

Devem estar, dona Zuleica trouxe ontem.

Ela puxou os figos pra fora, você se deu bem, ficou com a dona Zuleica pra você.

Não era exatamente verdade. Eu não conseguia produzir nada nos últimos meses; se continuasse assim, em breve teria que me mudar prum *flat*. Difícilmente ia conseguir continuar pagando a diarista. Ângela pôs os figos na pia e lavou um por um, depois arrumou de volta na caixa e pôs no centro da mesa. Pegou um e mordeu. Eu me levantei, peguei um prato, uma colher e uma faca, sabia que os figos têm uma vespa morta dentro?, pensei em dizer enquanto cortava um ao meio. Comecei a raspar a carne rosada com a colher.

Não é assim que se come figo, minha ex-mulher disse. Por que você não come a casca?

A casca? Tem agrotóxico.

Isso é orgânico, é do quintal da dona Zuleica, você mesmo falou.

Não, eu falei que ela me deu, não que era do quintal dela.

Deixa de ser fresco, Pablo, você sabe que é do jardim dela, ela sempre trouxe fruta de lá. Você tá desperdiçando alimento, sabia que dava pra alimentar a África inteira com tudo que a gente joga fora?

Eu não disse nada, mas também não comi as cascas. Abri mais duas cervejas e bebemos em silêncio, o ventilador dando voltas lentas no teto.

Então quer dizer que você tá vendendo sua coleção de discos?

Caralho, a menina! Pulei da cadeira. Tinha me esquecido completamente da garota. Ângela veio atrás de mim com a *long neck* quase vazia na mão. Deixei que passasse a minha frente quando chegamos à porta do corredor. A *legging* nova era vermelho bem escuro, cor de sangue ou vinho tinto, com certeza ficava transparente quando ela agachava. Nunca gostei de imaginar os caras da academia olhando a bunda dela, mas agora esse pensamento era mais do que angustiante, era quase torturante.

A adolescente estava sentada de pernas cruzadas no chão, em frente à minha coleção de LPs, e separava alguns numa pilha à sua direita. Olhou assustada quando Ângela entrou no escritório.

Oi, disse minha ex-mulher.

A menina me olhou e só depois sorriu para Ângela: Olá! Tô vendo uns discos.

Fica à vontade, a casa é sua — Ângela se virou pra sair, mas depois deu meia-volta. — Quer cerveja?

Não, tô bem assim, obrigada, a menina respondeu, acrescentando *Songs of Love and Hate* do Leonard Cohen ao seu pequeno monte.

Segui Ângela até o quarto. A cama estava miseravelmente arrumada porque eu tinha estendido a colcha pouco depois da menina avisar que vinha, mas os lençóis estavam embolados de qualquer jeito por baixo. Fazia semanas que eu não trocava a roupa de cama, talvez meses. Ela sentou na cama e cruzou as pernas, a *legging* apertada marcando cada curva das suas coxas, você é um filho da puta, ela disse, tá vendendo esses discos só de sacanagem com a minha cara, né? A vida toda acumulando essas tralhas, ocupando cinco estantes, enchendo de pó, foi só eu me mudar pra você botar tudo à venda, né?

Resolvi aproveitar esse momento pra praticar o desapego, eu disse. Não queria que ela soubesse o quão falido e desesperado por dinheiro eu estava.

Você é egoísta, Pablo, sempre foi. Ela esvaziou a Bohemia e se levantou da cama como um felino, rápida, silenciosa. Bom, isso não é da minha conta, só vim pegar minhas coisas.

Você já levou quase tudo.

Tem coisa minha aqui ainda. Esse livro do Murakami, por exemplo — ela se esticou e pegou um livro na minha mesinha de cabeceira — é meu.

A gente comprou junto.

Fui eu que escolhi, ela virou o livro e passou a mão pela contracapa. Você nem gosta de contos.

Mas esse eu tô gostando. Olha, tudo bem, é seu então. Mas me deixa terminar pelo menos. Quando acabar eu levo pra você.

Ela devolveu o livro pra mesinha, mas pra dela. Como se ainda dormisse ali. Meus quadros, disse. O Scot Sothern que minha mãe me deu.

Foi um dos poucos alívios quando a Ângela foi embora, me livrar daquela fotografia pornográfica que ela chamava arte.

Você escondeu meu Scot Sothern? Você é tão puritano, ela riu. O que você fez com ele?

Guardei pra você, falei, depois puxei uma gaveta e apoiei o pé pra conseguir alcançar o maleiro. Não olhei pra baixo, mas tive certeza que ela ainda estava rindo. Botou o quadro em cima da cama e ficou olhando pra ele com um sorriso estranho na cara, a mulher na foto deitada assim

na minha colcha era um prenúncio amargo de que qualquer mulher soaria indigna e depravada no lugar dela.

Quer outra cerveja?, perguntei.

Ela encolheu os ombros: pode ser. Por um momento pensei em embebedá-la. Quem sabe assim ela transasse comigo, dormisse na nossa cama, voltasse pra casa.

Abri duas cervejas na cozinha e trouxe pro quarto.

Ela deu um gole bem longo, depois me olhou com expressão séria. Você tá comendo essa garota?

Claro que não! Essa menina é menor de idade! Tá maluca?

Me pareceu bem grandinha.

Fica você com ela então, falei, e me arrependi de não ter trazido vodca em vez de cerveja.

Descobri que eu não gosto de mulher. Não te contei? Pois é, então esqueci, mas é isso, descobri que na verdade eu não gosto de mulher.

Como assim não gosta de mulher? — Caralho! Por que não peguei a vodca? — Não foi por isso que a gente se separou?

Pois é, me enganei. Acho que eu gostava da doideira, das pessoas me olhando, sei lá. Agora percebi que só fico excitada com outra mulher se tiver um homem olhando. Ela deu de ombros como quem fala uma trivialidade qualquer. Te falei que a gente não devia frequentar aquelas festas, Pablo, aquilo mexe com a nossa

cabeça, fiquei perturbada, confusa. Ela andou até a janela e soltou a fita vermelha que sustentava o sino dos ventos, mas depois pensou melhor e amarrou de volta. Não vou levar meu sino, se isso funcionasse nossa vida não tinha virado essa merda. Tirou o quadro pornográfico da cama, ajeitou embaixo do braço, parou à porta do escritório pra dar tchau à garota que olhava os discos e entrou no elevador. Fiquei parado no hall até escutar o elevador aterrissar no térreo, então fui à cozinha, enchi um copo com Stolichnaya, sentei no sofá da sala e fiquei rodando os gelos com os dedos. O tilintar dos cubos de gelo no copo era quase o barulho do sino dos ventos balançando na janela e começou a me hipnotizar, até que escutei uma voz feminina atrás de mim. Me virei: a menina estava de pé apoiada no batente da porta entre o corredor e a sala, com uma pilha de discos embaixo do braço: Tô pensando em levar esses.

Ela era um pouco mais baixa que a Ângela, tinha um corte de cabelo assimétrico na altura dos ombros e usava anéis nos polegares e nos dedos dos pés. Sua calça jeans tinha a cintura tão baixa que deixava o umbigo redondo e profundo de fora. Ela sentou no chão bem à minha frente, virada pra mim, e espalhou os discos entre nós como se fossem um leque. Nirvana, Leonard Cohen, Led Zeppelin, Bob Dylan, The Doors, Rolling Stones, vários discos do David Bowie e toda a minha coleção do Bob Marley.

Você gosta de música antiga, comentei, mas não fiz menção de me mover do sofá.

É, meus amigos dizem que eu tenho alma velha. Ela riu, e me pareceu ter visto um *piercing* brilhante no meio da sua língua. Quem é essa mulher?, ela apontou uma mulher de vermelho sentada com o Bob Dylan num quarto de hotel, em *Bringing it All Back Home*.

Não sei, acho que não é ninguém importante. Esse LP tem uma das minhas faixas preferidas. “It’s All Over Now, Baby Blue”.

Eu ouvi tudo, ela disse.

Quê?

Eu disse que ouvi tudo. Vocês dois no quarto. Não sou menor de idade. Fiz dezoito em janeiro.

Nesse caso você pode beber, falei. Quer tomar alguma coisa?

Não, tô bem, obrigada. Não gosto de bebida, me dá dor de cabeça. Prefiro erva. Quer fumar?

Ela esticou o tronco pra frente apoiando os joelhos e as mãos no chão e chegou bem perto das minhas pernas. Assim, de quatro no chão, sorrindo de um jeito infantil, ela parecia cruel e pervertida.

Você tem aí?, perguntei.

Sempre tenho erva comigo. Era definitivamente um *piercing* na língua.

Ela abriu a mochila e tirou um maço de cigarro com um baseado já apertado dentro. Acendeu, puxou

avidamente a fumaça e prendeu a respiração por um tempo que me pareceu excessivo, com o peito inflado. Seu rosto ficou vermelho. Repetiu o processo e me passou o cigarro. Você tem toca-discos? Pra gente escutar um desses?

Já vendi, falei. Depois disso, fumamos o baseado em silêncio. Quando acabamos, peguei outra cerveja pra mim. Ela bebeu água e deitou no chão da sala, de barriga para cima e pernas e braços abertos, como uma estrela do mar. Deitei no sofá e fechei os olhos. Tentei escutar o barulho do sino dos ventos balançando no quarto, mas não dava pra ouvir nada. Acabei adormecendo. Quando acordei, vinte ou trinta minutos depois, ela tinha tirado as sandálias e estava com os pés descalços no sofá, quase roçando os meus. Eu até podia sentir o aro frio do anel que ela tinha no dedão do pé.

Você tem uma banheira e tanto, ela disse.

O quê?

Ah, desculpa, é que eu tive de fazer xixi. Vi a banheira no seu banheiro. É de hidromassagem, né?

É, mas não funciona, falei. Olha, preciso trabalhar. É melhor você ir agora. Vai levar todos esses mesmo? Ela tinha empilhado os discos outra vez. Agora era a capa colorida de *Popular Problems* que estava por cima.

Vou — ela me entregou um maço de dinheiro. Conte as notas sem muito cuidado. Você acredita em *feng shui*?, perguntei.

Não sei. Você acredita?

Não respondi. Fui até o quarto e desamarrei a fita que suspendia o sino dos ventos. O livro do Murakami tinha sumido da mesinha. Dei uma boa olhada no quarto, não estava em lugar nenhum. Voltei pra sala e entreguei o sino pra garota. Toma, um brinde junto dos discos. Pra trazer boas energias.

Ela guardou o sino na mochila e estendeu as duas mãos pra cima, na minha direção. Segurei suas mãos e a puxei para cima, ela era surpreendentemente leve. Fomos juntos até o hall.

Depois que eu tiver ouvido todos os discos mando mensagem pra te contar o que achei, ela disse, quando o elevador chegou. Sorri em acordo. A grade do elevador começou a fechar, mas ela continuou me encarando. Antes que fechasse de vez, puxei rápido a porta. A grade travou com um barulho violento, depois voltou mecanicamente para a posição anterior, como uma sanfona emperrada.

Sally Grossman, eu disse. O nome da mulher na capa com o Bob Dylan é Sally Grossman. Era casada com o produtor musical, alguma coisa assim. Soltei a porta e a garota me olhou de um jeito estranho, com um sorriso triste e nostálgico ao mesmo tempo, depois sua imagem começou a descer, até sumir. Fiquei parado no hall ouvindo o elevador deslizar delicado pelo poço abaixo.

DÚVIDA

Letras estão saindo da sua cova. Juntando com as primeiras, são noventa e cinco ao todo. O coveiro coletou outras tantas e me entregou empilhadas na ordem em que saíram, menos umas que a chuva levou. “Teu/Meu caminho/destino é desbravar/desesperar o mar, mas da terra.” Foi isso que ele anotou, assim, com três pontos de dúvida. Deve achar que é fácil para mim descobrir o que você quer dizer. Justo eu, que nunca fui bom nessas coisas, que nem sei se formam uma poesia ou a frase final de um conto inacabado. O nome do coveiro é Elísio. Ele também é jardineiro, apara a grama, cuida das flores e limpa as lápides, usa chapéu de *cowboy*, diz que é para proteger o rosto do sol, mas acho um bocado estranho. Ninguém usa isso por aqui. Pitorresco, é como você chamaria. Um filhote de beija-flor tem vindo à nossa varanda todas as tardes às cinco em ponto. Pensei que era você, mas depois me toquei, não tem beija-flor na Europa. Comentei com seu Elísio e ele confirmou. Disse para eu tirar uma foto da próxima vez. Ele pediu para ver suas poesias. Eu não queria mostrar, mas fiquei sem graça de dizer não, com o tanto que ele tem feito por nós. Ou por ele ter aquela solidão

nos olhos, não sei. É velho, mas tem braços fortes e voz imponente, você gostaria dele. É tão sozinho que adotou um bode. Pessoas deixam comida, velas e bebida na porta do cemitério, mas outro dia deixaram um bode. Vivo, com fitas pretas e vermelhas penduradas no chifre; pronto, seu Elísio o colocou para dentro e agora ele o segue para tudo que é lado, como um cão fiel. Talvez seja ciúme, isso de não querer mostrar seus esboços para o coveiro, ele que já convive tanto com você, troca as flores da sua sepultura, recolhe as letras que fogem, acho que tenho medo, medo de ele entender mais a sua obra do que eu, de pegar nos teus poemas e saber deles melhor do que eu, de completar os textos que eu não posso. O filhote de beija-flor voltou, consegui fotografá-lo, enviei pro seu Elísio, ele mandou uma carinha rindo, isso não é beija-flor, escreveu, é mariposa-colibri. Mimetismo. Mimetismo — foi essa a palavra que ele usou. Corri até à varanda, a mariposa-beija-flor estava pousada num lírio. Bati nela com a raquete de eletrocutar mosquito, fez barulho e saiu fumaça, mas as asas ainda batiam. Esmaguei com o chinelo, saiu uma gosma, joguei os restos na rua. Um gato chegou perto, acho que comeu. Não era você.

O Antiquário da Madame Bernard

Madame Bernard me contratou porque queria expandir seu negócio. Ela só abria o antiquário à tarde e estava procurando alguém para ficar lá de manhã, na esperança de aumentar suas vendas. Também tinha limpadado e remodelado o jirau para abrigar um brechó de luxo e vender roupas e bijuterias da sua época de ouro no teatro. Cachecóis de pele de raposa e coelho, echarpes de seda, vestidos glamorosos, chapéus e outras quinquilharias. Eu pensei que ela devia estar precisando muito de dinheiro para vender suas próprias coisas, mas minha mãe disse que era natural uma senhora de idade se desapegar das roupas e acessórios que já não tinha onde usar e que na certa Madame Bernard doaria o dinheiro a uma instituição beneficente. Minha mãe era fã da Madame Bernard. Dizia que sua presença no palco era hipnotizante e sua voz, “encantadora”. O nome verdadeiro da Madame não era Justine Bernard, mas Abigail Rocha da Silva, como descobri ao receber meu primeiro cheque-salário, mas isso não abalou a admiração da minha mãe; segundo ela, todo artista “que se preze” usa nome artístico. No começo, não entendi por que a madame precisava de

mim para abrir sua loja mais cedo, mas depois ficou claro que ela era viciada em calmantes. Isso explicava não só as reportagens creditando o fim da sua carreira ao “recorrente problema com remédios controlados”, mas também sua voz arrastada e as olheiras terríveis que ela disfarçava com maquiagem e óculos escuros.

Nem o antiquário nem o brechó tinham muito movimento. Ficavam numa rua antiga do centro do Rio, com bares e sebos que lhe emprestavam um ar *cult* e romântico ao mesmo tempo. Segundo minha mãe, um dia aquela rua tinha sido sinônimo de requinte e abrigado festas luxuosas da alta sociedade fluminense. Quando eu descia do ônibus e pisava aquelas calçadas de granito e pedra portuguesa, tentava imaginar o glamour das épocas passadas, mas só via poças de mijo, guimbas de cigarro, mendigos pedindo esmola e baratas passeando de um lado para o outro. Era irônica a semelhança entre o que o tempo tinha feito com aquela rua e com a Madame Bernard.

Ela me deu uma cópia das chaves e me mandou abrir a loja todo dia às nove. O antiquário funcionava das nove às dezoito: eu ficava com as primeiras quatro horas e a madame com as últimas cinco. O Anderson, um tipo de faz-tudo, trabalhava o turno inteiro, das nove às dezoito (com uma hora de intervalo para o almoço). Nunca entendi por que a Madame Justine confiou as chaves a mim e não ao Anderson, já que ele sempre chegava an-

tes e tinha que ficar em pé, ao relento, me esperando. Eu tinha sempre um sorriso sem graça na cara, primeiro porque sabia que ele vinha de muito mais longe que eu; segundo porque eu só me atrasava por enrolar demais na cama — mas Anderson nunca reclamava. Pior que nem era eu quem abria a porta, eu só enfiava a chave na fechadura e girava pra destravar o trinco, quem levantava a porta da loja, uma chapa de aço que corria verticalmente pra cima, era ele. A fechadura velha e enferrujada às vezes engasgava e era preciso girar muitas vezes com “jeitinho” pra destravar; como Anderson era mais paciente e toda vez que isso acontecia vinha em meu socorro, acabei delegando a tarefa de abrir a loja inteiramente a ele e era sempre uma cena meio ridícula, ele lá de pé no sol ou na chuva me esperando chegar e entregar a chave na sua mão para entrarmos na loja. Depois ele ia limpar as coisas e eu abria a caixa registradora e sentava numa mesa grande de jacarandá para esperar os clientes. Eu não tinha muito trabalho, porque a maioria das pessoas que entrava ali queria apreciar as coisas como se estivesse num museu e não num estabelecimento comercial. Claro que minha postura não ajudava. Eu podia levantar da cadeira e acompanhar os possíveis clientes, ressaltando a importância histórica de cada peça, mas raramente fazia isso. Não era preguiça, era mais uma conjunção de fatores. Primeiro, eu mesma não sabia a importância histórica da-

queelas peças e pensava que só um idiota daria dez mil num piano velho ou vinte mil num contador de mesa indo-português. Depois, eu não entendia a lógica da Madame Bernard me mandar priorizar o antiquário em vez do brechó, e quando entravam clientes nos dois espaços eu subia para acompanhar os que estavam lá em cima. Claro que as peças do antiquário eram mais caras e que devia ser por isso que a Madame Bernard me mandava esquecer o jirau e focar nos móveis, mas eu não conseguia me concentrar sabendo que os clientes estavam sozinhos lá em cima com tantas peças fáceis de roubar. Bastava enfiar um bracelete ou um xale na bolsa, a loja não tinha alarme, câmara, nada. Por outro lado, ninguém ia sair pela porta carregando um sofá ou uma grade de ferro, e, além disso, eu sempre pedia para o Anderson ficar de olho lá embaixo. Acho que a Justine confiava demais nos clientes, talvez não acreditasse que alguém roubaria uma grande dama do teatro como ela, mas eu, que já tinha levado pra casa dois dos seus anéis (sem falar numa presilha de cabelo cheia de pérolas falsas e strass), era mais cética. Outra razão pela qual não me esforçava muito é que eu não precisava *realmente* daquele trabalho. Tinha acabado de fazer dezoito anos e passado no vestibular para Direito, mas escolhi começar no segundo semestre porque queria descansar um pouco do estudo, trabalhando meio período e passando as tardes na praia. Por fim, eu preferia ficar sentada

enquanto os clientes circulavam porque eu não sabia o preço de nada. Os preços das peças estavam escritos em pequenas etiquetas brancas coladas nos móveis, mas a poeira que vinha da rua descolava as etiquetas; havia sempre várias caídas no chão, grudadas na nossa roupa ou só desaparecidas mesmo. As pessoas olhavam um lustre ou um quadro e perguntavam “quanto custa?”, eu ia checar e nunca encontrava o preço, e aquilo era sempre um pouco humilhante. Por isso, era mais fácil ficar sentada perto do livro, as pessoas perguntavam quanto era uma peça, eu abria o catálogo, localizava pela tipologia e descrição e dizia o valor. O curioso é que o Anderson, talvez por estar sempre espanando as coisas, sabia o preço de quase tudo e, quando me via atrapalhada catando um preço no livro, me soprava o valor numa fala sem som, só com um movimento bem amplo e articulado dos lábios: cinco mil e duzentos. No começo eu não confiava e checava o livro na mesma, mas logo ficou óbvio que ele nunca errava e, a partir daí, toda vez que um cliente perguntava o preço de alguma coisa, e ele estava por perto, eu só olhava pra ele. Sua ajuda ficou tão importante que quando entrava gente na loja, se não estivesse muito ocupado com alguma coisa, ele vinha correndo com a vassoura e ia disfarçadamente seguindo as pessoas e varrendo, só pra me sussurrar o preço de alguma peça. Acho que o Anderson também sabia que eu roubava a Madame Bernard, embora eu fi-

zesse isso mais manipulando o preço das peças do que levando itens pra casa. Como as coisas do brechó não tinham o preço colado, toda vez que uma cliente se interessava por uma peça eu acrescentava quinze ou vinte reais ao valor e ficava com a diferença pra mim. Eu não precisava do dinheiro, mas era sempre bom ter um extra para um lanche no McDonald's ou um baseado na praia. Eu não era fã de maconha, fumava mais de onda, pra acompanhar meus amigos do Posto 9, mas o Anderson percebeu que eu fumava. Uma tarde, enquanto me acompanhava até o ponto de ônibus no meu horário de saída (que coincidia com sua hora de almoço), perguntou se eu queria fumar um no Campo de Santana. Fiquei olhando pra cara dele, querendo perguntar se eu tinha *vibe* de maconheira, mas ele riu e disse que tinha visto o *botton* “Salvem os Camarões da Jamaica” na minha bolsa e nós dois rimos e ele disse que só uma playboyzinha como eu pra poder explicar desse jeito, que se ele usasse um *botton* desses na mochila era dura na certa, e nós rimos mais e dividimos um *beck* caminhando pela praça. Fora do ambiente de trabalho, o Anderson era falante e divertido, me contou que morava em Vilar dos Teles e o jeito como ele falava meio cantando que Vilar dos Teles era “a capital do jeans” era muito engraçado.

Eu era péssima vendedora. Nos seis meses em que trabalhei lá, só vendi uns vasos de porcelana, um tapete, duas poltronas Luís XV e algumas bugigangas

de pouco valor, mas duas semanas antes da minha saída dei a sorte de fazer uma venda expressiva que não só me gerou uma comissão gorda como me fez sentir tanta pena da Madame Bernard que quase devolvi os anéis roubados. A venda foi uma estante de farmácia antiga que era uma das peças mais caras do antiquário e que nunca entendi por que interessaria a alguém. Na primeira vez que o homem entrou e perguntou o preço (e o Anderson me sussurrou como sempre) pensei que era só mais um desses curiosos, mas ele voltou no dia seguinte com um amigo e eles estudaram o móvel demoradamente. Enquanto os dois discutiam, Anderson veio e me lembrou de oferecer os vidros de botica antigos que estavam armazenados lá dentro e que custavam duzentos e cinquenta reais cada. Acabei vendendo a farmácia inteira e os seis frascos guardados no estoque. Quando Madame Bernard chegou e viu o cheque da venda, por um momento pareceu que ia ficar sem ar, mas depois desabou o corpo na cadeira, me olhou, olhou de novo para o cheque e começou a beijá-lo como louca. Ria e beijava o cheque, a pequena folha de papel girando nos seus dedos enquanto ela a beijava dos dois lados e eu agradecia a Deus por ela estar sem batom.

Quando recebi a comissão pela venda, separei metade num envelope e dei para o Anderson.

“O que é isso?”, ele perguntou.

“Abre. É sua parte na venda da farmácia.”

Ele não abriu o envelope. Ficou segurando, sem me devolver nem enfiar no bolso.

“Mas a comissão é sua, por que você quer me dar?”

“Não sei, achei que você merecia, só isso”, eu disse, sem ter certeza se queria dar o dinheiro para o Anderson por ele ter me ajudado com a venda, por faltar pouco pra eu largar o emprego ou pra anestesiá-la lembrança daquela ex-diva do teatro com sua peruca de ondas loiras beijando um cheque. Anderson guardou o envelope no bolso de trás da calça, murmurou “gente rica tem cada uma” e virou sem dizer obrigado. Não dissemos mais nada o dia todo e na manhã seguinte ele me entregou uma sacola plástica e disse que tinha comprado dois presentes pra mim com aquele dinheiro: um estava na sacola e o outro era uma erva da melhor qualidade pra gente fumar juntos na hora do almoço. Expliquei que estava tentando parar de fumar, mas que era pra ele apertar um mais tarde em minha homenagem, e abri a sacola: era uma calça jeans do meu tamanho certinho com uma etiqueta do lado de dentro dizendo *a capital do jeans*. Eu ri e ele riu também, demos um abraço rápido e meio distante, só com a parte de cima do corpo, e eu guardei a calça na mochila um pouco triste por saber que nunca ia usar aquilo. Isso foi duas semanas antes do fim de julho. No começo de agosto, finalizei a matrícula na faculdade e ao voltar pra casa passei pelo antiquário pra me despedir da Madame Bernard

e do Anderson e mostrar meu nome na carteirinha da universidade, pensando que os dois ficariam felizes por mim, mas quando cheguei ele tinha ido ao banco fazer pagamentos e só consegui me despedir da Justine. Ela disse pra eu esperar que ele logo voltava, mas eu sabia como ele demorava quando ia ao banco no primeiro dia útil do mês e disse que passava lá no dia seguinte, mas comemorei até tarde naquela noite e na manhã seguinte a Jude e a Raissa passaram lá em casa pra gente ir à praia e acabei esquecendo. Só muitos meses depois percebi que nunca cheguei a me despedir do Anderson.

NO HOSPITAL

Você achou que estava morrendo com todo aquele sangue encharcando suas roupas e lençóis, mas já passou, os remédios fizeram efeito, você está em paz e sem dor. Sabe que não vai morrer. A cama do hospital é branca, larga e asséptica e, você percebe agora, estranhamente reconfortante e acolhedora, como a cama da sua casa já não é há algum tempo. Em casa, o colchão tem molas soltas que machucam suas costas, manchas de bebida, esperma, sangue e secreções que você nem lembra de quem são, e furos deixados pelos seus próprios cigarros. Você observa as enfermeiras indo e vindo. Estão agitadas porque alguém morreu no quarto em frente. Você ouviu o alarme disparar e viu os médicos entrarem correndo, e depois as enfermeiras, e viu uma mulher ser afastada aos prantos. É assim quando se morre. Mas você não vai morrer, os médicos já explicaram: vão costurar a veia sangrante amanhã e em seguida você vai para casa. A enfermeira se aproxima com uma bandeja, água, remédios, ela usa coque, tem cabelos pretos, rosto muito fino, traços clássicos, pergunta se você quer que avisem alguém da família. Você levanta devagar os olhos do lençol branco e asséptico do

hospital para o rosto fino e clássico da enfermeira e diz: não tenho ninguém. Sou só eu no mundo.

Ela tenta disfarçar, mas uma centelha de pena ilumina seus olhos por uma fração de segundo — uma fração de segundo apenas, ela está acostumada a camuflar emoções piores e a lidar com situações dramáticas; além do lampejo de pena nos olhos, a garganta dela se move com um discreto engolir em seco — discreto, porque ela é uma enfermeira jovem, mas com aquele ar de experiência dos que têm dom para a coisa. Está tudo bem, você diz, meu medo era morrer e me enterrem como indigente, mas o doutor garantiu que não vou morrer. Você engole os remédios e devolve o copo, ah, é claro que não, você vai ficar bem, ela diz, e pega o copo de volta, pousa na bandeja e deixa o quarto.

Um dos remédios é grande demais e machuca sua garganta ao descer, você massageia o local dolorido enquanto pensa no porquê de ter dito aquilo. Você tem pai, mãe, quatro irmãos, primos, uma família bem grande até. Só não os avisou ainda porque seu pai tem problema no coração e vem tendo picos de pressão; além disso, hoje à noite eles iam ao cinema, e o médico te garantiu que não é grave, amanhã vão ligar o vaso e você vai para casa.

O nome da enfermeira é Pilar. Você leu no crachá. Além do uniforme branco e asséptico de enfermeira e do crachá, você reparou no cordão de ouro com um cru-

cifixo. Mais nada: aliança, relógio, brincos, nada. Não é a primeira vez que você tem esse sangramento, mas nunca foi tão assustador. Disseram que você tinha que parar de beber ou as varizes no seu esôfago iam crescer, mas você não acreditou que veias pudessem sangrar tanto e encharcar sua camisa e lençóis e baixar sua pressão e te deixar com tonturas e medo de morrer. Você está começando a ficar com sono, os pensamentos se sobrepõem de um jeito engraçado, você tenta lembrar o filme que seus pais foram ver, sua mãe falou dele há poucas horas, é o último do Tarantino, você tenta lembrar mas pensa em tarântulas, tarantela, armas, tiros, faroeste, *saloon* mexicano, dedos macios apertam seu pé, você volta à realidade. Pilar está ali, no pé da cama, ela toca de leve sua perna, com carinho, com pena, com cuidado, com compaixão, vim me despedir, acabou meu plantão, estou indo pra casa, mas olha, vai ficar tudo bem, você não vai morrer, vai dar tudo certo pra você. Aham, você diz, e acena com a cabeça. Quer mais alguma coisa antes de eu ir? A mão de Pilar no seu pé, os dedos macios, Tarantino, o crucifixo, Pilar sorrindo, Pilar com pena, só uma coisa, você diz, reza por mim. Pilar sorri, claro que sim, vou rezar, pode ter certeza. Ela se afasta, você volta a fixar o teto, você sabe que nunca acreditou em Deus. Qual é mesmo o nome do filme?

cumplicidade

A essa altura eu já devia estar acostumada a novembros taquicárdicos. Coisas estranhas acontecem no mês do meu aniversário, sempre foi assim. Não considero que seja um inferno astral; inferno astral se estende por todo o mês anterior ao seu aniversário e na minha vida as coisas acontecem ou na semana que antecede meu dia de anos ou na que vem a seguir. Dessa vez, por exemplo. Acabei de completar quarenta e cinco anos. Chego na clínica e o nome dele está lá, em letras pretas no quadro branco: Octávio Serra. Pode ser outra pessoa, claro. Mas senti que não era. Alguma vez você teve um *déjà vu* que se repetiu várias vezes a ponto de criar a sensação de um *déjà vu* do *déjà vu*? Ou fantasiou uma cena e a repetiu vezes sem conta na sua cabeça sem saber por que a repetia? E a cena não era um desejo, um sonho para o futuro nem uma lembrança, não era sequer uma coisa provável de acontecer, pelo contrário, era algo disparatado que só surgia, como uma cena avulsa, sem prolongamentos nem emoções associadas? Eu já tinha me imaginado cara a cara com ele nesse mesmo contexto, eu enfermeira, ele paciente em desintoxicação, deitado na cama me olhan-

do com aquele jeito humilhado que eles têm ao chegar, enquanto eu disfarçava para as outras enfermeiras não notarem as malas cheias de pó entre nós. E agora ele estava ali, aquele grande *déjà vu* materializado no quarto número oito.

Tiro o prontuário do escaninho: ele chegou ontem à noite. Internação voluntária: a assinatura está logo acima da linha consentimento informado, um pouco moribunda e muito trêmula, mas dele. Um xis no quadrado divorciado. Então ele vai estar sem aquela aliança. Nunca esqueci a aliança que ele usava, chamava atenção por ser fina demais. E por fina demais quero dizer que ele se casou muito cedo, quando ainda não tinha dinheiro (depois ele confirmou, tinha vinte e ela, dezenove). A finura daquela aliança numa mão bem-sucedida de quarenta e oito anos também me contava do apego que eles tinham por aquele símbolo de união, aquele laço metálico tão importante que não queriam derreter, substituir nem aposentar. Aquela aliança fina esfregava dois adolescentes na minha cara, esfregava paixão, batalhas enfrentadas de mãos dadas, cervejas na varanda no fim do dia, viagens de trem, shows de rock, noites em claro a rir ou a embalar bebês, obstáculos superados, álbuns entupidos de fotografias, construções começadas do zero. Cumplicidade e história. Eu tirava a minha aliança quando entrávamos no motel e jogava no compartimento fechado da bolsa, mas ele nunca tirava

a dele, e aquela linha dourada encravada num dedo já largo demais para a circunferência do anel ficava lá, me excitando contra a minha vontade, refletida no espelho do teto enquanto passeava pelo meu corpo nu e puxava os meus cabelos. Quinze anos atrás.

Entro no quarto número oito e a primeira coisa que vejo são as solas dos seus pés, viradas para a porta, ressecadas, encardidas, com fissuras nas laterais. Ele está deitado de lado, encolhido como uma criança, e dorme profundamente. Lorazepam, diazepam, haloperidol ou outro calmante qualquer. É o que sempre colocam na prescrição dos prontuários F10, como o dele. F10 é a sigla correspondente à dependência alcoólica no Código Internacional de Doenças. Assim, não precisamos usar o termo “alcoólatra”, de conotação pejorativa. Está coberto até o pescoço com o lençol verde-claro da clínica e dorme com a boca aberta. Há uma poça de baba no travesseiro, e seu corpo todo transpira uma mistura de álcool etílico, remédio e um cheiro doce e enjoativo de maçã mofada. Em vez da cabeleira ondulada cor de cobre, ele agora tem cabelos ralos completamente brancos, e o seu rosto tem bolsas de gordura sob os olhos, manchas castanhas na pele e rugas marcantes na testa e ao redor da boca, mas não resta dúvida: é ele. Fraco, curvado, sujo, devastado e sem aliança, mas todo ele ainda. Minhas pernas tremem quase como tremeram quinze anos atrás, quando fui ouvir sua palestra

sobre “Afetos em Spinoza”. Eu tinha acabado de fazer trinta anos e vinha me sentindo velha. Tinha medo de ver toda a minha vida sugada por aquela rotina, aquele casamento, aquele bebê que engatinhava pela sala. Sugada literalmente, eu pensava nisso enquanto passava o aspirador no carpete da casa, imaginava cada resquício de mim tragado e embolado junto com os pelos do gato no copo do aspirador. Não sei por que achei que me envolver com um professor de filosofia dezoito anos mais velho ia fazer alguma diferença. Eu estava mesmo perdida. Saía do meu bairro calmo e tranquilo em Niterói e cruzava a ponte e metade do Rio de Janeiro para assistir às suas palestras e deixar ele me foder no motel mais próximo. Era tão convencido que quando contei que minhas pernas tremeram ao vê-lo discursar brilhantemente sobre afetos com uma plateia enorme à sua frente e um monte de gravadores ligados na mesa, riu e disse: “É que você se apaixonou”.

“O quê?”

“Você se apaixonou”, ele repetiu, e riu mais alto ainda. Pensei tê-lo ouvido acrescentar “você se enganou”, mas eram sons normais de riso, não palavras.

Já ia deixando o quarto, mas, agora que minhas pernas tremeram e trouxeram lembranças, o que faço é sacudir seus ombros e dizer: “Acorda, Octávio”. Ele abre os olhos inchados e vermelhos (agora também aquosos e embaçados), e eu repito: “Acorda, tá na hora da terapia

de grupo. Você tem que ir”. Ele me reconhece, seus olhos se arregalam de surpresa e ele se senta o mais rápido que pode na cama, mas eu só digo: “Seja bem-vindo à nossa clínica” e saio quase correndo do quarto.

Adoro as sessões de terapia em grupo. Os pacientes se sentam em cadeiras dispostas em círculo e entre eles se senta o Marcel, que é um terapeuta muito simpático e tranquilo de barba ruiva e braços compridos demais para sua altura. Ele sempre abre as sessões perguntando quem quer falar primeiro e então entrega a almofada a quem se habilitar. É uma almofada preta, quadrada e pequena que ele chama “almofada da palavra” porque você precisa segurá-la se quiser falar. O interessante nessas sessões é que os pacientes podem opinar uns nas falas dos outros e dizer tudo aquilo que nós, da equipe de saúde, não podemos, como “toma vergonha nessa cara”, “para de se lamentar”, “se separa desse atraso de vida” e outras coisas do gênero. Às vezes, os ânimos se exaltam e todo mundo começa a falar ao mesmo tempo, enquanto alguém grita sem parar “eu tenho a almofada!”, mas quando isso acontece o Marcel sobe na cadeira e sopra o apito que traz pendurado ao pescoço. Então todos fazem exercícios de respiração ou ele determina que é hora da “pausa pro chá” e eles cercam a mesa para comer biscoitos e beber chá de camomila. Se tudo sai mesmo de controle (o que só vi acontecer uma vez, em que voou chá quente e cadeira pra

tudo o que é lado), a sala logo se enche de enfermeiros e seguranças e as coisas voltam ao normal.

A primeira semana de internação costuma ser muito difícil porque os pacientes têm que lidar com os sintomas da abstinência, como tremores, suores e picos de ansiedade. Por isso, não é obrigatório ir à terapia de grupo durante a primeira semana. Alguém deve ter dito isso a Octávio, porque ele simplesmente ignora minha ordem e não aparece. Vou encontrá-lo na horta, regando os canteiros de beterraba. Reparo que puxa da perna esquerda.

Assim que me vê, tira o dedo da mangueira. A água, que esguichava alto e para a frente, passa a cair triste e pesada na grama aos seus pés. “Meu Deus, Melissa, quanto tempo”, murmura. Reparo que suas mãos tremem de leve.

“Pois é. Dez ou doze anos”, digo. Não quero confessar que calculo cada minuto.

Ele gira a rosca na ponta da mangueira para interromper o fluxo de água, depois se curva e deposita a mangueira com todo o cuidado na grama. “Você não sabe como eu te procurei nos últimos anos.”

Não respondo. Dou o mesmo sorriso fraco e genérico que concedo a todos os pacientes.

“Sério. Desde que entrei pro AA há sete anos e quatro meses. Você sabe, reparação, né? Faz parte do programa, procurar quem a gente magoou e pedir desculpas.”

“Aham”, digo, balançando a cabeça. Não sei o que mais posso dizer.

De repente, Octávio é acometido por um acesso de tosse. É uma tosse seca e convulsa, ele se curva para a frente e bate com a mão no peito, mas a tosse não para. Eu me aproximo e bato com a mão aberta nas suas costas, “o que foi, se engasgou?” Ele faz que não com a cabeça sem parar de tossir, então finalmente o ataque para e ele inspira fundo, solta o ar e diz, com uma voz baixa que mais parece assobio: “É o cigarro”. Tiro a mão das suas costas e me afasto, mas, quando faço isso, noto que uma mancha escura se formou na frente da sua bermuda bege. Não sei se ele percebeu ou não, mas ao invés de fingir que não vi, olho bem nos seus olhos aguados e digo: “Melhor você se trocar”, depois viro as costas e o deixo sozinho no pátio.

Não tem ninguém registrado pra visitá-lo, mas no campo contatos de urgência do seu prontuário tem um telefone e o nome Maria Luiza com a indicação (filha) entre parênteses. Maria Luiza. Ele tinha tão pouca consideração por mim que nem como amante me respeitava. Uma vez eu estava pronta para uma das suas palestras seguidas por motel quando ele ligou e disse que tinha tido um imprevisto. Teria que levar a filha pra conferência e voltar à casa depois. Perguntou se mesmo assim eu queria ouvi-lo palestrar e eu disse claro que sim, então ele passou de carro com a menina pra me buscar. Que

tipo de homem bota a amante e a filha de dez anos juntas num carro? Nem medo de mim ele tinha, medo de que eu fosse louca, contasse tudo pra garota, o beijasse na frente dela, fervesse seu coelhinho ou outra insanidade qualquer. A menina era rechonchuda e usava um penteado infantil demais pra idade, com duas tranças caindo uma a cada lado da cabeça. Senti pena dela. Me cumprimentou como se eu não fosse ameaça alguma ao casamento dos pais e, depois que entrei no carro, botou os fones de ouvido e ficou cantarolando “*California girls, we are undeniable*”, mas, mesmo com fones, o volume estava tão alto que dava para ouvir do banco da frente. Pensei em avisá-la de que ia estragar os tímpanos, mas me contive. Não era minha filha. Octávio nunca tinha ido a essa faculdade e errou o caminho duas vezes. Na segunda vez em que passamos pelo Burger King, Maria Luiza pediu: “Pai, na volta podemos lanchar aqui?” Mas ele fez que não com a cabeça. “Você já não tá gorda o suficiente, não?”, perguntou. Olhei pelo retrovisor, ela tinha os olhos virados pra baixo, mas vi que se encheram de lágrimas. Chegamos atrasados na faculdade e ele saltou do carro correndo, mas os fones da menina engancharam no cinto de segurança e ele começou a dizer palavrões, por isso falei: “Vai indo na frente, eu fecho o carro e entro com ela. Ainda preciso fazer xixi, de qualquer jeito”. Ele jogou a chave do carro e voou pra dentro do prédio. Depois que ela se desenroscou, eu a levei até

a cantina e comprei *cheeseburger*, batata-frita, Coca-Cola e um *sundae* de três bolas com calda de caramelo, e quando fui pagar ainda comprei quatro chocolates daqueles bem gordurosos com marshmallow e amendoim pra ela comer em casa. Comeu tanto que teve que abrir o zíper da calça e arrotou durante toda a palestra.

Quando percebo que Octávio sofre de incontinência urinária, troco seus calmantes por diuréticos. Eu já vinha confiscando seus calmantes desde o primeiro dia, mas estava dando vitaminas e antialérgicos no lugar. É uma coisa que faço de vez em quando, roubar calmantes da clínica. Não é uma falta grave, não sou uma viciada nem nada disso, só tomo um ou dois comprimidos (depende da dosagem) pra dormir à noite, e os médicos dessa clínica têm a mão pesada pra medicar, os pacientes ficam se arrastando como zumbis pelos corredores. Tiro um comprimido aqui, outro ali, ninguém nota nem se prejudica. Mas, desde que Octávio se internou, só pego calmantes dele. Não quero que tenha um único dia de paz enquanto se livra do álcool, quero que sofra cada centímetro da abstinência que eu sofri quando nosso caso acabou.

Estritamente falando, quem terminou nosso caso fui eu, mas a verdade é que ele não deu a mínima. Só parei de vê-lo por que eu e meu marido decidimos ter mais um filho. Pensamos que isso salvaria nosso casamento. Nos divorciamos seis meses depois

do bebê nascer. Fiquei sozinha com dois filhos pequenos, mas não foi de todo ruim. Pelo menos me livrei do Octávio. Ele vem mancando até o posto de enfermagem: “Mel, tem como me dar um paracetamol, por favor? Minha cabeça tá estourando”. Encosta as mãos no balcão, seus dedos tremem e estão cheios de feridas ao redor das cutículas. As unhas estão tão roídas que dá pra ver a carne.

“Não me chama de Mel, Octávio. Meu nome é Melissa.”

“Melissa. Enfermeira Melissa. Por favor, posso tomar um paracetamol?”

“Não damos paracetamol pra alcoólatras. Faz mal pro fígado. Mas posso ver se tem ibuprofeno S.O.S. na sua prescrição.”

“Tá ótimo, Melissa, obrigado. Posso esperar aqui?”

“Pode. O que houve com a sua perna?”

“Quebrei num acidente de carro. Tava bêbado, claro.” Ele levanta a camiseta e vejo cicatrizes na metade esquerda da sua barriga. “Explodi o baço também. Se não tivesse sido uma ambulância passar na estrada bem na hora e me socorrer, eu tinha morrido. Incrível, né? Passar logo uma ambulância do meu lado no meio da madrugada.”

“Foi um anjo que te salvou”, digo.

“Não sei”, ele diz, e olha pro chão. “Se calhar, foi um demônio.”

“Até os demônios podem estar a serviço de Deus.” Não sei por que digo isso. É uma coisa que meu pai costumava dizer, e sempre achei uma idiotice.

Octávio levanta os olhos e vejo um brilho estranho neles. Suas mãos tremem mais forte, ele as esconde rápido nos bolsos. “Vou esperar o comprimido no quarto, Melissa. Se você não se importa.”

Digo que tudo bem, e ele sai arrastando a perna. Observo enquanto entra no quarto e ouço o ranger da cama quando ele solta seu peso nela, depois escuto os soluços quase convulsivos que vêm lá de dentro. Os meus soluços eu abafó com as duas mãos em concha sobre a boca, mas as lágrimas não consigo deter. Elas lavam o rímel dos meus cílios e deixam um pingó preto na caixa de ibuprofeno.

A moldura

Tem um quadro da Frida na exposição do centro cultural, disse Cristina. O ar cosmopolita de Cristina me irrita. Ela não perde uma chance de ostentar sua superioridade; rica, solteira, independente, sabe que eu nunca ouvi falar de Sonia Delaunay, Suzanne Valadon, Marie Laurencin e joga esses nomes assim mesmo, mas Frida Kahlo eu conheço. Amanhã vou a essa exposição. Não pela Cristina nem pela Frida, mas para me sentir mais próxima do Antônio, que está no México há três dias. Queria ter ido com ele, mas não disse nada. Não tive coragem. A passagem é cara. E, depois, o que eu ia fazer com o bebê num país estranho, num quarto de hotel? Assistir a uma defesa de tese com uma criança de sete meses no colo não dá e viajar sem nosso filho não é uma opção, ia deixá-lo com quem? Me pareceu absurdo propor isso em voz alta, mesmo ao Antônio. O que ele ia pensar, como ia me olhar? É aqui que a vida precisa de mim, filho para cuidar, plantas para regar, uma casa a administrar. Casamento não é romance, é sociedade, diz minha mãe, é uma empresa com divisão clara de tarefas, com decisões a serem tomadas, com projetos, metas. Ainda não é assim para mim. Ainda tenho saudade do

meu marido mesmo em viagens curtas, sinto falta do seu corpo na cama à noite, de acordar e ver a xícara suja de café, as migalhas de pão no prato, a toalha molhada no banheiro, aquele pequeno conjunto de desordens indicando que ele acordou na hora certa, que a engrenagem da nossa casa funciona, que ele foi trabalhar de barriga cheia, com roupa limpa e passada. Mas agora nada disso, a casa vazia, a cozinha intocada de manhã, o bebê na metade dele da cama. Sei que não devo acostumá-lo na nossa cama, mas é difícil dormir sozinha depois de tanto tempo e ele já dorme no nosso quarto mesmo, só fiz transferi-lo do berço para o meu lado. Ele não dorme tão bem nesse espaço amplo, se mexe, esperneia, gira 90 graus, chuta minhas costelas. Tento embrulhá-lo na manta como se fosse um envelope, mas ele chora, se irrita. Pelo menos, dorme a noite toda. Como eu queria um drinque agora. Enquanto espero Antônio ligar, estudo a última foto que ele me mandou. É o palácio de belas artes na Ciudad de Mexico, ele está bonito, barbeado, usa o blazer grafite e sorri na frente de um painel incrível, o maior que já vi. Queria ver essa pintura de perto. No centro, há hélices e um homem vestido de verde-cobre com luvas grossas controla uma grande máquina. O homem tem o rosto sério, mas algo nele remete a um menino jogando videogame. Embaixo dessa figura masculina, uma mão emerge e segura um globo. Há homens de máscara, policiais com cassetetes, um deus opressor e outro

sem cabeça, mas o que atrai mesmo minha atenção é o grupo de mulheres jogando. Elas usam vestidos de festa com costas nuas, brincos de pérola e têm cabelos curtos, sorriem, fumam, seguram cartas; atrás delas, outras mulheres dançam. Livres, despreocupadas. Amplio a foto com os dedos. Tenho um vestido longo de costas nuas, mas não uso há tanto tempo que não sei se ainda cabe em mim. Melhor nem testar, odeio gordurinha escapando nas costas, meu marido não liga, mas eu acho horrível. Jogar, fumar, dançar com as costas nuas me parecem agora tão distantes quanto a última vez em que usei esse vestido.

Encontrar Cristina na exposição estragaria meu dia, ela é o tipo de pessoa que pode ir vários dias seguidos ao mesmo museu, imagino-a sentada naqueles bancos que colocam na frente das telas, sentada por horas analisando cada quadro em detalhe, sem pressa, sem hora para nada, com roupas de linho lisas e minimalistas, daquelas que não têm nada de especial, mas vestem como uma luva. Cristina é o tipo de mulher que sentaria em frente às telas e fumaria um cigarro com piteira longa — se fosse permitido fumar em local fechado —, depois almoçaria e beberia um vinho caro no restaurante do próprio museu e continuaria analisando obras de arte até o fim do dia. Bem diferente de mim. Mas já decidi: amanhã vou deixar o bebê na creche e visitar a exposição. Eu mataria por um drinque agora. A viagem

é a trabalho, mas Antônio vai tomar uns *shots* no bar do hotel. Sei que vai. Eu tomaria. Antônio diz que quando voltar dessa viagem com o título de doutorado seu salário vai aumentar e nossa vida vai ficar ainda melhor. O que ele chama de vida melhor? Uma casa maior para administrar? Outro filho para criar? Antônio num carro zero? Minha mãe diz que eu me dou bem na divisão de tarefas, que as mais duras sobram para ele: levantar cedo, trabalhar o dia todo, ficar preso no trânsito, lidar com o estresse, almoçar porcaria na rua. Mas quem está no México agora, bebendo no bar do hotel, posando na frente de um painel enorme? Amanhã que se dane o almoço, vou ver a Frida e almoçar hambúrguer. Antônio se confunde com o fuso horário e liga muito tarde, quando já estou dormindo, acordo, mas estou cansada, falamos pouco. Pelo menos não acordou o bebê.

O centro cultural fica perto do metrô, desço na Uruguaiana, tenho três horas só para mim. Na entrada do edifício penduraram uma faixa amarelo-vivo com o nome da exposição em preto e a foto de uma mulher deitada fumando sobre um fundo azul. Ícone pop, foi isso o que a Cristina disse quando contei que gostava da Frida. “Ah, já desvirtuaram muito a imagem dela, coitada, virou ícone pop.” Sei que o coitada é para mim, que o que ela quer mesmo dizer é “coitada de você, Rosa, só conhece ícones pop”. Não sei bem o que é isso, mas pelo jeito que ela mexeu a boca ao falar não é elogio. Não me

importo, tenho a manhã livre e o destino deu um jeito de trazer uma pintura da Frida para cá justo quando eu queria estar no México: não pode ser por acaso. Há gente demais aqui para uma manhã quente de quarta-feira e muito mais coisas para ver do que imaginei: quadros abstratos, fotografias em preto e branco, vídeos em salas escuras, em cada galeria o nome de uma artista de quem nunca ouvi falar. Olho tudo, mas nada me atrai muito. Botaram a pintura da Frida na última sala, óbvio. Não sou a única que veio aqui só por causa dela, basta olhar a aglomeração para perceber, é o único lugar lotado da exposição. Já estou andando há tanto tempo que não consigo evitar a ansiedade, me enfio na multidão, olho o auto retrato e... Deus, como é pequeno! Pendurado assim na parede escura, não é maior do que aqueles espelhos baratos de moldura laranja pregados nos banheiros dos botecos. Vinte centímetros de largura no máximo; uns vinte e cinco de comprimento. Desse pequeno quadro-espelho, Frida me encara com mansidão enigmática, cabelos trançados enfeitados com flor amarela; atrás dela, um fundo azul; à sua volta, ornamentos, flores e aves coloridas. As pessoas se amontoam na frente do quadro, tiram fotos com o celular, pisam os pés umas das outras. Observo as flores que emolduram seu rosto: são grandes, exóticas, vibrantes, vermelhas e cor-de-rosa. Fico na ponta dos pés e observo melhor: é quando a dúvida me invade. Já não sei

se as flores emolduram ou oprimem seu rosto. Agora me parece que na realidade são elas que comprimem o quadro, que restringem seu poder, as flores o diminuem, a aprisionam ao invés de enfeitá-la. Não há flores no enorme painel que está no México; não: o que há são hélices refletindo macro e microcosmos, um deus poderoso e um deus decapitado, homens trabalhando, homens lutando, homens de ternos cor de grafite, árvores, frutas e raízes — mas não flores — e mulheres jogando, fumando, dançando, usando vestidos de costas nuas. Deus, como eu queria estar no México. O alarme do celular vibra no bolso da calça: duas horas já se foram. Lanço um olhar de despedida ao autorretrato e de repente as flores não restringem nem comprimem nem aprisionam o rosto da mulher, pelo contrário: elas o sustentam, estabelecem limites ao azul que serve de fundo, impedem-no de se derramar. E me ocorre que o quadro tem o exato tamanho que precisava ter: é para dentro que a pintura é o mundo.

AÇUCENA

C hove e tocam a campainha. Minha mãe descansa o ferro de engomar no feltro e vai até a porta; pelos livros e cadernos espalhados sobre a mesa entrevejo crianças. São três, de diferentes tamanhos. Seis galochas afundadas na poça. Minha mãe e o homem com as crianças se olham calados, depois ela fecha a porta e os deixa lá fora na chuva. Ela caminha até a tábua de engomar e desliga o ferro, sua testa tem gotas brilhantes de chuva ou de suor. Vai pro quarto, Isadora, ela diz. Fico sentada no mesmo lugar. Minha mãe abre a porta de casa outra vez e sai. As crianças e o homem dão um passo atrás, abrindo espaço para ela. O homem espia para dentro de casa do mesmo jeito que eu tento espionar para fora, nossos olhos se cruzam por um breve momento, mas minha mãe fecha a porta atrás de si.

Ela nunca desliga o ferro com uma pilha de roupas ainda por passar. Gasta muita energia, isso de aquecer o ferro. Tem que aproveitar ao máximo depois que ele esquenta. As roupas ficam separadas em cestas brancas de plástico: as da dona Gabriela, as do seu Luís e da dona Marlene, os ternos do pastor (estes ela só passa quando o ferro está pegando fogo, lá para o fim do dia). Quase

não tenho lembrança da minha mãe sem ser atrás da tábua de engomar, com coque na cabeça e spray de água na mão. Seu nome é Açucena. Um nome lindo, mas os vizinhos chamam-na dona Nena.

Minha mãe entra de volta com as três crianças: dois meninos e uma menina. Ela leva os dois meninos ao quarto dos bengaleiros e da máquina de costura, aquele onde não devo brincar. A menina senta-se no sofá, suas pernas balançam no ar. Minha mãe põe uma *Luluzinha* nas suas mãos, mas ela nem abre a revista. Vejo lágrimas nas suas bochechas. Tenho onze anos.

Sara, Pedro, Samuel. Minha mãe não explica por que eles vão morar aqui, quem são, de onde vêm, nada. Minha mãe não é de falar. Ela muda os bengaleiros para a sala e empilha edredons no chão do quarto de trabalho para os meninos dormirem. Bem perto da máquina de costura em que não posso mexer. Duas vizinhas aparecem com cobertores e a pilha fica mesmo grande e macia. Depois alguém conseguirá um colchão e os edredons voltarão para seus donos. A menina fica com meu quarto. Não a odeio por isso, agora durmo com a minha mãe, enfio os meus pés entre as suas pernas ossudas e quentes, ouço sua respiração à noite.

Minha mãe é alta, magra, de pele muito muito escura e ossos largos no quadril e no rosto. Tem dois vincos profundos na testa, logo ela que borrifa água e passa a ferro para desfazer vincos das roupas. As veias das

suas mãos são saltadas e tortuosas e o sangue que corre nelas é azul, mas só dá pra ver quando ela se corta.

Sara tem doze anos. Ela traz muitas roupas numa bolsa molenga verde-escura e fala tão pouco quanto dona Nena, só diz que sua mãe precisa dormir por um tempo e que seu pai é marinheiro. O meu? Eu não sei nada do meu. Minha mãe não fala do “falecido”.

Tenho nove anos. Depois de insistir muito, minha mãe me deixa passar o domingo na casa da Drica. Domingo é dia de culto, ela nunca me deixa faltar à igreja. Dessa vez acho que sente pena da Drica, é seu primeiro aniversário depois da leucemia. Drica mora numa casa de dois andares muito maior do que a nossa, com paredes de azulejo castanho e piscina do lado de fora. Está nublado, mas faz calor, a mãe da Drica aparece com sacolés de tangerina, saio a pingar da piscina e me deitado no chão de pedras quentes. Sou um lagarto. Cheiro a cloro e tenho os dedos enrugados. Um lado do céu tem nuvens brancas e uma fatia de azul, no outro as nuvens são cinzentas e querem desabar. Uma abelha pousa no meu polegar e me pica, a dor é lancinante, mas não é por causa da dor que choro; choro porque a abelha me feriu assim de graça, sem motivo, sem razão, como se fosse vingança. A abelha é minha mãe.

Minha bisavó (avó da minha mãe) era etíope. Era também escrava. Um dia, vou descobrir que os escravos vinham acorrentados nus empilhados vomitando com

frio fome sede nos navios negreiros. O cheiro dos navios negreiros era tão terrível que alcançava os portos brasileiros antes do navio atracar. Um dia vou entender o que significa ter uma bisavó que sobreviveu à fome, sede, doença, dor, saudade, tristeza, pavor. Minha bisavó viu cadáveres de homens fortes serem lançados ao mar; outros apodreceram ao seu lado. Ela sobreviveu, cresceu e, anos depois, gerou uma filha no seu “ventre livre”. A filha da minha bisavó (minha avó) dizia que nasceu livre, mas que não era livre. Como pode alguém ser livre sem terra, dinheiro, trabalho, profissão, família e enquanto o corpo todo da mãe (menos o ventre) é escravo? Nos momentos difíceis da minha vida vou encarar o espelho e dizer a mim mesma que minha bisavó e minha avó não passaram por tudo aquilo para a neta delas se deixar abater assim, fácil. Mas só vou pensar nisso mais tarde, ainda não conheço essas histórias. Dona Nena não fala sobre o passado, ela não tem tempo pra isso, ela tem que lavar e passar roupa para fora, costurar, criar uma filha do “falecido” e três crianças que largaram à porta.

Nasci aqui. Minha mãe veio menina de Pernambuco, se instalou em Vicente de Carvalho e em dois de dezembro de 1980 vai morrer neste subúrbio do Rio de Janeiro. Não me pareço com ela, minhas pernas são grossas, minha pele tem cor de leite com chocolate, como ela diz que era a pele do seu pai. Meu avô era índio fulni-ô. Antes de ele nascer, em Ouricuri, um surto

de cólera matou metade da tribo. Tenho uma mancha escura na mão direita: é minha marca de índio. Bem perto de onde a abelha picou. Chego em casa e choro-mingo, sei que ela vai dizer eu-avisei-você-não-devia-ter-ido. Minha mãe passa água e sabão onde a abelha picou. Você acha que Deus mandou a abelha me picar de castigo, mãe? Porque não fui no culto? Ela enxagua o sabão da ferida e seca minha pele com a barra do vestido, depois se agacha para me olhar nos olhos e diz: Deus é amor, Isadora. Deus não castiga. Ela molha o indicador com a língua e pressiona em cima da picada, a saliva arrefece lentamente, não há mais marca de abelha, só mancha de índio, lambida de mãe e frescor.

Sara, Pedro e Samuel chegaram antes das férias de julho. As aulas já voltaram há três meses, mas só eu vou para a escola. Pedro ajuda no armazém, Samuel na mercearia e Sara busca e leva roupas para minha mãe. Nós passamos maquiagem escondidas no banheiro e rimos com as revistas proibidas que dona Charlene deu a Sara, mas uma tarde chego da escola e tudo deles desapareceu. Minha mãe diz que voltaram para casa, pergunto que casa, mas ela não quer falar sobre isso. Um dia vou entender, ela diz. Pensei que teríamos nosso primeiro Natal animado, que jantariamos os cinco juntos na nossa própria sala, em vez de ir para as casas das senhoras da igreja que nos olham com pena por sermos uma família de duas e nos entopem com comidas que dão en-

joo. Também não vou mais adormecer com respiração macia de mãe. Fecho-me no quarto. Levanto o colchão e encontro cinco revistas *Grande Hotel*, um batom vermelho e um maço quase cheio de Charm. Não sei se Sara os esqueceu ou escondeu para mim, mas deito tudo fora. Não tem graça fumar nem ler *Grande Hotel* sozinha.

Tenho trinta e cinco anos, há cinco enterrei minha mãe. Ela não conheceu Teodora. Também não vai conhecer meu filho, não me vai ajudar com o primeiro banho, com o leite empedrado, a paranoia da morte súbita no berço, a guerra para tirar a chupeta. Ela aprovaria minha vida com Teodora? Nunca a vi criticar o amor. Deus é amor, foi isso o que ela disse quando pensei que era ela a abelha. Uma enfermeira bate à porta, quer que eu caminhe pelo corredor, meus pontos latejam, não me quero levantar. Teodora entra com nosso filho nos braços. Pessoas enfrentaram navios negreiros, escravidão, cólera, medos, preconceitos para essa criança estar aqui. Tanta força, esperança, vitórias, coragem, tanta luta só para esse bebê nascer, chorar, sorrir, tanta história nesse colostro, nessas mãozinhas que se fecham em volta do meu dedo, nessa jornada que começa agora, essa travessia. Aconchego meu filho no peito. Prazer, mãe. Finalmente vou conhecer você.

Andar cinco corredor um

Ele mordeu a cabeça da pomba, viva mesmo viva com bico e tudo só pode ser louco, isso o que disseram clichê morder cabeça de pomba mas foi o que aconteceu o corpo ficou caído no chão asas fechadas manchando a terra a cabeça ele mordeu mastigou o bico duro demais cuspiu os outros loucos se afastaram assim repugnados se fecharam nos quartos até louco reconhece loucura quando passa do ponto.

Também não falava. Tinha vindo de longe, longe em tempo e lugar desceu ponto final sem saber onde nem quando andou perto rodoviária sobreviveu quentinhas cristãos missionários amigos que fez na rua água do chafariz mesmo, sim diarreia, vômitos às vezes, isso era normal acostumou. Pegaram ele parado congelado virado em estátua pescoço torcido posição estranha dolorida esquisita não levantava não comia não bebia mesmo com sol calor desidratação fazia xixi ali sentado com calça isso secava no sol chamavam não respondia ferida na perna moscas larvas assustou vizinhos chamaram polícia policial cutucou ameaçou conversou ele não se mexeu ambulância sanatório manicômio cabeça de pomba com bico cuspidor no pátio. Aí sim, chamou

atenção. Tão jovem, tão bonito depois de barbeado lavado limpo enxugado medicado vestido. Mas não falava. Precisou jeito pra arrancar palavras jeito conversa terapia remédios por fim falou não era dali, era de outra cidade, deu os dados, lembrou um número de telefone, era o número da casa da mãe, ela não atendeu, talvez tenha se mudado, a assistente social conseguiu passagem e o botou no ônibus de volta pra cidade de onde veio, orientou direitinho, fizeram vaquinha no hospital e deram até dinheiro vivo pra comprar lanche na parada da estrada, tomou café com leite, joelho de queijo e presunto, rosquinhas de milho. No ônibus passou um bom tempo e uns bons quilômetros, gostou de ver a paisagem corrida na janela (sentou na janela), viu vendedores de jaca e de coco verde, bananeiras, barrancos, pastagens quase infinitas com vacas em cima e nuvens carregadas mais em cima ainda, um carro enguiçado ou com pneu furado no acostamento e um caminhão enorme com cavalos dentro. Aí sim chegou. Apareceu uma assistente social da prefeitura, estava esperando, o hospital fez contato, pediu pra ajudar, bem vindo de volta ela disse, pensei que chegava no ônibus das quatro; não, me atrasei tive que pegar o próximo; acontece; sim, acontece, pensei que minha mãe vinha me esperar; temos que conversar; cadê ela; ela quem?; minha mãe; então, temos que conversar; Dona Ilza que ela chama; sim, eu sei; cadê ela minha mãe dona Ilza, em casa?; não casa não,

Ilza necrópole vertical andar cinco corredor um lápide cento e doze te ajudo papelada muita coisa pra assinar vamos ver tudo juntos não hoje não outro dia te pego no abrigo ficas aqui por enquanto abrigo muita coisa papelada pra assinar espólio herança sim tem herança carro casa pequena aquela onde você morava se lembra o ar da cidade metálico. Ficou sozinho. Colcha do abrigo lã empelotada rua estrada de terra atalho chão terra cavou cavou com mãos nuas dedos secos famintos feridos brancos sedentos juntou mãos em volta da boca boca no buraco gritou mãe chamou mãe! Mãe! Mãe infecunda insepulta o ar é de cobre aqui olhou pra cima estava a pomba, pomba parada olhando chamar mãe no buraco, olhou pomba bico duro penas azul metálico de óleo sujo na água reflexo do sol, levantou correu atrás da pomba mãe! gritou a pomba voou Não, mãe! Não, volta aqui volta aqui mãe! Voou.

AQUI O MAR OS ESCOMBROS VOCÊ

Tudo começou com essa construção abandonada. O terreno fica bem em frente à praia e tudo o que há nele é um esboço de casa, com tijolos empilhados e cimentados formando quatro paredes. A estrutura externa está inteira e tem espaço para futuras portas e janelas, mas, do lado de dentro, a situação é outra. As divisórias entre os cômodos estão em ruínas e o chão, coberto por detritos, tijolos quebrados e latas vazias de cerveja. Também há duas pequenas montanhas no chão: uma de areia, a outra de pedra calcária. Entramos e Miguel afasta os pedaços de tijolos e os pedregulhos maiores com o pé, mas antes que ele abra uma clareira aceitável entre os destroços, eu o jogo no chão, abaixo sua bermuda e subo no seu corpo quente. Ficamos bem embaixo da janela porque a rua é deserta, mas a graça é imaginar que alguém vai passar e nos ver. Meus joelhos ficam ralados e marcados pelas pedras. Depois nos deitamos virados para cima e ficamos ali de mãos dadas, rindo, fumando e ouvindo as ondas quebrarem, o entulho ferindo nossas costas. Quero que seja sempre assim, eu digo. Miguel sorri, aperta os olhos daquele jeito que me enfeitiça e diz: vai ser, eu juro. Vamos selar um pacto

de sangue então, eu falo. Vasculhamos os escombros da casa em busca de alguma lâmina, mas só encontramos pregos enferrujados e uma ou outra pedra de arestas pouco afiadas.

Então começamos a invadir quintais. Não entramos realmente dentro das casas, só pulamos os muros e descansamos nos jardins, pisamos a grama, colhemos pitanga e araçá, essas coisas. Vamos nos contentando assim, com exteriores, mas depois as coisas evoluem e quando vemos estamos dentro da casa do uruguaio.

Não sabemos muito sobre ele, só que passa os feriados e fins de semana numa casa de praia exótica com a mulher e um vira-lata preto. Eles não moram aqui de verdade. A casa por alguma razão parece feita de ossos de baleia. Vista por certos ângulos também lembra um castelo de areia que alguém cimentou com neve (mas sem se esforçar em esconder as ondulações e irregularidades marcantes de suas paredes), ou uma das muitas casinhas brancas que se querem precipitar ao mar em Santorini ou nos Pueblos Blancos de Cádiz.

Na primeira vez que acontece, estamos entediados nas nossas cadeiras de praia. É fim de tarde e percebemos que a casa está vazia. Ela fica na mesma quadra da praia, bem em frente ao mar. O uruguaio, sempre o vemos sentado na varanda com livros, papéis e uma máquina de escrever em cima da mesa. Às vezes digita na máquina, às vezes escreve à mão e em outras lê,

mas na maior parte do tempo só olha o mar mesmo. Já a mulher nunca para quieta, quando não está cuidando do jardim, passeia com o cachorro na praia ou toma sol sem a parte de cima do biquíni. Não é escandaloso, essa praia é bastante deserta. São vinte quilômetros de extensão arenosa com o mar de um lado e uma vegetação rasteira que nasce das dunas no outro, e no meio quase ninguém. Estamos desde cedo a observar a casa do uruguaio, por isso temos certeza de que eles não estão lá. Recolhemos nossas coisas e pulamos o muro; depois, Miguel usa suas habilidades e abre a janela da sala. Entramos por ela: desemboca por cima de uma *chaise longue* de tecido verde queimado pelo sol. Por dentro, a casa parece um museu. Há seixos de rio cobertos por telhas de vidro e uma tapeçaria enorme enfeitada a parede principal da sala. O pano tem cor de argila com raras pinceladas amarelas e retrata uma aldeia africana. Mulheres e homens felizes, de lábios grossos e pele escura, carregam enxadas nos ombros e crianças nas costas. Outro homem sobe o rio numa pequena canoa, ao seu lado um cesto cheio de peixes, cocos e bananas. Outra parede está coberta por uma infinidade de quadros pequenos com fotografias em preto e branco; a maior parte delas de rostos. Também há estatuetas pintadas à mão, máscaras tribais africanas, carrancas nordestinas e pratos marajoaras espalhados por todos os lugares, mas o que me impressiona mesmo é o escritório: deve

ter milhares de livros. Todas as estantes estão carregadas do chão ao teto. Eu e Miguel entramos no banheiro da suíte e tomamos um banho comprido e quente, a areia e a água salgada fluem ralo abaixo. Depois deitamos nus e molhados na cama de casal e descobrimos que o colchão é duro como pedra.

Não sei por que, mas fico fascinada pela casa do uruguaio. Voltamos naquela mesma noite com uma garrafa de vinho e um pote com nozes, tâmaras e pistache, mas só entramos na casa para pegar duas taças. Depois ficamos pelo jardim. É uma noite clara e fresca de abril e o barulho das ondas vem e volta como um balanço suspenso nas nuvens. Ficamos deitados na grama por muito tempo, depois eu me levanto e sento na cadeira do uruguaio. Olho o mar por cima do muro e tento adivinhar o que ele vê sentado ali. Onde estará agora? Ama a mulher ou são apenas um velho cacoete? Eu como as tâmaras que trouxe e guardo as sementes no bolso, depois cavo a terra e enterro uma por uma ao pé de um ipê amarelo. Antes de ir embora, lavo e guardo as taças de vinho no lugar onde as encontrei, e roubo um livro do escritório — um que não sei se vou ler.

No fim de semana seguinte, vejo o uruguaio com a mulher e o cachorro na praia e sinto uma ternura insólita por eles. A mulher e o vira-lata correm na areia e brincam com os pés enfiados no lago recém-formado, mas o uruguaio entra no mar e fico mesmo apreen-

siva. O mar aqui é lindo, mas é aberto, forte, revoltado e temperamental. Tem ondas que quebram em sucessão, valas que mudam de lugar, buracos, correntezas e redemoinhos sorrateiros, e não há surfistas nem guarda-vidas por perto. Uma vez, vi uma mulher ser arrastada pela correnteza e se afastar cada vez mais da arrebentação. O mar estava tão escuro e revoltado que ninguém se atreveu a entrar para a salvar — exceto o noivo, que se jogou e conseguiu nadar até ela, mas ficou preso também. Os dois rodavam em círculos aparecendo e sumindo na linha da água, como se um ralo gigante sugasse seus corpos. Uma pequena multidão se aglomerou na areia, mas ninguém mergulhava, todos só gritavam e apertavam as mãos em agonia. Até que um menino de sete ou oito anos quebrou a inércia, correu até um grupo de homens que pescava com linha vários metros à frente e pediu ajuda. Os homens largaram os equipamentos, correram para suas casas e voltaram carregando um barco. As cabeças dos noivos subiam cada vez com menos frequência. Os pescadores botaram o barco na água e remaram até o casal, depois com muito esforço conseguiram resgatar a mulher. Assim que o fizeram, a cabeça do homem sumiu. Sumiu e não apareceu nunca mais. Dois pescadores pularam na água, a mulher gritou, foi perturbador. Acabaram saindo do mar só com ela, e tiveram de segurá-la, porque queria se atirar à água outra vez. Foi uma das coi-

sas mais tristes que já vi. Por isso, fico atenta quando o uruguaio mergulha na água.

Na semana seguinte, encontro folhas com um poema rascunhado a lápis na mesa de jantar do uruguaio. O traço é forte, deixa marcas em alto relevo no verso da folha, a letra é ágil e fluida, quase incompreensível; os riscos do *t* flutuam sem tocar as hastes. Ninguém assinou o poema. Abro a geladeira: água mineral, vinho branco, seis litros de leite, dois potes de manteiga e mais nada. Eles trazem comida da cidade. Memorizo o nome do vinho e as marcas de leite e manteiga para procurar no mercado. Nessa mesma noite, o mar está de ressaca, invade a grossa faixa de areia e varre o quarteirão rente à praia, quebra portas e janelas e inunda todas as casas. Leva embora os escombros da construção abandonada e eu me agarro ao muro de um museu para não ser tragada também. Olho para o lado e vejo o uruguaio e sua esposa, estão sentados na varanda de peito nu, o mar os atropela e rouba as folhas sobre a mesa, a máquina de escrever, o poema por terminar, mas o uruguaio tem um sorriso nos lábios, por isso não grito nem me desespero. O mar aqui é assim, ele diz, como se eu não soubesse, como se eu não morasse há anos nesta cidade, como se eu não tivesse nascido aqui.

No fim de semana seguinte eles não vêm. A casa está úmida de maresia e falta de vento, os lençóis estão pegajosos e já têm meu cheiro e o do Miguel entranha-

do, mas resisto ao impulso de abrir as janelas e arejá-los ao sol. Eles só aparecem de novo no Primeiro de Maio. Descarregam as malas, abrem as janelas, prendem a rede na varanda, depois correm para a praia e soltam a coleira do cachorro. É um vira-lata de porte médio com o corpo todo preto, exceto por uma mancha branca que sobe pelo peito e pescoço. O cachorro pisa a areia e dispara em direção à nossa barraca. Sinto um pavor terrível, como se o cão nos acusasse, como se fosse nos algemar ou algo assim. Miguel dorme de barriga para baixo na canga e, antes que eu tenha tempo de avisá-lo, o vira-lata alcança minha cadeira. Fico imóvel. Ele fareja meus pés e o pau da barraca, depois fareja os pés de Miguel, mas nem assim ele acorda. Então o cachorro levanta a pata de trás e dispara um jato de urina na haste do guarda-sol, o mijo quente respinga nas minhas pernas e deixa marcas profundas na areia, olho para trás e o uruguaio acena, me pede desculpas, mas o vento que vem do mar carrega sua voz e não ouço nada, ele começa a caminhar em minha direção, mas sua mulher o puxa de volta e se vira de costas, ele desamarra o sutiã do seu biquíni e ela estende a canga para se bronzear, o cachorro corre para longe e o uruguaio me esquece.

coisas difíceis de ressuscitar

Comecei a sentir uma forte necessidade de falar sobre Zion naquela carta. Explicar que seus olhos eram vivos e quentes no começo, não opacos como agora, que tentei me habituar a esses olhos de vidro, que cheguei a dormir enroscada nele, minha perna sobre seu corpo mesmo que os pelos duros me arranhassem e o barulho das patas vergadas sob o meu peso fosse aterrador. Que eu empalhei meu cachorro. Eu o empalhei e guardei na prateleira da sala como se fosse uma relíquia qualquer para acumular poeira, depois o soquei no fundo do armário e rezei para que não fugisse de lá.

Agora estou na sala e ela está escura como sempre fica nas tardes de inverno, ainda que eu abra as cortinas. Nunca fecho as cortinas. Não tenho vizinhos, em frente só há o muro descascado de uma garagem cinzenta e vazia, e as plantas precisam da claridade que chega com a manhã, enquanto ainda estou dormindo. Os vasos estão entulhados à esquerda, onde bate mais luz, eu os amontoou naquele canto para que peguem mais sol, para que convivam, mas, acima de tudo, para que eu possa molhá-los com um movimento único do regador. Eliel

dizia que eu deixava até cactos morrerem e para contrariá-lo cultivo orquídeas e coisas difíceis de ressuscitar.

Agora estou na sala escura, mas se comprimo as pálpebras consigo escrever sem acender o abajur. Então aperto e forço os olhos até ficar enjoada, quero escrever sobre quando adotei o Zion, quero náusea e dor infectando as palavras. Quero que ele saiba, que me conheça. Puta, egoísta, pérfida. Vou escrever sobre como fui clemente e piedosa ao levar um filhote fraco e doente para casa. Eliel dirigiu até uma instituição que recolhe animais de rua. Entramos e eram dezenas de gatos e cachorros, talvez centenas. Fezes, mijó, restos de comida por toda a parte, voluntários de braços arranhados e auras luminosas, um cheiro terrível. Fiquei tonta e ele me abraçou, saímos para respirar, uma voluntária me trouxe água com açúcar. Zion estava numa gaiola com seis ou sete filhotes. Espremiam os focinhos entre as grades e faziam barulho com as unhas tentando escalar-las, mas ele só nos olhava do canto, imóvel. Foi como o escolhi. Sei que devo ser honesta nas cartas, mas digo que estava desacompanhada nesse dia. Conto que Zion vomitou no banco do carro e que esfreguei o tecido sozinho. *Rsr*rs escrevo, quero soar bem-humorada, leve, uma mulher que ri enquanto limpa o vômito de um ser que escolheu salvar. Na semana seguinte a doença de Zion extravasou pela pele e ele ficou quase sem pelos, com feridas nas ancas e pústulas esverdeadas na cara.

Seus olhos amanheciam colados e eu os limpava com algodão embebido em soro fisiológico até que desgrudassem. *Rsrtrs*. Ele fedia a úlcera. Estava tão horrível que um dia tentou chegar até mim vindo do corredor, mas não pôde ultrapassar o aspirador estacionado à porta, então pedi à faxineira: me passa o Zion, por favor. Não vou pegar nele não, ela disse. Depois se arrependeu e o agarrou pela nuca com cara de nojo e uma flanela protegendo os dedos. O veterinário veio e disse que íamos gastar uma fortuna para ressuscitar o cão, e que mesmo assim não garantia nada. Tá com a pata na cova, ele disse. Como se fazer piada relevasse sua incompetência. Comprei antibióticos, vitaminas, unguentos. Passei o fim de semana com Zion no colo, repeti mil e trezentas vezes que o adorávamos e ele ficaria bom. Não o larguei nem para usar o banheiro e deixei que sugasse meu mamilo no banho, mas isso não ponho na carta. Ficou curado.

Quando me separei de Eliel, Zion tinha nove anos. Fui passar o fim de semana fora e disse que ele podia levar o que quisesse da casa, mas que saísse antes de eu voltar na segunda. Pus Zion no carro e peguei a estrada. Minhas amigas diziam é melhor assim, assistir seu marido esvaziar os armários é mortal. Dirigi ouvindo Mozart e mascando chicletes por todo o caminho, quando voltei faltavam suas roupas no armário, uns poucos livros da estante e o computador portátil. Mais nada. A

Taurus nove milímetros que herdou do pai, o toco de madeira que a irmã achava suficiente lixar e esmaltar para chamar de obra de arte, tudo no lugar. Até a escova de dentes o cretino deixou. Nunca visitou Zion. Antes de o sacrificarem, liguei para avisar, mas ele não atendeu. *Zion tá com câncer. Vai ser sacrificado hoje às cinco da tarde*, escrevi, *se quiser se despedir, estamos na Golden Vet*. Não respondeu.

Minhas amigas me estranham por ter empalhado o cão. Imagina se soubessem que me correspondo com um preso violento. Só contei a Jane. Ela se ofereceu para doar livros, mas o presídio onde ele está fica longe demais. Melhor assim. Jane é muito engraçada. Diz que não acredita em Deus, mas é a pessoa mais santa que conheço. Já eu escrevo cartas para um homem preso porque quero falar de mim mesma. Depois posto foto dos envelopes selados e escrevo *Lembrai-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles*. Rende muitas curtidas. Tirei da carta aos Hebreus. Jane é ateia, mas da forma que eu vejo é mais crente do que eu, a diferença é que o deus dela se chama Acaso. Ela diz que é “por Acaso” que as árvores parecem pulmões; as nozes, cérebros, as frutas, vaginas; os rios, veias. Só pode existir vida no nosso planeta entre cento e sessenta bilhões de outros, porque a vida nasceu por Acaso. Uma partícula nadava na sopa molecular e por Acaso começou a se replicar, por Acaso o universo explodiu e se expandiu, por Acaso

os brotos de samambaia obedecem à mesma proporção que as conchas dos náutilos, por Acaso um homem nasce príncipe na Noruega e outro mendigo em Chade. Quando bebemos vinho juntas, ergo a taça e digo *ao deus mais poderoso de todos, o Acaso*, e rio, mas Jane fica passada. Para ela o meu Deus não faz sentido e deve ser louco, nada que ele faz tem lógica, criou uma fruta que não era para comer, deixou seu único filho ser morto e o mundo continuou igual, escolheu o povo hebreu sem dar qualquer explicação. Eu escrevo para um homicida a mil e trezentos quilômetros de distância e recuso a chamada quando ele liga a cobrar. Ele pensa que sou uma boa mulher. Em sua última carta me pediu para rezar por ele. Como se minha oração tivesse peso diferente. Uma vez perguntou se aceitaria encontrá-lo, caso saísse na condicional. O bom de conversar por cartas é que você só responde o que quer.

Zion era meu último elo vivo com Eliel. Até o nome foi ele que deu. Quer dizer “terra prometida”. Não faz muito sentido para um cão. Dizem que vira-latas são espertos, mas Zion era um tanto burro. Burro e submisso. Nunca aprendeu a segurar o xixi, mijava em qualquer lugar da casa. Depois o castramos e aprendeu a fazer no jornal, mas o rasgava em pedacinhos e espalhava pelo sofá. Excitava-se quando eu fazia as unhas e comia as cutículas caídas. Ficava histérico quando pegávamos sua coleira e se debatia tanto que desistíamos

de levá-lo pra passear. Latia quando fazia cocô na rua, como se quisesse anunciar sua “grande obra”. O taxidermista fez um trabalho bastante bom, mas não me avisou que colocaria olhos de vidro e agora Zion me encara com olhos falsos castanhos sem nenhuma expressão. Se não estivesse morto, eu o mataria. Pressionaria a Taurus nove milímetros contra sua barriga rosada e daria o primeiro tiro da minha vida. Ou apertaria a coleira de couro desbotado até ele parar de ganir. Mas apoio meus pés no seu corpo recheado de espuma, enfio os dedos entre os pelos endurecidos e deito a folha na coxa para escrever uma carta.

Anfíbios

She sat at the window watching the evening invade the avenue. Her head was leaned against the window curtains and in her nostrils was the odour of dusty cretonne.

She was tired.

“Eveline”, James Joyce

Ela estava sentada junto à janela, esperando todos saírem. A rosa branca abandonada sobre seus joelhos; seus dedos finos já haviam percorrido o caule repetidas vezes: nenhum espinho fora esquecido. Um cheiro a grama cortada, que em outras ocasiões a deixaria feliz, era desperdiçado no ar. Ela estava exausta.

As últimas pessoas deixavam a sala; todos haviam se despedido. Ela se deixara abraçar por cada um deles, e murmurara palavras de gratidão a cada condolência recebida. Havia pouco tinham-na observado com pena, enquanto ela enfiava objetos no caixão do pai, acomodando-os sob seus braços rijos com a mesma habilidade com que fazia caber bolas de meias nas gavetas lotadas. E depois ainda interrompera as palavras do padre, e para quê? Pedir uma tesoura. Todos os olhares tinham se voltado para ela. “O cabelo”, ela

tinha dito, deixando-se cair numa cadeira, “quero um pedaço do cabelo dele”.

Cabelo! Era a isso que se resumiria seu pai dali em diante? Uma mecha grisalha de cabelo no fundo de um porta-jóias, nada mais. Tantas vezes ela cortara os cabelos do pai, depois jogara as mechas no vaso e as vira descer em redemoinho para o esgoto, sem imaginar que um dia seriam pérolas. Era a única a quem o pai permitia se aproximar, com uma tesoura na mão, para lhe cortar o cabelo — embora nem como cabeleireira a reconhecesse mais. “Quem é você?”, começara a perguntar nos últimos meses. Cabeleireira, enfermeira, amiga, pianista, filha, prole, rebento, cria — o que ela dissesse era indiferente, no dia seguinte virava interrogação outra vez. Pelo menos o olhar do pai continuara doce e tranquilo, mesmo sem sinal de amor, despedida ou reconhecimento. Não era agressivo como outros idosos da clínica. Já era *alguma coisa*.

Havia menos de uma semana, ela dissera o *sim*. Quando Franklin se ajoelhara para botar a aliança dourada no seu dedo, uma felicidade genuína a invadira. Mas agora, que seu pai jazia para sempre naquele caixão, a aliança lhe parecia menos brilhante. Teria sido uma decisão acertada? Claro, Franklin era um homem bom, sério, gentil, dedicado ao trabalho e preocupado com ela. Talvez fosse esse o problema. Talvez Franklin fosse preocupado *demais* com ela, talvez sentisse que

precisava protegê-la, agora que era órfã. Desde que o pai dela adoecera, ele começara a usar um tom mais sério para falar sobre o futuro, sobre irem juntos para o interior, onde seria mais fácil comprar uma casa, onde poderiam ter filhos...

Filhos! Elena olha o pai, sossegado, de olhos fechados no seu terno preto. Como deve ter sido difícil para ele criar uma filha sozinho, ainda mais uma menina! Se a mãe de Elena não tivesse morrido no parto, talvez o pai não tivesse fumado nem bebido tanto, talvez sequer tivesse adoecido... talvez o pai não tivesse deixado o interior para trabalhar numa cidade tão dura como aquela, uma cidade que o triturou, o fez em pedaços. O que tinha de maravilhoso, um lugar como aquele? Uma cidade violenta, suja, cruel, impiedosa. Casando com Franklin, pelo menos iria para o campo. No interior, sua vida seria diferente. Franklin teria um salário melhor; ela até poderia parar de trabalhar, se quisesse. Passearia de bicicleta pelas ruas, sairia sozinha mesmo depois que escurecesse, teria uma casa sem muros, faria amigas na vizinhança, amigas com quem poderia pegar sol no jardim, levar os filhos à praça, ir ao cinema, trocar receitas. Não precisaria mais se matar em um caixa de supermercado, trabalhar com o punho enfaixado de tanta dor, ficar horas sem beber água para evitar ir ao banheiro, almoçar sanduíche nos fundos da loja, disputar espaço a cotoveladas no ônibus lotado, com homens

fedorentos esbarrando nela. Era um trabalho difícil — uma vida difícil — mas, agora que estava tão perto de deixá-la para trás, não parecia uma vida assim tão insuportável. Agora, de certo modo, nem a doença do pai parecia tão terrível. Pelo menos ele tinha momentos de lucidez, de felicidade, lambia o prato quando ela fazia pudim, cheirava os arranjos de verbena que ela colhia, ria quando viam comédia juntos. Pelo menos, ele existia.

Agora, ela continua sentada, acariciando a madeira grisalha do pai, e uma melodia fúnebre começa no espaço ao lado. O som do piano invade a sala onde Elena está e desvia seu pensamento para trilhas mais escuras. Seu coração fica pesado e é tomado por incertezas. E se nunca se recuperar? E se a morte do pai se infiltrar na sua capacidade de ser feliz e lentamente se espalhar, infestar, deteriorar tudo o que ela tem? O que poderá oferecer a Franklin? O que sobrar de si para doar, que resquício de amor para sustentar um marido, filhos, uma família? Franklin merecia a melhor parte dela. É tão triste que só agora tenha pedido sua mão em casamento, agora que seu pai jaz morto, acabado, agora que ela está amarga, que ela se estragou, ruiu.

Um homem abre a porta de vidro. Ele diz a Elena: “Está na hora, precisamos liberar a sala”. Tem olhos tão

ternos e bondosos que mesmo imersa na dor ela acha extraordinário um funcionário que todos os dias vê angústia, morte e sofrimento lhe dirigir aquele olhar. Ela quer pedir mais um minuto, mais uma vida com o pai, mais uma chance, uma extensão, um apêndice que seja, mas não. O cemitério tem seu cronograma, sua fila de espera, outras famílias precisam velar seus mortos, há outras urgências. Ela tira a aliança do dedo e se curva para beijar o pai pela última vez. Pensa em enfiar a aliança entre as suas mãos, entre os seus dedos. A pele do pai está fria, e só agora ela percebe que os seus próprios lábios estão feridos e ressecados, que sua própria pele está fria e pegajosa, como um anfíbio. Franklin está visível através da porta de vidro, tão perfeito, tão angelical, tão dentro ou tão irremediavelmente fora da sua hora.

Porcos de Abate

Tem coisa mais idiota do que se apaixonar por um porco de abate? Uri ri e remexe o fogo com o vergão de ferro fundido.

Não sei, respondo, mas você fede. Feder é pior do que ser idiota.

Ele tira o atiçador da lareira e sacode a ponta em brasa na minha direção. Voam fagulhas pra todo lado. Balança a mão em desdém, como quem espanta uma mosca: Para de falar e vai regar as plantas, diaba, a terra tá seca como o inferno.

Destranco a porta da área de serviço. O frio invade a cozinha, afiado, asfixiante. Cheira a madeira queimada e terra fofa. Abro a torneira, finjo encher o regador, mas só deixo a água chegar a um terço da capacidade. Sempre faço isso quando ele me manda regar o quintal depois que escureceu e faz frio, ponho um pouco de água no regador e molho só as trepadeiras de flores brancas, que dão maracujás roxos e doces. São minhas preferidas. Tenho preferido pra tudo: planta, galinha, vaca. E Maya, que me segue pra todo lugar.

Fui eu quem pôs Maya no mundo. Numa madrugada de abril, acordamos com um guincho arrepiante

vindo do celeiro. Chovia e relampejava. Os porcos ficaram agitados em noites assim, mas eu soube que alguma coisa séria estava acontecendo. Só um grunhido muito desesperado para atravessar o quintal e vencer uma tormenta daquelas. Uri disse que não saía naquela chuva nem por uma égua parindo ouro. Para eu deitar e “deixar a natureza agir”. Me levantei, vesti a capa, as galochas e peguei a lanterna. Cruzei sozinha os cem metros até o curral, meus pés afundavam na terra empapada, o mundo era lama, escuridão e estrondos. Estava tão escuro que os relâmpagos me davam alívio e não medo.

Lena estava quieta no fim do celeiro, deitada de lado, as costas na parede, como se quisesse atravessá-la para outro mundo. Os demais animais dormiam, indiferentes ao seu sofrimento. Ela parecia ter desistido e abandonado o próprio corpo. Parecia morta, a não ser pelos olhos abertos e uma respiração rápida e débil. Não sou muito ligada a animais, mas tive pena. Sua barriga contraía e relaxava como se fosse explodir, cheia de caroços disformes. Enfiei a mão no seu corpo. Só consegui sentir uma massa amorfa, esponjosa e muito, muito quente. Não encontrei nenhuma pata de filhote ou reentrância que pudesse puxar. Voltei correndo à casa. Uri roncava, a cabeça coberta.

Acorda, homem, os porquinhos estão atravessados, vai chamar o doutor Queiroz.

Uri se sentou na cama. Esfregou os olhos. Com essa tempestade? A essa hora da madrugada? Ficou maluca?

Se a gente não fizer nada, vão todos morrer.

E o que você quer que eu faça?

Pelo menos vem me ajudar.

Ele resmungou, mas depois se levantou. Calçou as botas muito devagar, como se quisesse me afrontar com a falta de pressa.

Do celeiro vinha um silêncio abafado. Enquanto eu pegava luvas e panos limpos, vi Uri tirar a espingarda do armário e pendurar no ombro. Depois disso, evitei seus olhos a noite inteira. Corremos pelo terreno inundado, eu para socorrer Lena, ele para escapar da chuva. Ela tinha feito xixi e se arrastara um pouco pro lado, fugindo do molhado. O cheiro era doce e metálico, feno úmido e sangue coagulado, mais o cheiro de terra e estrume que a chuva forte trazia. Lembro daquele cheiro até hoje. Enfiei as duas mãos no interior da porca, ela nem levantou a cabeça para me olhar. Tudo o que senti foi uma maçaroca indistinta, pulsante. Girei com cuidado, o máximo que consegui, depois massageei seu peito e barriga, como tinha visto o doutor Queiroz fazer uma vez. Jorrou leite de uma das tetas. Fiquei alternando entre rodar a massa no interior do corpo dela e massagear sua barriga. As contrações ficaram cada vez menos espaçadas. Ela contraía a perna

suspensa no ar e respirava muito acelerado. Tive medo que infartasse. Por fim, meus dedos distinguiram duas patinhas. Tive medo de puxar e despedaçar o feto. Taquei seu corpinho com os dedos, distingi o tronco, as patas dianteiras, a cabeça. Puxei devagar, mas com firmeza, e Maya apareceu. Desabou no chão, flácida, mas viva. Uri passou o pano nela e a deixou perto da teta materna. Começou imediatamente a mamar. Indiferente à aflição da mãe, aos grunhidos, às contrações que sacudiam tudo. Incrível como os seres já nascem cegos pras necessidades alheias. Os outros filhotes nasceram mortos. Deixamos o celeiro exaustos, sujos de sangue, mijo, fezes e líquido amniótico, carregando seis corpos inanimados. No feno macio, Maya mamava sozinha, indiferente à dor, indiferente à morte, rodeada pela ausência. As outras tetas desperdiçavam pingos de leite como torneiras desajustadas.

Três dias depois do parto, Lena começou a verter um corrimento purulento com cheiro indescritível. Doutor Queiroz veio e disse que era infecção uterina. Passou um monte de antibióticos, mas não adiantou. Seu leite secou. Tive que alimentar Maya eu mesma, com uma mamadeira de bebê prematuro. Mesmo curada da infecção, a porca não quis saber da filha. Pra falar a verdade, Maya também não queria saber muito da mãe, nem dos outros porcos, gostava mais de mim. Devia achar que era eu a mãe dela.

Entendo Maya em vários aspectos. Também eu fui rejeitada pela mulher que me pariu. Minha mãe não gostava de falar sobre a outra, a biológica, e nunca insisti, então acabei não sabendo nada sobre ela. Minha mãe me pegou ainda bebê e fez tudo por mim, mas não sei se cheguei a amá-la. É terrível admitir, mas ela me envergonhava. Era desbocada, arrastava uma perna sequelada de pólio e tinha metade do rosto paralisado. Hoje tenho a boca quase tão suja como a dela e juro que meu olho direito não fecha tão bem como o esquerdo. Estou sempre lacrimejando nesse olho.

A outra coisa que me faz próxima a Maya é o seu nome. Maya era minha amiga preferida na escola. Era tão inteligente como eu, mas, enquanto eu era boa com palavras, ela era com números. Isso era ótimo, porque a gente competia, mas não de um jeito agressivo, não uma batalha verdadeira com sabotagem e coisas do tipo. Pra falar a verdade, Maya foi minha única amiga. Voltávamos sempre juntas pra casa, depois da aula. Só tivemos uma briga na vida. Foi num dia em que a professora faltou e tivemos o dia livre. Decidimos voltar margeando o riacho, encontramos um balde de cobre abandonado e sentamos pra brincar de comidinha. Enchemos o balde com água do rio e fomos acrescentando terra, mexendo a lama, juntando conchas e pedrinhas. A certa altura, Maya declarou, sem mais nem menos (pelo menos, é como me lembro): Eu sou mais bonita do que você.

Não é não, respondi. Eu sou mais bonita.

Sou eu! Ela gritou, e ficamos nisso por muitos minutos, até que parei de rebater. Abaixei a cabeça em frente ao balde, como se tivesse visto uma coisa incrível lá dentro e gritei, maravilhada: Olha, Maya!! Ela botou a cabeça no lugar da minha, quase enfiando a cara no balde. Então, joguei uma pedra enorme lá dentro. A água explodiu pra cima, respingando por todo lado. Ela se levantou num pulo, os olhos fechados, gritando. Seu rosto e cabelos pingavam lama. Eu me levantei e corri como um cavalo selvagem. Só parei ao chegar em casa.

Infelizmente, não fiquei na escola por muito tempo. Quando fiz onze anos, minha mãe piorou da perna coxa e começou a precisar cada vez mais de mim, na horta e nas tarefas domésticas. A professora disse que era um absurdo, que ia informar ao conselho tutelar, mas deve ter mudado de ideia, porque ninguém nunca foi me procurar lá em casa. Eu e Maya choramos muitíssimo, trocamos juras de amizade eterna. Ela disse que ia levar uma folha carbono pra escola e escrever sempre por cima, pra me entregar diariamente uma cópia e me explicar as lições do dia. Marcamos de segunda a sexta às 12h35 atrás da padaria, no trajeto entre a escola e nossas casas. Esperei por uma semana inteirinha. Ela nunca apareceu.

Acabei não achando tão ruim deixar a escola, eu gostava de estudar, mas também gostava da terra. Tinha mão boa pra plantar, tudo o que eu semeava crescia.

Me tornei uma mulher robusta, alta, corpulenta, mais forte do que muitos rapazes. Tinha os tornozelos grossos, o tronco sólido, peitos maciços. Meu quadril ficou largo e sinuoso. Parideira, diziam. Não vai sofrer nada no parto, os filhos vão deslizar pra fora. Não tive filhos. Tenho o útero seco. Mas aprendi tudo da lida no campo. Me sentia parte da natureza, parte da vida, era ali que eu via Deus, na terra revolvida, nos esquilos, numa aranha mudando de pele, num campo de hastes secas coberto por caracóis. Depois, minha mãe morreu. Enterrei-a aos dezesseis anos e, passadas duas semanas, aceitei a primeira proposta de casamento que recebi. Acho que tive medo de viver sozinha. Duas décadas depois, posso afirmar: não foi uma boa escolha. Uri não é como eu imaginava. Bebe demais, come demais, trabalha demais, berra demais, xinga, fuma, blasfema. Tem um gênio terrível. Também eu não devo ser nada do que ele sonhou; não sou parideira, nem amorosa, nem delicada, nem vaidosa. Também não sou muito leal.

Dois anos depois do nascimento de Maya, doutor Queiroz se aposentou. Foi substituído pelo doutor Andreas, um homem de meia-idade que cobrava mais caro, não aceitava pendurar a conta e quase não ria. Tinha um rosto quadrado, anguloso e indecifrável. Uri evitava ao máximo chamá-lo, mas um dia, Zênite, seu cavalo favorito, fugiu. Ficou sumido por horas. Acabamos por encontrá-lo deitado junto ao riacho, com uma cerca de

arame farpado enrolada na pata traseira. Eram feridas profundas. Foi a primeira vez que vi Uri chorar. Me implorou que atirasse em Zênite, mas recusei. Ao contrário de Uri, detesto matar. Ele não insistiu, disparou numa corrida alucinada de volta à casa e, ao invés de pegar na espingarda, chamou o veterinário novo.

Doutor Andreas chegou num utilitário branco de duas portas. Uri não quis descer, se trancou no quarto. Como alguém tinha que guiar o veterinário até Zênite, entrei eu no carro. Enquanto doutor Andreas manobrava, olhei para a casa e vi Uri abaixar as persianas e cerrar as janelas do quarto. Me deu pena. Eu também não queria encarar Zênite de novo. Assim que chegamos ao pé do riacho, subi os vidros do carro e aumentei o volume do rádio. Olhei pelo retrovisor e localizei uma figueira. Tinha um ninho de vespas perto do tronco. Fixei meus olhos nas vespas. Houve um único tiro, seco, e, ao contrário do esperado, nenhum bando de aves revoou com o estampido. Nada se alterou ao redor quando Zênite deixou esse mundo.

Quando voltamos, as janelas do quarto ainda estavam fechadas. Fui rápido à casa buscar o dinheiro do doutor Andreas, embora não achasse que ele devia cobrar tanto, afinal, não fez nada que qualquer vizinho não pudesse ter feito. Quando saí, estava encostado na porta do motorista, fumando um cigarro de filtro vermelho. Um pensamento louco me ocorreu. E se eu me escond-

desse na carroceria? Descesse na cidade, pedisse carona pra capital? Nunca encontrariam meu rastro.

Enquanto me aproximava do carro, uma rajada de vento levantou meu vestido. Não fiz nada para impedir. Continuei andando, olhando fixo para os pés do doutor Andreas, suas botas *cowboy* de couro marrom. Abri o maço de notas, contei uma a uma na sua frente, o vento me rodeando. Terminei a contagem, estendi a mão com o dinheiro.

O senhor não precisa de ajudante? Minha voz saiu diferente, rouca, mais bonita que o normal. Já fiz o parto de uma porca. Foi um parto bem difícil. Os filhotes estavam enganchados.

Doutor Andreas me olhou, mas não sorriu nem disse nada. Jogou o cigarro no chão e pisou com a bota sem deixar de me olhar, subiu no utilitário e foi embora levantando poeira.

Eu sabia que Uri era louco por Zênite, mas não imaginei que ele fosse sentir tanta falta assim do cavalo. Ficou ainda mais retraído e agressivo. Jurou que nunca mais montaria. Passava horas na varanda, bebendo sozinho. Começou a dormir e acordar tarde, negligenciar o trabalho. Nossas brigas, que sempre foram homéricas, ficaram ainda mais violentas. Pela primeira vez na vida, me machucou de verdade: bateu minha cabeça tão forte na mesa que me quebrou um molar. Fiz minha expressão mais debochada e gritei não doeu nada, ouviu,

não doeu não doeu. Deixei acumular bastante sangue na boca e cuspi tudo pra cima dele. Não reagiu, começou a chorar. Ficou assim, dado a choradeiras inexplicáveis. Nas semanas seguintes me tratou como um monarca, se antecipando a todos os meus desejos. Três ou quatro meses depois, aproveitou a hora em que eu preparava o almoço e se aproximou com uma latinha prateada: Juntei dinheiro pra consertar seu dente, disse, olhando o chão. Podemos ir à cidade segunda-feira procurar o dentista. Joguei a lata e a panela com batatas no chão e gritei os piores palavrões que me ocorreram, mas ele ficou calado, de cabeça baixa, como se a humilhação fosse um prazer.

A depressão em que ele mergulhou por causa de Zênite e da culpa por me ter partido o dente só teve uma consequência boa: aceitou contratar um ajudante. O rapaz era neto do senhor e da senhora Fonseca, nossos vizinhos. Era magro, ágil e forte, não tinha nada de preguiçoso, pelas cinco já estava nos campos, trabalhando. Tinha jeito com os animais, era bem-educado, gentil e recatado. Maya era louca por ele. Era só ele assobiar que ela corria com os cachorros e subia no trator para ir aos campos.

Por essa mesma época, comecei a frequentar a casa dos Fonseca. O senhor Fonseca vinha se esquecendo das coisas, andava num passinho muito miúdo, o tronco projetado pra frente. Às vezes desembestava tão

rápido que não conseguia parar. Esquecia meu nome e o do neto e toda hora confundia a esposa com a mãe. A senhora Fonseca saía todo dia com ele, para que andasse e pegasse sol. Comecei a acompanhá-los nesses passeios. Para me agradecer, ela cismou de me ensinar a costurar. Disse que podia ser útil um dia, se eu perdesse o vigor. Tentei aprender, mas nunca tive destreza com as mãos, meus dedos são grossos demais, largos, desajeitados; além disso, me falta paciência. Mesmo assim, insisti. Pensei que podia costurar algum animal em caso de emergência, ou quem sabe a língua do Uri. Fiquei sabendo que Átila, nosso novo ajudante, tinha se mudado para a casa dos avós pra cuidar do avô doente. Não sei explicar o quanto aquilo me comoveu.

A senhora tem muita sorte com esse neto, eu disse, uma tarde, enquanto estávamos sentadas pegando sol com o senhor Fonseca.

Ela levantou os olhos do bordado, sorriu e disse: Acho que o Átila vai ser uma benção pra todos nós. Na hora, não entendi o que ela quis dizer, mas concordei mesmo assim.

Átila tinha uma moto caindo aos pedaços. Um dia, o obriguei a me levar pra dar uma volta. Fomos até uma cachoeira da qual ele sempre falava, o “poço do inferno”. A cascata estava quase seca por causa do verão. Fiz muita troça da cara dele por isso, imagina, uma cachoeira chamada poço do inferno e quando você chega lá só vê

um fiapo de água escorrendo pela pedra. Mesmo com a estiagem, as rochas formavam uma piscina natural incrivelmente verde e gelada. Ele não quis mergulhar, então entrei sozinha. Enquanto nadava, o vi tentar capturar peixinhos com uma garrafa de plástico. Ele quase não tinha pelos no corpo, mas os poucos que tinha pareciam dourados assim, sob o sol. Tirei o sutiã do biquíni e saí pingando da água. Ele ficou me olhando sem reação.

Acabo de mijar no poço do inferno, eu disse.

Ele não riu. Me entregou a garrafa d'água: peguei pra você. Dentro, nadava um pequeno peixe dourado.

Na volta pro sítio, grudei meu corpo nas suas costas. O vento estava ainda mais frio por causa das roupas molhadas. Quis pedir pra ele não parar na quinta, pra deixarmos Uri, Maya, o senhor e a senhora Fonseca pra trás e fugirmos, mas só o que eu disse foi: acelera.

A moto é velha, ele disse. E eu nem tenho carteira.

Você não tem carteira?

Não, só quando fizer dezoito.

Precisei gritar por causa do vento: então você não tem nada a perder, mais rápido, vai, acelera!

Átila acelerou e continuei gritando mais rápido, mais rápido, até que ouvimos um estouro e a moto começou a tremer loucamente. Foi o melhor dia daquele verão.

Guardei o peixe num *bowl* de vidro temperado em cima da televisão. Uri nunca admitiu, mas gostava do

peixe. Muitas vezes o flagrei observando o bicho em vez do televisor, e em duas ou três ocasiões levou o aquário improvisado para a varanda enquanto bebia e fumava. Numa noite em especial, o escutei conversar com o peixe. Estava bêbado. Quando perguntei o que tanto falava, disse: esse peixe somos nós, essa farsa, esse alçapão. Ouvir isso me deu um misto de náusea e pena. Tive medo que estivesse se deteriorando, como o senhor Fonseca.

Maya empurra a porta e entra correndo, se senta aos meus pés. Suas patas fazem um barulho engraçado e irritante no piso de madeira. Uri ri e remexe o fogo com o atizador de ferro. Tem coisa mais idiota do que se apaixonar por um porco de abate?, pergunta. Está mais ranzinza que de costume, amanhã completa quatro décadas. O peixe nada indiferente também a isso, dá voltas no seu mundo de vidro. Nunca cruzou o olhar com Maya: vivem na mesma casa, comem alimentados pelas mesmas mãos e são completamente ignorantes um do outro. Ponho um pouco de água no regador e saio pro frio cortante com cheiro de madeira queimada para regar a trepadeira de flores brancas, mas venta demais, volto correndo pra dentro. Na bancada da cozinha estão os ramos de silvas que cortei mais cedo. Começo o penoso processo de retirar as amoras para o bolo de amanhã. Devia ser de chocolate e frutas vermelhas, mas a única fruta vermelha

que colhi foram amoras, e nem sequer são vermelhas. Tudo bem. São as preferidas de Uri. São as preferidas de Uri? Amoras pretas? Cerejas? Framboesas? Talvez nem ele saiba mais.

No dia seguinte, vou pedalando até a horta. Átila está agachado arrancando beldroegas com as mãos nuas. Maya e os perdigueiros estão brincando na sombra, a moto velha ele estacionou perto da cerca de entrada. Os girassóis estão altos demais, passam das nossas cabeças. Eu o chamo e Maya vem na frente, correndo, está gorda, velha, rosada. A camiseta branca de Átila está molhada nas costas e embaixo dos braços, sua testa tem gotas largas de suor. Puxo sua mão, enfio por baixo do vestido. Não tenho nada no corpo.

Ele não me olha. Diz baixinho: eu nunca fiz isso.

Isso o quê?, pergunto.

Isso. Você sabe. Isso.

Maya perde o interesse por mim, volta pra perto dos cães.

Isso o quê? Fala. Quero ouvir você falar.

Ele reúne coragem e levanta o olhar do chão, mas não me encara. Olha pras nossas mãos entre as minhas coxas: Isso. Sexo.

Eu me ajoelho na terra seca e puxo o zíper da sua calça. Sexo não é isso tudo, digo.

Depois, não falo mais nada. Quero guardar o sêmen na boca até chegar em casa, quero misturar com as

amoras e espalhar na cobertura do bolo, mas não consigo, tenho náuseas. Na primeira curva que a moto faz, cuspo tudo no ar. Limpo a boca nas costas suadas do Átila, vai mais rápido, grito.

A festa de quarenta anos é boa, Uri me parece feliz, a senhora Fonseca elogia o bolo e traz toalhinhas bordadas, Átila se empanturra de refrigerante e brinca com Maya, o senhor Fonseca dorme no sofá enrolado na manta, outros vizinhos trazem os filhos, as crianças brincam de pegar vagalumes lá fora. Os Fonseca são os últimos a ir embora, ela repete que adorou meus salgadinhos, diz que falta um mês pro aniversário de Átila e que vai querer minha ajuda. Dezoito anos.

Vai poder tirar carteira, digo.

Uri completa: vai poder beber, casar, ser preso.

A senhora Fonseca faz o sinal da cruz, todos rimos. Fico olhando-os se afastarem, pisando nosso jardim, os passos miúdos do senhor Fonseca, a esposa, o neto.

Uri me olha do pé da escada: vou deitar.

Tá bom, respondo, boa noite.

Ele continua parado no mesmo degrau. Você vem?

Mais tarde.

Será que pelo menos na noite do meu aniversário você pode vir deitar comigo?

Posso. Só vou guardar os restos do bolo na geladeira.

Ele sobe as escadas. Tiro o *bowl* de vidro de cima da televisão e levo pro banheiro, derramo tudo na privada. O peixe se agita, depois se acalma e recomeça a nadar em círculos. Eu me sento, faço xixi e puxo a descarga.

Thelma & Louise

Como sempre demorou para as acusações começarem, primeiro falamos amenidades e ele pediu uma pizza apesar de sabermos que a comida aqui é nojenta e gordurosa. Nem é bem um bar, é uma maloca com teto de palha e paredes de madeira, mas fica na beira da praia e tem a ver com a nossa história: foi aqui que dividimos uma cerveja pela primeira vez. Também é o único lugar no bairro aberto até essa hora. Não tem cadeiras, os bancos são tocos de árvore, algo que não tínhamos notado antes, mas que agora incomoda, faz com que tenhamos que nos esticar toda hora pra aliviar a dor no quadril e nas costas. Charles tem mais cabelos brancos do que eu, rugas demais e um ar cansado, mas pra falar a verdade não estou em melhor estado. O tempo passou para nós.

Olha a *tattoo* que fiz hoje, puxo a manga pra cima e mostro a medusa no meu ombro esquerdo, ele olha, mas não deve dar pra ver muita coisa por cima de duas voltas de plástico- filme. Ele apoia o copo de volta na mesa e passa as costas da mão na boca pra limpar a espuma de cerveja: maneira, mas o que acontece é que outro dia eu entrei, ele abaixa a voz — ou fui levado —

pra um terreiro de candomblé e lá eu morri e voltei à vida. Agora não posso mais deixar ninguém me furar. Nem permitir que meu sangue escorra por aí, entende? Mas maneira sua *tattoo* nova. Engraçado, quando Charles diz isso a tatuagem, que até então estava adormecida, começa a arder — ele exerce esses efeitos sobre mim, uma espécie de efeito físico, magnético mesmo, sobre meus vasos, nervos e pele; minha mão direita sempre formigava quando a gente transava. Acabou ficando maior do que eu queria, penso em dizer, e é verdade, acabou ficando maior porque dou liberdade demais a Shirley e ela gosta de tatuar, faz por amor mesmo, embora esteja sempre contando centavos pra pagar as dívidas. Na primeira vez que a Shirley me tatuou, seis anos atrás, ela ainda se chamava Douglas. Perguntei se nas costelas doía muito, dói em todo lugar, ele disse de um jeito seco e lacônico, bem diferente de como ela é hoje em dia e eu disse que queria assim mesmo, na verdade eu estava em busca da dor, não fugindo dela — ou melhor: eu estava em busca de qualquer coisa capaz de sobrepujar a fossa emocional da minha vida, do meu apartamento vazio, das noites longas demais, de tanta coisa que tatuagem nenhuma seria capaz de consertar, mas Douglas não percebeu, mandou eu me deitar de lado e tirar a blusa. Fingi que não escutei, só levantei um pouco e preendi por baixo do sutiã, pode manchar sua roupa, ele disse, não faz mal,

é velha, falei, e quando ele começou a tatuar o peso do seu braço apoiado no meu quadril e alguma coisa na sua mão ou no seu cheiro ou na sua pele me deixou excitada, nem sei bem por quê, talvez porque no fundo sempre tive dificuldade em dissociar sexo de dor; o fato é que fiquei tão excitada que minha calcinha ficou molhada e eu não me mexia, não sentia mais dor nenhuma, ou melhor, eu sentia, mas de uma forma boa, e o tempo passou tão rápido pra gente ali, naquele estúdio, que duas horas e meia depois ele se espreguiçou e perguntou quer parar um pouco? Não, eu disse e ele fez cara blasé: você é forte pra dor. Você acha?, perguntei, mas ele só se levantou e disse quem precisa de intervalo sou eu, vou lá fora fumar um cigarro e esticar as costas. Depois voltou cheirando a tabaco e fomos sem pausas até o fim, mas quando apareci, tempos depois, pra segunda tatuagem, Douglas já era Shirley e estava bem mais simpática e animada. Foi assim que viramos amigas. Agora ela tatua num jirau que construiu na própria casa, depois de perder dois terços dos clientes. Ela diz que eles fugiram com medo de pegar AIDS ou hepatite C das suas agulhas, mas eu suspeito de um preconceito ainda mais básico, como “tatuar não é trabalho de mulher” ou outra idiotice do tipo; o que importa é que Shirley tem poucos clientes mesmo sendo boa em tudo, preto e branco, *new school*, *trash polka*, *american traditional*, geométricas, tudo mesmo. O estúdio

no jirau também é bastante bom, limpo, estéril, quase imaculado; a casa toda está com infiltração nas paredes, mas ela só tinha dinheiro pra uma coisa e ajeitou o jirau, mesmo tendo alergia e dormindo no quarto úmido. Hoje cedo ela estava inspirada, tagarelando sem parar, excitadíssima pra me contar o filme do David Lynch. Desde o ano passado ela tem essa mania, escolhe um diretor e maratona todos os filmes dele. Na ordem. Fica bastante obcecada com isso, vez por outra age como os personagens e tudo. Agora está em David Lynch, a estrada perdida, e passou a manhã me contando o filme — ou o que entendeu dele, porque, além de ter me parecido um enredo bem louco, Shirley quase nunca está sóbria quando assiste aos filmes, embora não use nada enquanto tatua. Por isso tive que fumar sozinha. Sabe que em Portugal tem uma festa bem doida, *cariño*? Desde que viu os filmes do Almodóvar — e passou semanas fingindo ser espanhola — Shirley ficou com essa mania de chamar os outros de *cariño*, esqueci o nome do santo, mas no dia desse santo eles sobem na torre de uma igreja e jogam cavacas lá de cima, você sabe o que é cavaca, *cariño*? Fiz que não com a cabeça e soltei a fumaça. Django, o yorkshire da Shirley, veio correndo aspirar a fumaça. É um pão que parece um disco, eles deixam o ano todo guardado pra ficar bem duro; aí sobem no alto da igreja e tacam o pão duro como pedra lá pra baixo, pras pessoas tentarem pegar, já pensou que

loucura, minha irmã disse que tem gente que quebra o nariz e tudo. Que doideira, falei, e puxei de novo a fumaça, a mão da Shirley por algum motivo estava pesada ou era eu que já estava sensível demais porque ia encontrar o Charles mais tarde, não sei. Tô querendo parar de fumar, Shirley falou enquanto nós duas olhávamos Django cambaleiar pela sala e se deixar cair no carpete da entrada. Se você parar de fumar maconha o Django entra em abstinência, falei. Ela riu, não, *cariño*, maconha não, tô querendo parar de fumar cigarro mesmo. Acho ótimo, dou o maior apoio, procura um psiquiatra pra te ajudar, tem vários remédios pra abstinência. Não curto muito psiquiatras, ela começou a colorir e a dor mudou de fina e pontual pra um esfolamento contínuo por cima de um arranhão. Psiquiatras nunca conseguiram salvar ninguém. Ninguém que importe, pelo menos. Pensa. Kurt Cobain, Avicci, aquele chef que a gente gostava, como era mesmo o nome dele? Anthony Bourdain. Isso, Anthony Bourdain. Todos eles procuraram psiquiatra. Como você sabe, perguntei. Ah, saber eu não sei, mas deve ter sido, né? Não é o que todo mundo faz? Eu disse que parar de fumar era bem diferente de parar de querer se matar, mas depois fiquei quieta, no fundo sei o que ela quer dizer. Eu tinha procurado um psiquiatra quando eu e Charles terminamos e não adiantou nada, ali estava eu de novo prestes a entrar numa montanha-russa suicida.

Charles puxa a gola da camisa pra baixo e me mostra as tatuagens no pescoço: me rabisquei todo depois da nossa última separação, é sempre assim, você sempre fode minha cabeça. Realmente, é sempre assim: ele sempre me culpou por tudo, cada fracasso, cada recaída que ele tinha, cada vez que jogava tudo pro alto e cheirava cocaína, cada vez que perdia um emprego, um compromisso. Mas claro, ele não é só isso, as pessoas nunca são só uma coisa. Ele também compõe letras engraçadas no violão, joga álcool nas batatas fritas pra deixá-las crocantes, dá aula de taekwondo pra crianças, completou a *Pacific Crest Trail* e sonha escalar o Everest pela face norte. Quando chovia, mas estava calor, a gente corria pro jardim, subia no teto do carro e transava debaixo da chuva. Era esse tipo de paixão. Você acredita em Deus?, pergunto, e não sei se faço a pergunta pra afastar as lembranças da chuva, pra mudar o rumo da conversa ou por que o que a Shirley me disse ontem não sai da minha cabeça. Sabe o que eu penso, *cariño?*, ela disse depois que acabou a tatuagem e fomos pra cozinha preparar macarrão. Acho que o tempo é um monstro, um Frankenstein. Acho que Deus sempre existiu, sempre mesmo, desde sempre e para sempre, porque o tempo não existia, sabe? Como Ele diz na Bíblia, Eu sou aquele que É. Ele Era, só isso. Aí, por algum motivo, só Ele sabe qual, tédio, solidão, curiosidade, Ele inventou o Tempo. Depois foi inventando o

resto: a luz, o firmamento, o mar, o homem, foi inventando, inventando e, de repente, quando se deu conta, estava diferente, tinha envelhecido. Mas aí já era, não dava pra desinventar o Tempo e ele foi envelhecendo, envelhecendo e morreu. Como o doutor Frankenstein, morto pela sua própria criação. Agora Deus morreu e a gente ficou aqui, escravos desse monstro tirano demoníaco, escravos do Frankenstein. Eu ri e falei você anda fumando demais, Shirley, mas a verdade é que faz sentido; agora, sentada aqui nesse bar, a teoria da Shirley explica tudo, tudo, tudo. Deus?, não sei — Charles enche nossos copos outra vez — não é isso o que me preocupa, o que me dá medo é outra coisa, a eternidade me assusta, fico imaginando se a gente puder existir sem o corpo, se por uma simples propriedade qualquer do universo nossa mente continuar sem o corpo, e ficar viajando pelo vazio, só pensando, pensando sem conseguir se comunicar com as outras mentes, sem sequer perceber as outras consciências em volta, sem poder se mexer pra escolher a direção onde ir. Já pensou? Uma consciência eterna, flutuando no espaço. Para sempre. Seria o inferno, não? Uma consciência assim.

Seria estranho, eu digo, só um minuto, já volto. Guardo o celular no bolso da calça e vou pros fundos da maloca, o banheiro é tão apertado que mal dá pra se mexer sem tocar as paredes, mas até que está limpo. Tiro o celular do bolso antes de me equilibrar agachada

por cima do vaso e de repente sinto uma vontade tão grande de estar no sofá da Shirley, maratonando um diretor qualquer, penso em mandar uma mensagem quando acabar de fazer xixi, penso em contar que tenho trabalhado dobrado na loja, que tenho juntado dinheiro pra ir embora daqui, penso em digitar: você quer ir comigo?, a gente escolhe um nome inventado pra mim também, um nome qualquer cinematográfico e foge, tipo Thelma & Louise, antes que nossa beleza decaia, que as paredes da sua casa encharquem, que os nossos laços necrosem.

Não sabia que você gostava de circo

Aqui em cima, chove quase todas as noites. É uma chuva moderada, indiferente à estação do ano e ao tempo que fez durante o dia; uma chuva quase sem vento que molha as plantas, embala o sono e não deixa marcas na manhã seguinte. A chuva começou há poucos minutos, então devem ser nove ou nove e meia da noite. Fernando enfia a colher na tigela e derrama colheradas de sopa no prato raso, depois corta um pedaço de pão com as mãos e o arrasta pela poça grossa, como se a sopa fosse um patê. É um hábito que ele sempre teve, mas que deixou de me incomodar quando o conheci melhor. A maioria das pessoas se irrita com as manias do parceiro conforme o tempo passa, mas comigo é engraçado, acontece o oposto. Não faz nem dois anos que nos casamos e as poucas coisas que antes me enervavam hoje viraram bobagens sem importância. Não nos casamos, propriamente falando (Fernando é padre e padres não podem se casar oficialmente), mas me sinto tão sua esposa que isso não tem importância. Claro, nunca foi meu sonho de vida, virar mulher de pa-

dre. Pensei que ele largaria a batina por mim, mas Fernando me disse que ninguém faz isso hoje em dia, que todo mundo no seu seminário tinha um relacionamento e que, se fôssemos discretos, a Igreja faria vista grossa. Ele tinha razão — embora dê bastante trabalho, isso de viver clandestinos.

A chuva aperta um pouco e o barulho da água caindo nas folhas começa a parecer o de uma panela fritando comida.

“Quer mais vinho?”, ele pergunta, olhando minha taça vazia.

Sorrio e faço que sim com a cabeça. Observo-o tirar a rolha da garrafa e esticar o braço por cima da mesa até quase me alcançar. O vinho cai delicado na taça, como tudo o que passa pelas suas mãos, e eu busco dentro de mim a vontade de contar o que aconteceu hoje à tarde, mas só encho a boca com vinho demais pra ser bebido em um gole só.

Hoje à tarde, fui à cidade vizinha. Nossa casa fica no topo de uma serra silenciosa e isolada. Para comprar qualquer coisa, mesmo as mais simples, temos que descer quatro quilômetros por uma estrada de terra estreita e esburacada, rodeada por mata fechada. Então, chegamos à praça, onde só há um bar com mercearia, uma escola e um ponto de ônibus. Quando quero comprar tintas, telas ou qualquer outro material de arte, tenho que ir até alguma cidade próxima, como fiz hoje à tarde. Saí pouco

depois de almoçar; pedalei até a praça, preendi a bicicleta num poste e peguei o ônibus até Penedo, onde tem uma loja de artesanato. Planejava descer alguns pontos antes pra dar uma volta, tomar sorvete finlandês e comprar os chocolates que Fernando adora, mas, assim que cruzamos o portal da cidade, vi o circo, e desci do ônibus. Fazia tempo que eu não via um circo. Estava montado numa área descampada, sobre um gramado extenso e desbotado, e tinha duas lonas principais: uma maior, de um branco meio encardido, e outra menor, contígua e colorida, com chamativas estrelas azuis. Ao redor das duas lonas, junto a trailers e *motorhomes*, caminhões compridos estampavam fotos das atrações circenses.

Fora do ônibus, fazia sol e calor. Atravessei a estrada vazia e cruzei o descampado em direção ao circo. Estava deserto, e as palavras flutuavam coloridas: *Os incríveis irmãos voadores! O aterrorizante globo da morte! A horripilante mulher-gorila! Os palhaços Chiclete e Goiabinha!* Quatro homens atléticos abraçados, um jovem de pé no guidão de uma moto, uma morena de biquíni verde presa numa jaula, dois rostos brancos com narizes vermelhos e chapéus floridos. Na bilheteria, uma placa: *abrimos às 16:00hs*. Atravessei a estrada outra vez e fui caminhando pelo acostamento. Muitos metros à frente, à esquerda, há um posto de gasolina com lanchonete *drive-through* e uma loja de velas e artigos esotéricos; dali até à loja de artesanato são quin-

ze minutos. Na via contrária à que eu caminhava, uma SUV passou com três ou quatro garotos, e abrandou a velocidade. Eu estava olhando pra baixo, tampando a testa com a mão, pra me proteger do sol forte, por isso só os vi quando buzinaram. Achei que queriam informação. Parei de andar e os olhei através da estrada, esperando a pergunta. Ao invés disso, o motorista levou a mão da janela ao rosto e me mostrou uma arma. Encostou o cano nos lábios e soprou, como nos filmes. Todos no carro riram. Abaixei os olhos e voltei a andar tão rápida e desnorteadamente que quase tropecei. O carro acelerou e eles sumiram na estrada. Eu começava a me refazer do susto, ainda com as têmporas e a garganta pulsando, quando ouvi o motor atrás de mim. Não precisei olhar pra saber que eram eles. Tinham dado meia-volta e estavam logo às minhas costas, dirigindo bem devagar. Não pensei em nada, só corri. Eu era a lebre fugindo da raposa, as patas afundando na neve, a tentativa inútil de escapar da morte. Ouvi as risadas atrás de mim, virei o pescoço e vi que me apontavam a arma. Então, senti os disparos. Um pegou no meu ombro esquerdo, os outros nas minhas costelas. Caí no chão. O carro acelerou e sumiu na estrada, as risadas ecoaram e se misturaram ao som de pneus cantando. Fiquei caída no chão, atônita, uma lebre abocanhada na barriga, o frio e o líquido na pele, o sangue pingando, a camiseta grudada no corpo.

Uma mulher correu na minha direção: “Meu Deus! Você está bem?”.

Não me mexi nem disse nada.

“Brincadeira idiota”, ela falou, segurando meus ombros.

Minha camisa estava vermelha, mas não havia dor. Levantei a blusa: eu não estava ferida. Não era sangue que pingava vermelho no chão.

“Você consegue se levantar?”, ela perguntou, agachada ao meu lado. Eu ainda não conseguia dizer nada, então ela se levantou e me estendeu a mão. Segurei e me ergui devagar. Queria abraçá-la.

“Meu Deus”, falei, “que loucura.” Passei as mãos pelos braços e bati na calça, pra tirar a poeira. Meu cotovelo ardia. Um carro passou ao nosso lado e reduziu a velocidade, o motorista espiou, mas não fez menção de parar.

“Você tá bem?”, ela perguntou.

“Tô sim, obrigada.”

“Você não pode sair assim. Vem, eu te empresto uma roupa limpa.”

Agradei e a segui, calada. Ainda estava em choque. Atravessamos a estrada e ela subiu o gramado em direção ao circo, mas parou na primeira fileira de trailers: “Vem, entra. Eu me chamo Olenka, e você?”.

“Laura.”

“Laura, não repara a bagunça. Vida de viajante é assim”, disse, enquanto entrava no trailer. O espaço era

abafado e cheirava a suor e leite de rosas, mas de um jeito bom. Olenka me mandou sentar e sumiu atrás de uma cortina preta. Eu estava numa sala de estar minúscula, onde além do sofá de dois lugares em que me sentara havia uma cadeira de madeira dobrável, uma mesa de parede também dobrável e uma pequena cozinha. Por cima da mesa, um espelho de camarim, daqueles com luzes em volta. Pendurada no espelho, uma máscara veneziana branca com desenhos azuis e dourados e um longuíssimo nariz espetado.

Achei engraçado encontrar aquela máscara ali, naquele trailer itinerante, sendo Veneza o único lugar pra onde viajei em toda a minha vida. Foi na minha “lua de mel” com Fernando. Uma viagem maravilhosa, mas mesmo lá percebi que nunca chegaria a saber se o maravilhoso em Veneza era a cidade em si ou a liberdade de andar de mãos dadas com meu marido na rua, beijá-lo no meio da multidão, comendo biscoitos verdes de *pistacchio*, olhando o túmulo de Stravinsky em San Michele ou as roupas sacudindo nos varais do gueto judeu. “A palavra gueto vem daqui”, Fernando me disse. Depois segurou minha mão e leu as letras esculpidas em pedra negra: *and nothing shall purge your deaths from our memories, for our memories are your only grave*. Ele fez aquele sotaque britânico forçado que sempre me faz sorrir, mas não consegui achar graça daquela vez. Me soou como um mau presságio. Tive medo de ser essa a

sina do nosso amor: ter só nossa própria memória como testemunha, como lápide, como guardiã.

Olenka apareceu por trás das cortinas. Trazia uma blusa vermelha nas mãos.

“Não tenho muita coisa limpa e passada pra já. Acho que essa blusa deve servir em você.

Experimenta.”

Virei de costas e tirei minha blusa, estava encharcada de tinta. Meu sutiã estava sujo também, mas eu não disse nada. A blusa de Olenka cheirava a patchouli e leite de rosas. “Ficou ótima. Obrigada. Eu lavo hoje à noite e te devolvo amanhã.”

“Não se preocupe.” Ela falava e torcia minha camisa sobre a pia. Gotas vermelhas caíram no tanque de metal e, quando ela abriu a torneira, escorreram pelo ralo. Olenka dobrou a blusa com cuidado, como se fosse uma peça de roupa limpa pra guardar na gaveta, depois enfiou num saco plástico.

“Essa tinta sai toda com água”, disse. “É *paintball*.”

Acho que foi a primeira vez que sorri. Agradei e fui embora com a blusa molhada na sacola, o cheiro de leite de rosas no corpo e o cotovelo ardendo no lugar que bateu no chão.

Foi isso o que aconteceu hoje à tarde e que não estou com a menor vontade de contar ao Fernando, mas não sei por quê. Meu dia não costuma ter novida-

des, em geral gosto de tagarelar sobre qualquer acontecimento fora da rotina, mesmo os sem importância.

Enquanto Fernando toma banho, lavo minha blusa no tanque: a tinta vermelha sai toda, como Olenka disse que sairia. A blusa fica branca de novo e eu a penduro na parte coberta da varanda. Depois, lavo a blusa vermelha de Olenka e a penduro ao lado da minha.

Na tarde seguinte, as roupas ainda estão úmidas, por isso seco a blusa dela com o secador de cabelos. O cheiro a leite de rosas não saiu com a lavagem, e fica ainda mais forte quando joga o ar quente. Dobro a roupa com cuidado, guardo na mochila e subo na bicicleta. Estamos no fim do verão, muitas folhas estão amarelando e caindo. O vento bate fresco no meu rosto, mas fica menos frio a cada quilômetro. Paro na mercearia da praça e compro dois patês de truta pra retribuir o favor a Olenka: um normal, outro defumado. Essa é uma região de criadores de trutas, ela deve gostar de provar as comidas dos lugares por onde passa.

Desço do ônibus quase em frente ao circo, procuro as marcas da tinta com que me atacaram: está lá, no chão, uma mancha vermelha empoeirada e perdida na estrada. O trailer de Olenka não tem campanha nem nada do tipo, por isso bato palmas, chamo seu nome e espero. Ela demora a vir. Abre só uma fresta da porta. Seus cabelos negros estão confusos, selvagens por cima dos ombros. Por um momento, não me reconhece, mas

então sorri e joga a cabeça pra trás: “Ah! Laura, não é? Tudo bom?”.

“Tudo. Vim trazer sua blusa.”

Ela parece surpresa. “Não precisava”, diz. Dá um sorriso, mas não abre a porta mais do que já abriu. Pega a blusa com a mão direita e a lança pra dentro do trailer, depois joga o cabelo pro lado com essa mesma mão, e não diz mais nada. Só então percebo o quanto eu queria entrar.

“Bom...”, digo, “obrigada de novo.”

“Imagina”, ela responde, já fechando a porta.

Estico a mão e a detenho antes que a fresta suma: “Só um minuto. Acabei de perceber... é você no cartaz, né? Da mulher-gorila?”

“Sou. Mas é segredo.”

“Sério? Por quê?”

Ela sacode os ombros: “Pra dar mistério”.

“Nossa, que legal! Eu adoraria ver o seu número.”

Olenka me olha sem muita expressão, depois diz: “A bilheteria abre às quatro”, e fica muda, me olhando pela fresta.

Me despeço e ela bate a porta. Olho os patês de truta na minha mão e me sinto ridícula. Faltam vinte e cinco minutos para as quatro, por isso me sento ao pé da bilheteria e espero. O sol está mais forte, o suor escorre pelas minhas coxas. Duas mulheres aparecem, com três crianças. As mulheres conversam entretidas, as crianças

comem espigas de milho. A menor, com quatro ou cinco anos, prende fiapos do milho entre o indicador e o polegar e os puxa sem nenhuma destreza, eles grudam nos seus dedos e ela sacode as mãos com cara de nojo. Um homem finalmente abre a bilheteria. Faço sinal para as mulheres passarem à minha frente. Elas compram quatro bilhetes de adulto e seis infantis e vão embora sem me agradecer. Minhas bochechas queimam sob o sol ardente.

“Que horas é o espetáculo?”, pergunto.

“Depende. Pra qual dia?” O homem tem bigodes finos e compridos e sobrancelhas desgrenhadas. Parece cansado.

“Pra amanhã.”

“Oito horas.”

“Como é o número da mulher-gorila?”

O homem me olha esquisito. “É um número de transformação”, diz. “De mulher pra mulher-gorila.”

“Tá, mas o que acontece exatamente?”

O homem coça a cabeça, e eu emendo o mais rápido que consigo: “É que tenho um filho autista. Tô com medo dele se assustar”.

O homem não parece interessado nem comovido. Fala com o mesmo tom monótono e impaciente: “Ela vira gorila, quebra as grades da jaula, o domador segura ela, prende de volta e ela vira mulher outra vez. Não precisa se preocupar. Ela não vai até o público. Ninguém nunca se machucou. Vão ser quantos ingressos?”.

“Três. Um infantil e dois adultos.” Me sinto ridícula, mas não tem outro jeito. Deixo a entrada infantil no banco do ônibus e, mal Fernando entra em casa, anuncio: “Amor, olha que legal, comprei ingresso pra gente ir ao circo! Esqueci de te dizer. Montaram um circo em Penedo.”

“Circo? Não sabia que você gostava de circo.” Enquanto fala, ele abre a água da pia e ensaboa as mãos, entrelaçando e esfregando os dedos abertos. Sei que está rezando o pai-nosso, por isso não digo mais nada. Ele sempre faz isso, passa sabão nas mãos e reza um pai-nosso pra garantir que o sabão agiu por tempo suficiente. É outro daqueles hábitos que só me irritavam no começo, antes de eu me dar conta de quantas mãos ele tem que apertar por dia. Eu o ouço fechar a torneira, então passo rápido pelas suas costas e pego a toalha pra ele.

“Pelo menos a gente faz uma coisa diferente”, digo. “Eu posso ir pra lá mais cedo e você me encontra depois da missa. Começa às oito. Depois a gente pode comprar uma pizza e trazer pra casa.”

“Se você quer tanto.”

“Quero”, respondo. Mas depois vamos pra cozinha e ele começa a montar um sanduíche, corta as cascas de cada pão separadamente e eu começo a sentir medo, medo de que a mulher-gorila me reconheça na plateia, medo de que ela ataque o domador e as crianças que comem milho, medo de que as pessoas se desesperem

e corram se pisoteando ou, pior ainda, que eu não reconheça Olenka por baixo da fantasia ou que, por alguma estranha razão, nem seja ela afinal.

Rainha do Rodeio

É preciso mais do que beleza pra ser rainha do rodeio. Simpatia, desenvoltura, carisma, postura, atitude, elegância. Dois anos antes eu tinha ficado entre as cinco finalistas, no anterior tinha sido princesa, nesse ano eu senti, era minha hora. Até meu irmão disse que eu era a favorita — no bolão da oficina e do boxe. Meu maior problema era a timidez, ainda que tivesse melhorado. Investi demais nesse sonho. Nunca fui vaidosa, até uns anos atrás nem sabia me maquiar. Mas aprendi. A organização do rodeio não providencia nada, é tudo por conta das concorrentes: cabelo, maquiagem, roupa (calça jeans e camiseta branca), bota, chapéu. Como eu não tinha dinheiro sobrando (e as maquiadoras daqui não são nenhum Dominic Skinner), gastei horas e horas assistindo tutoriais pra aprender a me maquiar. Fora todo o resto: cremes pra hidratar, nutrir e reparar o cabelo (não, os cremes não têm todos o mesmo efeito e sim, o cabelo precisa dos três processos), bicarbonato pra clarear os dentes, óleo de cedro pra drenagem linfática; limpeza de pele, depilação, tudo como autodidata. Pelo menos não é um concurso tradicional de beleza, não precisa ser supermagra, ter traços

perfeitos, saber desfilas. A rainha do rodeio é mais uma embaixatriz da cidade, tradições e estilo de vida *country*. O difícil pra mim era mesmo a exposição; quando criança chegava a me enfiar embaixo da mesa nos aniversários. Gaguejava nas leituras da escola. Até chegar no ponto que estou agora, de andar com a cabeça erguida, olhar nos olhos de qualquer um, impor minha voz e discursar em público foi um longo caminho. A gente supera qualquer obstáculo quando não tem opção. E eu não tinha. Quando perdi minha mãe, soube que só tinha um jeito de escapar daqui: como rainha do rodeio. A vencedora representa a cidade por um ano, até o rodeio seguinte e, então, pode usar o prêmio que, pra mim, era o mais importante: uma bolsa de estudos na capital. Longe daquela gente cinzenta, dos velhos que secavam meus peitos enquanto eu servia café, do seu Lopes gritando que ia me despedir, do meu pai xingando em frente à TV, bebendo vodca até vomitar na própria roupa, apagando os cigarros nos pratos e cuspidando no chão da sala. Eu só queria completar um ano com aquela faixa, pedir demissão, fazer minha mala e entrar num ônibus pra nunca mais voltar.

Esse era meu plano, e eu estava focada nele. Até engravidar.

Eu nem conhecia a capital tão bem assim. Tinha uma tia distante que morava lá, nem lembro em que bairro, e mais nada. Mas São Paulo me fascinava, aque-

le turbilhão de gente na avenida Paulista, tanta que até dava falta de ar, os museus enormes, o mapa do metrô tão parecido com uma cidade, tão intrincado que dava medo de entrar, o parque que parecia uma floresta, o bairro tão chique que só podia mesmo se chamar Jardim Europa, a altura despropositada dos edifícios, as placas, os grafites, as pessoas com ar executivo. Uma vez levamos minha mãe num hospital por lá e, na volta pra rodoviária, pegamos um táxi, por causa da hora. Foi uma das viagens mais mágicas e aterrorizantes que já fiz. Passou tanta coisa pelo meu lado da janela que até hoje não entendi tudo o que vi. Vi pessoas deitadas no chão enroladas em papelão, barracas de camping nas calçadas, mulheres de salto alto e shorts tão curtos como calcinhas apesar do frio, um ciclista parado no sinal vermelho que um ônibus ultrapassou, um homem chutando um cão numa viela, e vi luzes, muitas luzes, luzes distantes, em torres altas e pontudas como árvores de Natal, luzes se mexendo como borrões nas vias, como sangue nas veias, a cidade viva, seus músculos, seus pulmões, luzes cruzando o céu com pessoas a bordo, luzes em todos os andares de todos os prédios, cada uma correspondendo a uma vida, única, inacessível; e todas as luzes daquele organismo vivo eram como o céu estrelado da minha pequena cidade, mas ao contrário, porque as luzes das estrelas são frias, inalcançáveis, ilusórias, são luzes fantasmas, brilhos de coisas que já morreram,

enquanto as luzes da noite de São Paulo eram reais, verdadeiras, vivas, palpáveis, elas estavam lá, elas existiam, prometiam diversão, intimidade, aventura.

Depois que minha mãe morreu, comecei a transar com todo mundo. Transei com o filho do seu Lopes no chão da cafeteria, transei com um roteirista argentino de passagem pela cidade, transei com um cara que me vendeu um baseado, com um engravatado que me pagou um *irish coffee* e uma fatia de torta de limão com creme de baunilha, transei com dois adolescentes do ensino médio na rua detrás da cafeteria. Transei pra não enlouquecer, pra não me cortar, pra abafar a ideia de me jogar na frente do ônibus. Só entendi quando uma psiquiatra na TV falou que sexo compulsivo era outra forma de se anestesiar além da automutilação. Ou alguma coisa assim. Melhorei depois disso. Não completamente. Meu bebê podia ser de pelo menos duas pessoas, mas não era isso que me afligia. O que me afligia mesmo eram as exigências pra rainha do rodeio: morar no município, ter de dezoito a vinte e quatro anos, ser solteira e não estar grávida. Eu não apenas estava grávida, como tinha vinte e três anos. Meus dias estavam contados.

A cor do rodeio esse ano era o dourado. Minha cor preferida. O *design* da roupa para rainha estava exibido na cidade toda, só faltava decidir a vencedora e fazer os últimos ajustes. Era um sutiã dourado com franjas e faixas cruzadas logo abaixo das clavículas e uma calça com

brilhos, pedras prateadas e espaços deixando entrever pele nua, além de franjas douradas e um cinto grosso de *cowboy* com um touro na fivela. O curso, eu já tinha escolhido: Arquitetura — afinal, era São Paulo, cidade de Ruy Ohtake, Isay Weinfeld, Marcio Kogan e tantos outros que eu só conhecia à distância, pela internet. Ninguém acreditava que eu tinha futuro. Meu irmão não sabia citar o nome de um único arquiteto, mas disse que não tinha nenhuma mulher conhecida nessa área. Pra eu parar de sonhar mais alto que as minhas pernas, aproveitar que tinha aprendido a maquiagem e abrir um salão. Usar a bolsa (caso ganhasse) pra aprender administração de empresas. Meu pai só quis saber se além da bolsa eles davam casa comida luz gás roupa material didático e condução durante toda a faculdade, depois deixou claro que não ia pagar merda nenhuma dessas porcaria pra mim. Talvez não pensassem assim se soubessem que eu dava pra todo mundo, que eu nem sabia de quem tinha engravidado. Talvez preferissem me ver pelas costas, nesse caso. Uma mulher chamou meu nome, pode entrar, ela disse, perguntou de quanto tempo eu estava, se eu tomava algum remédio, se tinha doenças ou alergias. Se ia voltar sozinha ou se vinham me buscar. Cadê o médico, perguntei. Ele já vem, tá acabando uma prescrição, pode deixar suas coisas comigo, no fim do procedimento devolvo. Entreguei minha bolsa e meu celular, mas, quando ela saiu e fechou a porta, olhei pro

avental verde descartável na minha mão e quis pedir minhas coisas de volta. Ir embora dali, embora daquela cidade, daquele corpo. A rainha do rodeio com um avental verde precário e quase transparente, aberto atrás, curto demais. O médico era um senhor grisalho de óculos, um pouco acima do peso, um homem comum, um homem qualquer, talvez me pedisse café com creme e torta de maçã no Lopes um dia desses. Era simpático. Quase como meu pai antes de ficar viúvo. Vou amarrar suas pernas, não precisa se preocupar, é só pra não caírem quando você dormir. Olhou minha ficha. Ah, só cinco semanas! Vai ser tranquilo, não se preocupe. Quase nada. Me deixei deitar na maca (*quase nada*), a enfermeira voltou sem minhas coisas (*cinco semanas, quase nada*), prendeu meus pés nos suportes e espetou uma veia na minha mão. Suas veias são ótimas, disse. Sim, são de rainha, pensei, e tive vontade de rir. Que tipo de mulher faz piadas enquanto mata o próprio filho? Agora vou te garantir um bom soninho, o médico enfiou uma seringa no tubo ligado à minha veia e eu apaguei.

Acordei numa maca, em outro ambiente, a luz era fraca, eu estava de calcinha, absorvente, uma cólica muito longe. Estava sozinha. Então, alguma coisa explodiu. Comecei a chorar como nunca chorei antes, nem quando minha mãe disse que tinha câncer, nem quando o caixão desceu à terra, nem quando meu pai me xingou e jogou um copo em mim pela primeira vez. Esse choro

era diferente, era das entranhas que vinha, do útero, das vísceras, dos poros, talvez mais gritos do que choro, avalanche. A enfermeira veio correndo, calma, querida, o que houve? Tá sentindo alguma coisa? Eu não conseguia parar, o choro se agigantava, saltava como um touro, era expelido como um peão lançado ao chão, se misturava ao catarro que me escorria das narinas, à saliva que caía da minha boca. A mulher me abraçou, calma, querida, por favor, assim você vai assustar as meninas na sala de espera, para, por favor, tá tudo bem com você, correu tudo bem, você tá ótima, tenta pensar numa coisa boa, numa lembrança boa, a melhor coisa da sua vida, tenta pensar. Eu não queria assustar ninguém. Pensei no palco do rodeio, na minha faixa, no meu diploma, na roupa dourada, as luzes brilhantes. Sou a rainha do rodeio, eu disse. Quer dizer, vou ser. Vou ser a rainha do rodeio. Claro, querida, tenho certeza, você vai ser uma rainha linda. Senti as lágrimas voltarem, como se eu soubesse que mentia, os soluços voltarem, fechei os olhos: um dia vou ser uma ótima mãe. Ela segurou minhas mãos. Claro que vai. Agora chora mais baixo, por favor.

zombie worms

Doutor Abílio me diz escreve essas coisas se você não consegue falar, escreve sobre ela sobre o buraco a falta aquilo tudo que escoou, nada escoou eu digo, roubou seria a palavra certa, o tudo que ela roubou, a mesma placenta, o mesmo leite, o mesmo colo, o quarto, as roupas, os brinquedos, ela não podia ter feito isso, as lágrimas caem quentes, e é só dos meus olhos que caem, não podia ter me deixado aqui, como vou continuar, pergunto. Doutor Abílio não responde, ele nunca responde. Esta sessão é sobre ela, diz, inteirinha sobre ela, cadê a foto que te pedi? Tiro a fotografia do bolso da calça, não amassou nem um pedaço, ele equilibra a foto numa prateleira da estante, bonita a sua irmã, Anelise fica sorrindo entre um bibelô de gato japonês com a pata pro alto balançando e uma pilha de lombadas pesadas como blocos de concreto, *Kaplan & Sadock's Comprehensive Textbook of Psychiatry*, *Stahl's Essential Psychopharmacology*, ele acende uma vela, vamos falar sobre ela, o que você quiser me contar.

Foi no consultório do doutor Abílio o lance da vela? Improvável. Lembranças ficam confusas em tempos assim, tiro a folha de papel do bolso, desdobro, começo a

ler, minha voz parece ainda mais rouca nesse ambiente silencioso, protegido por paredes amarelinhas, os vidros duplos da única janela isolando o mundo lá fora, mas logo pigarreio, dobro o papel e guardo de novo no bolso.

Só volto a abrir em casa, sentada no chão do banheiro onde meus olhos não alcançam nossa imagem no espelho e o barulho do chuveiro abafa minhas palavras:

Dez Coisas Sobre Ela Aleatórias

I.

No quarto ainda tem o boneco Daruma, ela pintou o olho esquerdo com tinta preta, o direito jamais será pintado. Nunca saberei o que ela desejou. Quanto tempo demora para o corpo humano se decompor? Não sei por que não consigo tirar essa ideia da cabeça, mesmo sabendo que ela foi cremada, que nada se decomporá. Aos treze anos, nos apaixonamos pelo mesmo menino. Quando comecei a namorá-lo, ela pegou dois palitos, quebrou um na minha frente e guardou o outro no sutiã, ficou meses andando com um palito inteiro (era Denis, o nome dele) no sutiã, o palito quebrado (eu) ficou jogado no lixo. Uma baleia morta despenca até o chão e cria todo um ecossistema no oceano profundo, seus músculos alimentam os peixes, depois os crustáceos. Quando não resta mais nada, *zombie worms* aparecem

para sugar os ossos — um corpo em decomposição nunca está realmente morto. Ela era dada a simpatias. Na quinta série, antes da prova de matemática, escrevemos o nome do professor numa tira de papel e guardamos no freezer, no dia seguinte a diretora entrou cedo na sala e cancelou a prova, o professor tinha sido atropelado por uma bicicleta a caminho da escola. Eu e Analise nos trancamos no banheiro, eu fiquei admirada, surpresa e chocada, ela só chorou.

Em tempo: Denis e eu terminamos quatro meses depois. Não teve nada a ver com os palitinhos.

II.

O trem fica sempre cheio nesse horário. Penso em descer, em pular, meu corpo esmagado entre as pedras, esses cabelos que não corto há anos. Cabelos têm um comprimento máximo pré-determinado, menos os meus, os meus nunca param de crescer. Agora mesmo tenho-os apanhados num coque, se soltá-los, roçam-me os calcanhares. Se eu pudesse descer em Válega, iria à igreja-matriz, aquela de azulejos coloridos. Depois descansaria entre as lápides do cemitério e voltaria à estação para esperar o próximo trem com o rosto coçando e cheio de brotoejas por causa do sol. Um homem diz coisas num vagão ao fundo, meu coração acelera, temo que seja terrorista. Espio e ele tem barba grande e uma jaqueta imunda de camurça velha. Se começar a gritar, eu me jogo.

(Mais ninguém repara no homem. Duas garotas riem olhando um celular, uma senhora de lenço na cabeça segura um saco de pão, outra olha pela janela enquanto amamenta o bebê. O trem para em Válega e demora demais a partir. Preciso chegar em casa, tenho que alimentar os cães que vagam perto de casa.)

III.

Anelise sempre foi mais sensível. Ainda na faculdade foi estagiar num serviço de acolhimento a presos recém-libertos. Podiam ou não ser perigosos, ela não quis perguntar sobre os crimes, não queria “prejulgamentos”, eles já tinham cumprido suas penas. Ela oferecia um “acolhimento de suporte”, mas não era pra isso que eles iam lá, era por causa da cesta básica e do lanche e todo mundo sabia, por isso a cesta básica e o lanche eram a última coisa do dia. Para merecê-los, precisavam enfrentar o “acolhimento de suporte” com Anelise e uma sessão em grupo com o psicólogo chefe. Vou fazer uma dinâmica, ele explicou pra Anelise, hoje será uma atividade de desenho, distribui essas folhas e esses lápis de cor. Anelise entregou as folhas e os lápis pra cada um tentando se sentir confiante — mas no fundo já estava um tanto sem graça, estranho entregar lápis de colorir para ex-detentos. Quero que vocês desenhem o sonho da vida de vocês, disse o psicólogo chefe e Anelise deixou de se sentir ridícula,

cada homem abraçou a tarefa como se fosse um trabalho seríssimo, uma missão a ser cumprida, e havia delicadeza e misericórdia naquela cena; homens fortes e calejados pintando casinhas, grama, árvore, um se sentou no chão para apoiar a folha melhor e ninguém achou esquisito, Anelise percorreu o círculo e percebeu que os sonhos eram todos iguais: casa, jardim, família. Cada homem que terminava guardava os lápis com cuidado na caixa e arrumava em cima da mesa, depois voltava para sua frágil e estreita cadeira de plástico e esperava com o desenho nas mãos, tomando cuidado pra não amassar, e era como entrar num túnel do tempo e observar um jardim de infância: de repente não importava *mesmo* quem tinha cometido que crime, estupro, roubo, sequestro, assassinato, tudo parecia distante e perdoável naqueles meninos orgulhosos segurando seus sonhos de vida, e então o psicólogo chefe: agora quero que cada um segure a folha de papel — dedos grossos desajeitados segurando as folhas pelas duas pontas superiores — e quero que rasguem a folha. Rasguem, rasguem em vários pedacinhos, os homens se olharam, Anelise teve um medo estranho, só um rasgou hesitante, devagar, o silêncio era tanto que dava pra ouvir o barulho da folha rasgando e então como numa contaminação virulenta todos rasgaram as folhas, no começo hesitantes, depois resignados ou tristes ou raivosos e quando estava tudo rasgado o

psicólogo chefe disse aquilo que vocês sonharam, que vocês planejaram, já era, não vai acontecer mais, nunca mais, esse sonho já era, acabou, mesmo que vocês colem cada pedacinho as coisas nunca mais vão ser como antes. A mim pareceu compreensível a estratégia do psicólogo chefe, mas não o confessei a Anelise enquanto ela chorava e soluçava ao telefone.

IV.

Quando éramos crianças, um homem ligou pra nossa casa e eu atendi. Tinha a voz muito grave e um sotaque estranho, mas dava pra ver que estava sorrindo. Pediu pra falar com meu pai. Ele não tá em casa, eu disse. Anelise tirou a extensão do gancho e ficou escutando, a mão cobrindo a boca pra não fazer barulho. Sou Afonso Enriquez, grande amigo do teu pai. Quando ele chegar, diz que eu liguei. Desligamos e anotei no caderninho: Afonso Enriquez. Minutos depois minha mãe entrou no quarto com o caderninho na mão. Estava pálida. O que é isso? Recado pro papai. Nossa mãe sentou na cama: quando o pai de vocês chegar, não digam nada. Deixem que eu dou esse recado. Ele é capaz de infartar. A gente se sentou no chão e ela contou que Afonso e papai tinham sido muito amigos, tinham se exilado juntos no Chile durante a ditadura. Depois voltaram ao Brasil, foram presos e eles perderam o rastro do Afonso, procuraram por anos sem nunca encontrar. Pensavam que

ele estava morto. Guardei a história como uma pedra preciosa emocionante, mas mal papai abriu a porta de casa Anelise correu para abraçá-lo, gritando seu amigo Afonso tá vivo, papai, ele ligou! Ninguém infartou, ninguém levou bronca.

V.

Meu marido quer saber por que não engravidou. Ele não sabe que guardo uma cartela de anticoncepcional debaixo do colchão e engulo um toda manhã quando ele entra no banho. Hoje perguntou se não está hora da gente marcar consulta com um especialista em fertilidade. Por que não adotamos um cão?, penso em dizer, um desses vira-latas que vagam em torno da casa, aquele castanho que uiva enlouquecido quando passa uma ambulância ou o begezinho que matou um pombo outro dia? Talvez eu deva mudar de pílula pra injeção, ouvi dizer que basta uma a cada três meses.

VI.

Eu: Pensei que sonhos fossem importantes.

Doutor Abílio: Podem ser, sim. Por quê? Você sonha muito?

Eu: Você nunca quis saber dos meus sonhos.

D.A.: Você pode falar do que quiser, quer contar algum sonho?

Eu: O.K, vou anotar alguns.

Sonhos anotados (que nunca vou mostrar pra ninguém, muito menos pro doutor Abílio):

Sonho número um. Ponho um vira-lata desses que vagam na rua pra dentro de casa, mas depois ele vira uma mulher. Usa um vestido de alcinhas com um estranho e intrincado padrão amarelo. Mergulho sua cabeça na banheira e a batizo como Miríade, mas meu marido diz que não gosta do nome, que prefere chamá-la escrava, cadela ou qualquer outra coisa brutal. Começo a me sentir ameaçada pela Miríade, apesar disso ser bem doido da minha parte. Ela dorme encolhida debaixo da minha cama e o padrão do seu vestido amarelo muda quando não estamos olhando. Guardo pão e biscoitos para alimentá-la, injeto anticoncepcional no seu braço, o furo nunca sangra. Acordo confusa e tento terminar o sonho, mas não consigo. Fico deitada no escuro pensando o que aconteceria se eu me jogasse do trem. Ela morreria de fome? Ou passaria pra minha cama?

Sonho número dois. Passo por uma viela escura que desemboca num largo. Três caminhoneiros me dizem obscenidades, suas bocas estão sujas com sabão ou espuma de cerveja. Há um daqueles cubículos de banheiro químico ao lado de uma obra: entro no banheiro, enfio os dedos por dentro da calcinha e esfrego, esfrego nos pelos pubianos, na cavidade quente e úmida do meu corpo, depois saio sem lavar as mãos, me aproximo do

mais bruto deles e encosto os dedos no seu nariz. Eles me seguem até a viela escura, me jogo no chão e grito como um animal. Não como um felino no cio, mas como uma ratazana com filhotes encurralada num canto. Os homens me xingam e fogem correndo, um deles grita e diz que sou louca.

Observação: O luto é uma experiência desestruturante, doutor Abílio garantiu, é como navegar num mar agitado em direção a uma lagoa plácida, a dor vem em ondas até que um dia ela para.

VII.

A raiva rasteja

e eu a bebo.

Fruto de trepadeira não desce

Teu deus fustiga o meu corpo,

as costas, os pés

Estou coberta de escaras,

e estou livre,

Sou oferenda

e toda alívio

Encontrei isso escrito numa agenda na minha mesinha de cabeceira, só posso ter escrito dormindo. Não sou sonâmbula. O mais assustador é que a letra parece da Anelise. Gêmeos univitelinos não têm caligrafias iguais.

VIII.

Anelise sentada observando nuvens pesadas que se formam na linha do horizonte, sobre o mar de água de rio. Uma linha de tempestade desce oblíqua do meio da nuvem e chove sobre o oceano doce. As nuvens em Belém do Pará são sempre carregadas.

IX.

Anelise olhou as fotos e achou Lisboa parecida com Belém. Eu não acho. Aqui nunca vemos uma tormenta que se forma ao longe. Lá chove no inverno, mas as coisas não mofam. Aqui chove tanto que as roupas não secam e os morangos mofam ainda no pé. Sinto falta do sol, estranho o jeito como tratam os ciganos, confundo as moedas e sonho com batata-baroa e banana-da-terra. Anelise não gostaria de viver aqui.

X.

Prédio do consultório. Entro no elevador e uma mulher vestida de branco entre vinte e trinta anos me olha rapidamente, tem um adesivo colado na blusa: *Pergunte-me como*. Desvio o olhar com medo dela me dizer *como* mesmo sem eu ter perguntado. Toco a campainha, sorrio pro doutor Abílio.



vencedor.
na categoria
CONTO



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

